

A
Missa

ENSINO, EXEGESE E CONFRONTO

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

Edições Cristãs

ÍNDICE

Dedicatória

Prefácio

Preliminares

EUCARISTIA-SACRAMENTO

A presença real de Jesus Cristo na hóstia

A promessa da presença real

O testemunho de Paulo apóstolo

A transubstanciação

O culto eucarístico

Pasmem!!!

A eucaristia é atentatória à razão

A eucaristia e o testemunho dos sentidos

EUCARISTIA-SACRIFÍCIO

Noções preliminares

A missa, de sua própria natureza, é sacrificio

A missa e a Ceia do Senhor

A missa e o Calvário

O Calvário no altar da missa

E será a missa um sacrificio expiatório?

O pulo pela janela!

Enfim, cavou o seu próprio abismo

EPÍLOGO

A Ceia do Senhor

DEDICO

A JESUS CRISTO,

* O Mediador da Nova Aliança (Hebreus 9.15), cujo sangue nos purifica de todo o pecado (1ª João 1.7);

* O Cordeiro imaculado e incontaminado (1ª Pedro 1.19), cujo sangue é a propiciação pelos nossos pecados (1ª João 2.1);

* O Sumo Sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus, que não necessita, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrificios, primeiramente, por Seus próprios pecados e, depois, pelos do povo, porque isto fez Ele, uma vez, oferecendo-Se a Si mesmo (Hebreus 7.26-27);

* Que, oferecendo-Se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O esperam para salvação (Hebreus 9.28);

* Que, havendo oferecido um ÚNICO SACRIFÍCIO pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus (Hebreus 10.12);

* Que, havendo ressuscitado dos mortos, já não morre, a morte não terá mais domínio sobre Ele (Romanos 6.9);

* O ÚNICO E TODO-SUFICIENTE PORQUE TODO-EFICIENTE SALVADOR (Atos 4.12) que nos ama e, em Seu sangue, nos lavou dos nossos pecados e nos fez reis e sacerdotes para Deus e Seu Pai;

* A ELE A GLÓRIA E O PODER PARA TODO O SEMPRE. AMÉM (Apocalipse 1.5-6).

.oOo.

PREFÁCIO

MINGUADÍSSIMOS CATÓLICOS conhecem as doutrinas de sua religião. Aos sacerdotes, outrossim, falta interesse de ensiná-los. Contanto que os seus fiéis os procurem em determinadas

circunstâncias, como no nascimento de uma criança, no casamento de uma filha ou nos funerais de um consangüíneo, e se digam católicos no recenseamento, considerar-se-ão líderes.

Quanto à missa, então, a ignorância é muito além de crassa.

Muitos católicos assistem-na aos domingos. Alguns apreciam-na como parte dos programas comemorativos de datas nacionais, de vitórias políticas ou esportivas ou de formaturas escolares. Promovem-na todos por alma de um falecido parente.

Agora, pergunte-se a qualquer católico, romano ou de qualquer outra seita católica, o que ele entende por missa. Faça-se uma enquete entre os próprios praticantes. E ver-se-ão as respostas mais diversas, mais disparatadas e, sobretudo, mais distantes da teologia de sua grei. Ignoram-na por completo. Até os catequistas, professores de religião, se alinham entre os ignorantes da missa.

Em visita pastoral estive em Orlândia o bispo de Ribeirão Preto (Estado de São Paulo). Abalou-se a cidade toda para vê-lo e prestar-lhe homenagens de príncipe.

“O Bispo, como representante de Cristo na terra, merece as honrarias de Chefe de Estado”, esclarecera o vigário no sermão do domingo anterior à chegada episcopal.

Concluída a visita, após a viagem de regresso do prelado, o assunto girava em torno do bispo, seus gestos, suas palavras, sua indumentária e as solenidades que o envolveram.

Numa aula da terceira série ginásial, a Elizabeth, catequista fervorosa, sôfrega por descobrir segredos do professor, pois ele fora o único ausente das festas prelatícias, perguntou:

“Professor, por que o senhor não vai na missa?” que seu português está errado. Deve dizer-se: Ir à missa, como se diz: Vou ao futebol ou ao cinema...”

“Tá certo, fessô! E por que o senhor não vai à missa?”

Apesar de ser rigoroso também quanto à redação e à gramática nas provas de suas matérias (História Natural e História Universal), tirando pontos em consequência dos erros de português, o Professor Henrique Cyrillo Corrêa relevou o “tá certo, fessô!” da devota aluna e lhe retrucou:

“Afinal, o que é a missa?”

“Ora, a missa é... A missa é missa, né?”

“Elizabeth, você não me respondeu a pergunta. Você é catequista e deve saber melhor do que todos nós o que é a missa”.

A pobre Elizabeth, nervosa e desapontada, pôs-se a chorar. E, entre soluços, balbuciou:

“Acho que a missa é uma oportunidade pra gente se reunir pra rezá junto”.

Refugiara-se Elizabeth em suas lágrimas e o Professor Corrêa, embora de convicção religiosa evangélica – protestante, como dizíamos – elucidou o assunto:

“É a renovação, a atualização do mesmo sacrifício do Calvário em que se consumou a nossa redenção, conforme ensinam os padres”.

Um rapaz, o Walter, sempre caladão, demonstrou sua estranheza:

“Ué, pensei que a missa era uma devoção como outra qualquer, assim como o rosário, a trezena de Santo Antônio, a novena de Nossa Senhora de Fátima”.

“Não, Walter! Você não é católico?”

“Sou católico e rezo toda noite”.

“É católico e não sabe o que é a missa? Você não vai à missa? Desculpe-me, Walter! Você não vai à missa?”, interferiu o Miranda.

“Sempre vou. Mamãe me obriga. Se não for à missa, mamãe não me deixa ir ao matinê”.

“Você não sabe direito o que é a missa porque você é um católico relaxado”, investiu o Falaguasta.

Generalizou-se uma altercação. Elizabeth enxugara as lágrimas e agredia um colega que detestava o vigário.

Amainados os ânimos com a interferência do professor, pôde ele elucidar:

“Pois é, a missa, de acordo com a religião de vocês, repete o sacrifício de Jesus na Cruz. Só que de modo incruento. Incruento quer dizer sem derramamento de sangue porque no Calvário o sacrifício de Cristo foi com derramamento de sangue. Então, é esta a única diferença entre o sacrifício da Cruz e o sacrifício da missa”.

“Professor, o senhor não é da nossa religião?”, perguntou o Milton.

Acalmada, insiste Elizabeth:

“O Senhor não é católico? É por isso que o senhor não vai à missa? Ah, por isso o senhor não visitou o bispo. É, o povo tá comentando...”

“Não vou à missa”, prosseguiu o Professor, “porque não creio nela. Ir só para atender imposição social? Isso me recuso a fazer. É um absurdo querer-se uma renovação do sacrifício de Cristo e a presença real do mesmo Cristo num pedaço de pão. Elizabeth, o sacrifício de Cristo na Cruz não é de valor infinito?”

“É, Professor”.

“Então, como pode ser repetido? Renovado?”

“O senhor não é cristão?”, atreveu-se a perguntar o Falaguasta, trôpego e pálido de tanto masturbar-se, apesar de ser coroinha até das missas cantadas.

“Justamente porque sou cristão não posso crer na missa. Justamente porque creio na toda-suficiência do sacrifício de Cristo é que descreio da missa”.

E o Professor Henrique Cyrillo Corrêa se alongou em explicações sobre a necessidade da morte de Cristo para a salvação do pecador e sobre a toda-suficiência daquele sacrifício cruento por ser de valor infinito.

A classe toda sentiu um calafrio com a exposição.

O toque da campainha, pondo fim à aula, interceptou-a. E os alunos em cochicho:

“O Professor Corrêa, então, não é católico?”

“Você não sabia? O “seu” vigário já disse que ele é protestante e a gente não deve escutar o que ele diz”.

“Vou já na diretoria. Vou contar tudo prô sô Geraldo”.

Na aula seguinte, o professor estava impedido de prosseguir seus esclarecimentos, conforme havia proposto. A direção do colégio vedara-lhe toda e qualquer manifestação religiosa.

No ano seguinte, os alunos perderam o melhor mestre. Vetaram-lhe a renovação do contrato como represália por descrer ele da renovação da Cruz na missa.

Aquela palavra incisiva, apesar de rápida, deu enorme trabalhadeira ao pároco que, em domingos sucessivos, precisou pregar sobre a missa, relatando uma enorme série de “milagres” feitos pela hóstia e de “pavorosos castigos” contra seus negadores, no intento de tornar os seus fiéis refratários às dúvidas.

Se os sacerdotes ensinassem todos os aspectos doutrinários do assunto eucarístico perderiam muitos deles. Verificariam estes a absurdidade do “santíssimo sacramento” e repeliriam sua devoção e jamais se submeteriam à adoração da hóstia.

Certa feita, ao encerramento de um culto evangélico, procurou-me, zangada, uma jovem. Exasperara-se com minha mensagem:

“O senhor atacou minha religião. Sou católica. Vim a convite de uma colega de magistério. Em troca de minha educação ao atender ao convite dela, sou desfeiteada...”

E despejou o seu desabafo muito humano.

Paciente, ouvia-a.

Quando se me ofereceu ensejo, indaguei:

“Você é católica praticante por ir à missa todos os domingos?”

“Só aos domingos? Não, senhor! Assisto missa todos os dias. E comungo!”

“Você está nervosa. Não quero que me responda agora”, retruquei-lhe. “Você é professora, uma moça culta. Deve ser muito sincera em seu fervor eucarístico. Peço-lhe procurar o seu pároco e informar-se

com ele sobre a eucaristia, como sacrifício e comunhão. Desde que você é professora, portanto, moça culta, peça-lhe que lhe dê informações mais extensas e pormenorizadas sobre o assunto missa. E volte amanhã. Se não quiser assistir ao culto para não se sentir desfeiteada, chegue após e procure-me”.

Na noite seguinte, retorna a professora. Assistiu ao culto. Tudo ouviu. Depois, fomos conversar. Repetiu-me o que o seu vigário lhe havia dito sobre a missa. Fiz que ela declarasse várias vezes a informação do clérigo de que a missa é a repetição ou renovação do sacrifício de Cristo.

A meu pedido na noite anterior, trouxe um exemplar da Bíblia chamada católica. Abri-a na Carta aos Hebreus e disse-lhe, ato simultâneo, indicando-lhe os versículos 24 a 28 do capítulo 9 e os versículos 10 a 17 do capítulo 10:

“Leia, por favor”.

Após a leitura e algumas palavras, pedi-lhe:

“Procure outra vez o seu pároco e peça-lhe que lhe explique como pode ser a missa renovação ou repetição do sacrifício de Cristo diante destes versículos bíblicos”.

A jovem perturbou-se. Dispôs-se a falar, de novo, com o seu vigário. E, quando retornou, na noite subsequente, estampava no rosto sua perturbação. Conversamos ainda por várias vezes. Ela sempre se valendo do seu sacerdote. Cada vez mais em dificuldades. O pároco utilizara-se de toda a sofistaria da sua dogmática. E a jovem professora acabou se convertendo a Jesus Cristo e tornando-se membro de uma igreja batista.

O método mais eficiente de se evangelizar qualquer pessoa é mostrar-lhe à luz da Bíblia e da razão as incongruências da sua religião.

E quando se trata de um católico praticante o ponto chave é a missa.

Com efeito, todas as doutrinas referentes à eucaristia têm pela frente os dois mais acérrimos inimigos: a Bíblia e a Inteligência.

Como sacerdote, rezei milhares de missas. Missa simples. Missa solene, cantada. Missa de defunto. Missa de corpo presente. Missa de casamento. Missa em datas nacionais. Missa de vitórias políticas. Missa de campeonato de futebol. Missa de “Nossa Senhora”. Missa dos “santos”. Missa de aniversário de gente importante. Missa de formatura. Missa para pedir chuva e bom tempo. Missa contra peste. Em templos majestosos. Em capelas rurais. Nas praças públicas. Com duas e com doze velas. Acompanhadas de grandes corais. Ou de “benditos” arrastados por pobres beatas. Quantas missas!

Centralizei fervorosamente toda minha vida de padre no altar da missa. Na eucaristia.

A maturação deste livro exigiu-me longos anos, terríveis sobressaltos, indizíveis angústias e sérios estudos. É ele o resultado de uma busca honesta da Verdade. E objetiva um propósito: esclarecer os católicos sobre os ensinamentos de sua própria religião quanto à eucaristia por eles ignorada, movendo-os, se sinceros, à fé em Jesus Cristo, ÚNICO E TODO-SUFICIENTE SALVADOR, cujo sacrifício, de valor infinito, adquiriu méritos para a salvação de todos quantos nEle confiam segundo as Escrituras.

As citações de importantes documentos conciliares e pontifícios fundamentam a seriedade da exposição e corroboram nossas assertivas. O latim, língua oficial do Vaticano, confirma a legitimidade das transcrições e facilita o recurso às fontes originárias sempre indicadas.

Visa ainda este livro ajudar os autênticos pregadores do Evangelho a se informarem sobre a matéria afim de cumprirem a contento sua missão evangelizante.

A conversão do pecador é obra do Espírito Santo. Utiliza-nos o Senhor, como Seus instrumentos. E quanto melhores forem estes, mais produzirá Sua atuação.

Fecundada, pois, pela Graça do Espírito Santo do Senhor, iluminador das consciências, esta obra abrirá roteiros. Para os católicos fervorosos, abri-los-á conduzindo-os a Jesus Cristo. E para os crentes evangélicos, favorecendo-lhes elementos e dados para novas e gloriosas conquistas de almas.

São Paulo, 16 de abril de 1976

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

(ex-padre)

.oOo.

PRELIMINARES

A **COMPREENSÃO** das palavras é de suma importância e de absoluta imprescindibilidade no estudo de qualquer matéria.

No assunto em foco, três vocábulos são fundamentais: sacramento, eucaristia e missa.

Muitos outros, a eles correlatos ou referentes nestas páginas encontrados, a seu tempo serão elucidados.

SACRAMENTO

É um sinal sensível, material, externo, instituído por Cristo, em caráter permanente, que significa e confere a graça, eis a definição da teologia romana (1).

São 7 os sacramentos de acordo com a dogmática vaticana: batismo, confirmação ou crisma, eucaristia (o “santíssimo sacramento” do altar), a penitência ou confissão, a extrema-unção ou unção dos enfermos, a ordem ou ordenação sacerdotal e o matrimônio (2).

Os três aspectos essenciais do sacramento são:

A)- SINAL SENSÍVEL - É a matéria que simboliza convenientemente a Graça que, pela mesma matéria, é produzida e conferida.

A água, por exemplo, é o sinal sensível do sacramento do batismo porque é de sua propriedade purificar e, portanto, no batismo, ela purifica a alma do pecado original. O pão e o vinho, sinais sensíveis da eucaristia, têm de si a propriedade de alimentar e, transubstanciados na eucaristia, alimentam os seus comungantes.

O emprego do sinal sensível só se torna, de fato, sacramento quando acompanhado de determinadas palavras rituais.

No batismo, o sacramento ocorre quando a água é infundida sobre o candidato mediante a prolação da fórmula: “Eu te batizo em Nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”. Na eucaristia, os elementos (pão e vinho) se transubstanciam em Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo sob as palavras proferidas pelo celebrante no momento da consagração, de conformidade com as determinações do missal.

B)- INSTITUÍDO POR JESUS CRISTO - Em sendo Deus, Cristo é a causa principal dos sacramentos, porquanto só Ele poderia atribuir a um elemento material, sensível, tamanha capacidade de produzir e conferir a Graça.

Instituiu-os, outrossim, de modo permanente até a consumação dos séculos.

C)- SIGNIFICA E CONFERE A GRAÇA - É, portanto, um sinal eficaz.

Há sinais que indicam uma coisa, sem lha dar. A fumaça é sinal de fogo, mas não o produz. O sol, contudo, é um sinal eficaz do dia, porquanto, além de indicá-lo, o produz.

O sacramento indica a graça e a produz “*ex opere operato*”, isto é, por si mesmo. Eficaz e infalivelmente a produz. Atendendo os dois requisitos acima, no batismo, infalivelmente o candidato recebe o perdão do pecado original, regenera-se e se torna filho de Deus.

Infalivelmente, o pão se torna o próprio Cristo, independentemente das disposições espirituais e morais do celebrante.

EUCARISTIA

Etimologicamente, o vocábulo EUCARISTIA procede da palavra grega “eucharistia”, do verbo “eucharistéo”, e quer dizer “boa graça” ou “ação de graças”.

Quanto ao motivo porque se adotou esse termo para o “santíssimo sacramento” os teólogos se desentendem. Aliás, é de todo conveniente que os leitores já estejam informados de que em ponto algum os teólogos católicos se entendem quanto à eucaristia, a partir do motivo do emprego deste termo. Porfiam tão somente em escapar das penas da excomunhão.

Uns se baseiam no significado de “boa graça” ou porque o sacramento contém em si a Cristo, a Graça Soberana, verdadeira fonte de todas as graças; ou porque por ela se impetram graças; ou porque pressignifica a vida eterna.

Outros baseiam-se no sentido da “ação de graças” ou porque à sua instituição precedeu uma ação de graças feita por Cristo (**“e, tendo tomado o pão, deu graças”** - Lucas 22.19), ou porque nada de mais agradável se pode oferecer a Deus como graça por todos os benefícios recebidos do que a “santíssima hóstia”.

Segundo a teologia católica romana, porém, ela se define como o sacramento instituído por Jesus Cristo que contém verdadeira, real, física e substancialmente o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo e Lhe renova e reproduz incruenta e misticamente o sacrifício da Cruz.

Nessa definição, portanto, incluem-se os três dados imprescindíveis como elementos essenciais da eucaristia:

- a) Sua instituição divina por Cristo;
- b) A presença verdadeira, real, física e substancial de Jesus Cristo todo inteiro;
- c) A repetição ou renovação incruenta e mística do sacrifício do Calvário (missa).

Infere-se, então, o sentido do vocábulo MISSA, um dos três termos mais encontrados neste tratado.

A EUCARISTIA E A ENCARNAÇÃO

Em sendo a eucaristia o sacramento da PRESENÇA FÍSICA da humanidade de Cristo, ela renova a encarnação. Não no sentido de que Jesus, de novo, Se encarne no seio de Maria. Renova-a naquilo que substancialmente a encarnação realizou: a tabernaculização do Verbo na carne humana. A eucaristia, desse modo, reitera no altar da

missa a encarnação de Cristo porque na hóstia consagrada Se encontra o Seu corpo gerado no seio de Maria. “*Verum Christi Domini corpus, Illud idem quod natum ex Virgine...*” (Catech. Ad Parochos – art. De Eucharistia).

A EUCHARISTIA E A REDENÇÃO

Cristo Se encarnou tendo em vista o Seu sacrifício e a Sua morte em redenção dos pecadores. Na missa Ele Se TORNA FÍSICA e REALMENTE presente sob as espécies de pão e vinho para reproduzir e renovar aquele sacrifício.

Fundamentalmente, só há uma diferença. No Calvário houve sangue. Na missa ocorre um sacrifício incruento. Mas é o mesmo sacrifício (3).

A EUCHARISTIA E A TRINDADE

Dá-se sob as espécies sacramentais o mistério do próprio Deus Uno e Trino.

Com efeito, as três Pessoas são consubstanciais. Inseparáveis. Onde está o Verbo, o Filho de Deus, estão unidos a Ele, pela unidade de substância, o Pai e o Espírito Santo. A Trindade Santíssima, portanto, Se encontra realmente presente na hóstia.

Nesse caso, a eucaristia centraliza todo o poder de Deus: criador, conservador, redentor e santificador.

Na eucaristia são superados, por conseguinte, todos os maiores prodígios divinos (Tomás de Aquino – III P. Q. 75, art. 8, ad 3).

É ela a síntese acabada da fé católica e, por isso, cognominada de mistério da fé (*mysterium fidei*).

Nela se resumem todos os mistérios da fé: nela está a Trindade; nela a encarnação se prolonga; nela a redenção se renova; nela se sustenta a vida da “igreja”; nela se dá o penhor da glória imortal: *et futurae gloriae nobis pignus detur*.

A EUCHARISTIA, O CENTRO DO CULTO CATÓLICO

Toda a vida do catolicismo circula da eucaristia. E perderia o significado de sua existência se a eucaristia fosse extinta. “O mistério da santíssima eucaristia”, afirma o papa Pio XII em sua encíclica *Mediator Dei*, “instituída pelo Sumo Sacerdote Jesus Cristo e por Sua vontade perpetuamente renovada pelos seus ministros, é a cúpula e como que o centro da religião cristã”.

De sua vez o papa Montini (Paulo VI) lembra: “Porque, se a sagrada liturgia ocupa o primeiro lugar na vida da igreja, o mistério

eucarístico é, podemos dizer, o coração e o centro da sagrada liturgia” (Encíclica *Mysterium Fidei*, 3). A eucaristia é o “centro da Igreja Universal” (Id. Ib, § 68).

A Sagrada Congregação dos Ritos, em sua instrução *Eucharisticum Mysterium*, de 25 de maio de 1967, reitera: “O mistério eucarístico é verdadeiramente o centro da sagrada liturgia e mesmo de toda a vida cristã” (§ 1). “...A celebração eucarística é o verdadeiro centro de toda a vida cristã” (Id. Ib., § 6).

DOCUMENTAÇÃO:

(1) “*Signum sensibile, a Christo permanenter institutum, ad gratiam sanctificantem significandam et conferendam*” (Ad. Tanqueray – *Synopsis Theologiae Dogmaticae* – Roma, 1945 – *De Sacramentis* – p. 216).

(2) “*Si quis dixerit, sacramenta Novae Legis non fuisse omnia a Iesu Christo Domino Nostro instituta, aut esse plura vel pauciora, quam septem, videlicet baptismum, confirmationem, eucharistiam, poenitentiam, extremam unctionem, ordinem et matrimonium, aut etiam aliquod horum septem non esse vere et proprie sacramentum: anathema sit.*” Se alguém disser que os sacramentos da Nova Lei não foram todos instituídos por Jesus Cristo nosso Senhor; ou serem em maior ou menor número do que sete, ou seja, batismo, confirmação, eucaristia, penitência, extrema-unção, ordem e matrimônio, ou ainda que algum destes sete não seja verdadeira e propriamente sacramento: seja anátema (Concílio Ecumênico de Trento – Sessão VII, cn. I – D. 844).

(3) “*Et quoniam in divino sacrificio, quod in missa peragitur, idem ille Christus continetur, et incruente IMMOLATUR, qui in ara crucis semel se ipsum cruento obtulit...*” E porque no divino sacrifício que se faz na missa contém-se e é imolado sem espargimento de sangue o mesmo Cristo que no altar da Cruz Se ofereceu uma só vez em sacrifício cruento...” (Concílio Ecumênico de Trento – Sessão XXII, cap. II – D. 940).

.oOo.

EUCARISTIA - - SACRAMENTO

PRESENÇA REAL

**“Debaixo destas [espécies do pão e do vinho]
está Cristo completo,
PRESENTE NA SUA REALIDADE FÍSICA,
mesmo CORPORALMENTE”**

(Paulo VI, em *Mysterium Fidei*, § 46).

A PRESENÇA REAL DE JESUS CRISTO NA HÓSTIA

A DOCTRINA CATÓLICA

O CONCÍLIO ECUMÊNICO DE TRENTO, em sua sessão de 11 de outubro de 1551, definiu a presença real e substancial de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, sob as espécies de pão e de vinho depois de devidamente consagradas.

Nestes elementos, Cristo Se encontra com o Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Tão verdadeiramente como está no céu. Negá-lo é incorrer, “*ipso facto*”, em pena de excomunhão ou anátema (1).

Trata-se do mesmo corpo que nasceu da Virgem Maria e se encontra à destra do Pai (2).

Tomás de Aquino, o doutor angélico, o expoente dos teólogos romanos, assegura encontrar-Se Cristo todo inteiro nas espécies eucarísticas: a carne com os seus ossos, nervos e outras coisas próprias e naturais ao corpo humano (3).

O Catecismo Romano, produto do Concílio de Trento, exige dos párocos ensinarem aos seus fiéis essa mesma presença corpórea de Cristo (4).

Porventura não terá o Concílio de Trento fixado em dogma uma doutrina medieval que, com o evoluir da Idade Moderna e da Contemporânea, o Catolicismo tenha abandonado ou mitigado?

Poderíamos enfileirar uma enorme série de citações de teólogos e pontífices vaticanos no intento de demonstrar a constância, a permanência, dessa doutrina.

Os limites de um livro de divulgação popular nos desaconselha esta tarefa. Restringir-nos-emos a memorar as palavras de Pio IX, o papa da proclamação dos dogmas do primado e da infalibilidade do romano pontífice e da imaculada concepção de Maria, o autor dos mais salientes documentos teológicos como o **Syllabus**.

Pio IX, em sua Bula “*In Nobis*”, repisa o decreto tridentino: “E que no santíssimo sacramento da eucaristia estão VERDADEIRA, REAL e SUBSTANCIALMENTE o Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo” (5).

Com a proclamação do dogma da infalibilidade pontifícia, supunha-se haver sido o último o Concílio Ecumênico Vaticano I (1870). Mas, para surpresa geral, o papa Roncalli (João XXIII) convocou, embora persistisse em sustentar a sua infalibilidade, o Concílio Ecumênico Vaticano II (1961-1965). Com a sua morte, em junho de 1963, aguardava-se com expectativa a decisão de seu sucessor, Paulo VI, quanto ao prosseguimento do referido Concílio.

Confirmada a prossecução, do princípio ao fim, o Concílio sustentou sua característica pastoral.

Desfraldou-se o vexilo do “*aggiornamento*”. Embandeirou-se o Vaticano de propósitos de atualização.

A atualização, contudo, foi apenas epidérmica, superficial. Limitou-se ao âmbito disciplinar. Quanto à doutrinária, nem um centímetro cedeu.

Mui honesto, aliás, Paulo VI podou quaisquer aspirações de reforma dogmática: “O I Concílio Vaticano ensina que nos dogmas se deve conservar perpetuamente aquele sentido que, de uma vez para sempre, declarou a santa madre igreja, e que nunca é lícito afastarmos desse sentido, pretextando e invocando maior penetração” (Encíclica “*Mysterium Fidei*”, § 25).

Em particular, quanto à eucaristia, o papa Montini (Paulo VI) publicou a sua Encíclica “*Mysterium Fidei*” exatamente para coibir o ímpeto de alguns teólogos preocupados em modificar apenas a terminologia eucarística. E, a fim de reprimir os que “divulgam opiniões que perturbam o espírito dos fiéis” (§ 10), reafirma “a doutrina sempre defendida e ensinada pela Igreja e definida solenemente pelo Concílio de Trento” (§ 4).

Paulo VI, o papa da teologia do Vaticano II, recorre, na sua encíclica sobre a eucaristia, para ratificar a tradicional doutrina sobre o assunto, aos depoimentos de vários “pais da igreja”, culminando-os com a transcrição do juramento que seu antecessor Gregório VII obrigou Berengário a prestar, porque antes renegava o dogma eucarístico: “Creio de coração e confesso de palavra que o pão e o vinho, colocados sobre o altar, se convertem substancialmente, pelo mistério da oração sagrada e das palavras de nosso Redentor, na verdadeira, própria e vivificante Carne e no Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, e que, depois de consagrados, são o verdadeiro Corpo de Cristo, que, nascido da Virgem e oferecido pela salvação do mundo, esteve suspenso na cruz e agora está assentado à direita do Pai; como também o verdadeiro Sangue de Cristo que saiu do Seu peito. Não está Cristo somente em figura e em virtude do sacramento, mas na Sua natureza própria e na Sua verdadeira substância” (§ 52) (6).

Ainda na Encíclica “*Mysterium Fidei*” o Papa Montini invoca como testemunho da fixidez do dogma ao Concílio de Trento que “afirma clara e simplesmente que, no augusto sacramento da santa eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, está presente VERDADEIRA, REAL e SUBSTANCIALMENTE, sob a aparência dessas realidades sensíveis” (§ 45).

E, na alínea seguinte, Paulo VI sublinha: “... debaixo destas [espécies de pão e de vinho] está Cristo completo, PRESENTE NA SUA REALIDADE FÍSICA, mesmo CORPORALMENTE...”

Ao transcrevermos os documentos do Concílio de Trento, dos papas Pio IX e Paulo VI, destacamos em caixa alta os advérbios VERDADEIRA, REAL e SUBSTANCIALMENTE, bem como a expressão PRESENTE NA SUA REALIDADE FÍSICA, mesmo CORPORALMENTE.

Ao se referir à presença de Cristo na eucaristia, a doutrina vaticana sublinha-a com esses advérbios e expressões fortes com o propósito de rejeitar outras formas de presença.

Assim, o advérbio *VERE* (verdadeiramente) para repelir a presença simbólica. *REALITER* (realmente), advérbio equivalente a FÍSICA e CORPORALMENTE, contra os defensores da interpretação metafórica. E *SUBSTANTIALITER* (substancialmente) contra a presença espiritual. Segundo a doutrina católica, Cristo está REAL, VERDADEIRA, SUBSTANCIAL, CORPORAL e FÍSICAMENTE presente na hóstia consagrada.

Ele não está presente por Sua influência santificadora, ou que a hóstia seja um sinal, uma simples imagem de Sua presença mística.

De vários modos, Cristo está presente à Sua Igreja, reconhece a teologia vaticana. “Cristo está presente à Sua Igreja enquanto esta ora...”. Ele mesmo prometeu: **“Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, ali estou no meio deles”** (Mateus 18.20). Está presente à Sua Igreja enquanto esta peregrina e anseia por chegar ao porto da vida eterna; habita em nossos corações por meio da fé e neles difunde a caridade por meio da ação do Espírito Santo, que nos dá.

Doutro modo, também verdadeiríssimo, está Ele presente à Sua Igreja enquanto ela prega, sendo o Evangelho assim anunciado Palavra de Deus (...).

Está presente à Sua Igreja, enquanto esta dirige e governa o povo de Deus, porque de Cristo deriva o poder sagrado, e Cristo, “Pastor dos pastores”, assiste os pastores que o exercem, segundo a promessa feita aos apóstolos: **“Estou convosco todos os dias, até à consumação do mundo”** (Mateus 28.20).

Outra é, contudo, e verdadeiramente sublime, a presença de Cristo na Sua Igreja, pelo sacramento da eucaristia. Esta presença chama-se “real”, não por exclusão como se as outras não fossem “reais”, mas por antonomásia porque é substancial, quer dizer, por ela está presente, de fato, Cristo completo, Deus e Homem (Paulo VI, Encíclica *“Mysterium Fidei”*, § 35-39).

Sob vários aspectos, portanto, Cristo está ESPIRITUALMENTE ou MISTICAMENTE presente na igreja.

Na eucaristia, contudo, a Sua presença é FÍSICA. Está CORPORALMENTE, com Sua humanidade real. Com a mesma realidade com que foi gerado no ventre de Maria, com que esteve entre os homens, com o mesmo corpo que foi pregado e morto na cruz.

“Portanto, o nosso Salvador está presente com a Sua humanidade não só à direita do Pai, segundo o modo de existir natural, § 45).

À LUZ DA BÍBLIA E DA RAZÃO É IMPOSSÍVEL ACEITAR-SE ESSA EXPOSIÇÃO

Essa doutrina da presença real, verdadeira, substancial, corporal, física de Cristo na hóstia consagrada repugna à RAZÃO! E a BÍBLIA contesta!!!

1)- A Inteligência é a faculdade mais nobre do homem. Em consequência, é de se supor a consentaneidade da fé com a razão.

É bem verdade ser limitado o alcance da nossa inteligência. Se pudéssemos compreender todos os segredos divinos seríamos deuses.

Se nossa razão é limitada, nem por isso Deus lhe iria exigir aceitar absurdos. O próprio milagre, por conseguinte, não é um absurdo.

O fenômeno chamado bilocação é contestado pela inteligência. E a multilocação, que seria o caso da presença corporal de Cristo na hóstia?

Bilocação é o suposto fenômeno da presença de alguém, simultaneamente, isto é, ao mesmo tempo, em dois lugares.

Relata a lenda na biografia do cognominado “santo” Antonio que, por desfrutar do dom da bilocação, de certa feita, estava a pregar em Pádua (na Itália) e bilocou-se para depor em Lisboa (em Portugal) em favor do seu pai, denunciado num processo. Ao mesmo tempo, pregava em Pádua e depunha em Lisboa!?

Repugna à inteligência a bilocação por ser absolutamente impossível.

É absolutamente impossível, pois nem com Cristo jamais ocorreu. Enquanto Seu corpo estava em Belém, permanecia em Belém apenas. Para escapar da sanha de Herodes, foi levado para o Egito, sem jamais ter estado simultaneamente também na Palestina.

Morto Herodes, foi conduzido para Nazaré, onde viveu o resto de Sua infância, a Sua adolescência e a Sua mocidade. Em Nazaré viveu todo esse tempo, sem jamais bilocar-Se. E muito menos multilocar-Se.

Quando, aos doze anos, subiu a Jerusalém, perdera-O Sua mãe que, aflita, O procurou durante três dias. Se Se bilocasse, teria estado junto de Sua mãe, poupando-a de atroz angústia e, em tempo simultâneo, no Templo a debater com os doutores da Lei.

Em Seu ministério público também jamais Lhe aconteceu a bilocação. Por isso viajava de uma localidade para outra. Quando estava em Cafarnaum, só estava em Cafarnaum. Quando Se encontrava em Jerusalém, só Se encontrava em Jerusalém.

Em Hebreus 2.17, a Bíblia – o mais humano de todos os livros, por ser o Livro Divino –, a Bíblia informa-nos a completa semelhança

de Cristo conosco: **“Convinha que, EM TODAS AS COISAS, Se tornasse semelhante aos irmãos”**. Em tudo assemelhou-Se a nós outros, **“mas sem pecado”** (Hebreus 4.15).

Alegar-se-á, contudo, mas e depois da Sua ressurreição? Agora, o Seu corpo espiritualizado, glorificado, não goza do privilégio da multilocalização?

Não! E nem se venha com o sofisma dos advérbios circunscritivamente e dimensionalmente da escolástica medieval.

Embora glorificado, tornado impassível, o corpo de Jesus continuou numericamente o mesmo. Aos Seus perturbados e atemorizados discípulos (**“acreditavam estarem vendo um espírito”** - Lucas 24.37), Jesus identifica-Se-lhes: **“Por que estais perturbados? E por que sobem dúvidas ao vosso coração? Vede as Minhas mãos e os Meus pés, que sou Eu mesmo; apalpai-Me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés... E Ele comeu na presença deles”** (Lucas 24.38-40, 43).

Na praia de Tiberíades, convidou os Seus discípulos atônitos a jantarem com Ele. Distribuiu-lhes pão e peixe (João 21.12-13).

Ao duvidoso Tomé é vigoroso ao demonstrar-lhe a identidade numérica do Seu corpo: **“Põe aqui o teu dedo e vê as Minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no Meu lado; não sejas incrédulo, mas crente”** (João 20.27).

Além de, em Suas aparições aos discípulos após a ressurreição, identificar-Se com o Seu próprio corpo, embora gozasse de privilégios do corpo ressuscitado, jamais Se bilocou e muito menos Se multilocalizou, como pretende a teologia romana que agora esteja Ele em milhões e milhões de hóstias espalhadas pelo mundo.

Quando estava com Maria Madalena junto ao sepulcro, só ali Se encontrava. E não simultaneamente no cenáculo com os discípulos.

Na tarde de domingo encontrou-Se com os dois caminantes de Emaús e só depois apresentou-Se aos demais discípulos (Lucas 24.13-49).

Nos relatos evangélicos da ressurreição, nem em vislumbre percebe-se haver Jesus Se bilocado.

2)- Se o dogma da presença real de Cristo na hóstia repugna à Razão, a Bíblia, a Palavra de Deus, levanta contra ele óbices intransponíveis.

Perguntamos: E ONDE ESTÁ AGORA O CORPO SACRATÍSSIMO DE JESUS CRISTO?

a)Após 40 dias de ressuscitado, durante este tempo quando **“Se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis”** (Atos 1.3), **“foi elevado à alturas, à vista deles, e uma nuvem O encobriu dos seus olhos. E, estando eles com os olhos fixos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado**

deles e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós FOI ASSUNTO AO CÉU VIRÁ DO MODO COMO O VISTES SUBIR” (Atos 1.9-11).

Jesus, com Seu corpo, ascendeu aos céus. E entronizou-Se à direita do Pai (Atos 2.34-35; Hebreus 1.13).

Portanto, o sacratíssimo corpo real e verdadeiramente se encontra no céu e só no céu.

Os dois anjos, caso Cristo estivesse corporalmente também na hóstia, por certo teriam dito aos discípulos que O procurassem nela e diante dela se prostrassem para adorar a Jesus Cristo nela em Corpo, Sangue, Alma e Divindade presente, embora invisível.

b- Paulo Apóstolo, ao lembrar aos Colossenses onde Cristo Se acha, recomenda-lhes: **“Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as cousas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus”** (Colossenses 3.1).

Que excelente oportunidade teria perdido Paulo de exortá-los a procurarem Cristo na eucaristia se esta O contivesse! E o Apóstolo, por acaso, era de se descuidar das oportunidades?

c- Ao povo estupefato com a cura do aleijado e reunido no Templo Pedro declara: **“Ao qual [Jesus Cristo] é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as cousas”** (Atos 3.21).

Se os apóstolos e seus fictícios sucessores pudessem pelas palavras da “consagração” da missa trazer do céu Jesus Cristo às hóstias, Pedro não estaria com a verdade ao asseverar que o céu acolhe o Senhor até o fim do mundo.

d- Poucas horas antes da Sua derradeira Páscoa, quando instituiu a Ceia, Jesus, em Betânia, assentara-Se à mesa de Simão, o leproso, e uma mulher, com unguento de grande valor, ungiu-Lhe a cabeça. Contestando a lamentação de Judas Iscariotes, enaltece o gesto da mulher e diz: **“Os pobres, sempre os tendes convosco, mas a Mim nem sempre Me tendes”** (Mateus 26.11).

Se horas após instituiria na solenidade da Ceia Pascal a eucaristia, teria deixado de lembrar a continuidade da Sua presença física na hóstia?

Se assim fosse, teria Ele mentido ao afirmar que não haveriam de tê-lo sempre.

e- Ao final da refeição pascal, quando Judas, o traidor, saiu do recinto, aos discípulos dirigiu-Se com expressões repassadas

de ternura a oferecer-lhes conforto e preparando-lhes o espírito para Sua ausência: **“Não se turbe o vosso coração... vou preparar-vos lugar”** (João 14.1, 3), **“Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco”** (João 14.16).

Havia já concluído a celebração da Páscoa e instituído a Ceia. Se, de fato, como quer a doutrina católica, Se tivesse deixado permanecer

verdadeira, real, substancial e corporalmente no pão e no vinho, em Suas palavras confortantes haveria reafirmado Sua presença na hóstia entre os discípulos e diria: 'Não vos turbeis, permanecerai convosco sob as espécies do pão e do vinho'.

Além de lhes prometer outro Consolador, reitera-lhes a notícia de Sua partida corporal: **“Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai”** (João 16.28).

f- As palavras de Jesus quando do estabelecimento da Ceia registradas por Paulo também destróem a pretensão vaticana ao negarem Sua presença corporal na eucaristia. **“Fazei isto EM MEMÓRIA DE MIM... Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha”** (1ª Coríntios 11.24-26).

Em sendo a Ceia MEMÓRIA, lembrança, de Jesus, é evidente não Se encontrar corporalmente presente no pão. Faz-se memória e tem-se lembrança dos ausentes.

Demais, se com a celebração da Ceia anuncia-se a morte de Jesus **“ATÉ QUE VENHA”** já se conclui que Ele não está nas espécies do pão e do vinho, mas que ainda (**“ATÉ QUE”**) há de vir.

A própria teologia romana, enfim, apesar de dogmatizar a presença real de Cristo na hóstia com Seu Corpo, SANGUE, Alma e Divindade, ao afirmar ser a missa um sacrificio INCRUENTO, ou seja, sem efusão de sangue, nega esta presença corporal. Com efeito, se na eucaristia houvesse realmente o Sangue de Cristo a missa seria um sacrificio cruento.

Se o bondoso leitor for um católico sincero e honesto com a sua própria consciência, no caso de dúvida sobre a autenticidade dos documentos dos Concílios e dos papas neste capítulo citados, procure com o seu vigário ou com o seu bispo estes documentos. Confira diante deles as citações em latim e, na hipótese de desconhecer esse idioma, procure um conhecedor dele, que pode ser um clérigo, e peça-lhe a tradução a ver se confere com a minha tradução. Verifique, outrossim, a autenticidade de minhas transcrições bíblicas numa versão católica das Sagradas Escrituras.

Se tudo estiver conforme – e garanto que está!!! – , convido-o a ser coerente com a sua honestidade de consciência.

Deixe a ilusão da mentira e do embuste!

Sua inteligência não pode ser assim ludibriada.

Por respeitar-se a si próprio o leitor, com sinceridade, porá um ponto final à subserviência religiosa.

Convencido de haver sido burlado em sua boa fé – mas agora convencido da fraude – jamais se sujeitará, nem por etiqueta social, a assistir a celebração de uma missa.

DOCUMENTAÇÃO:

(1) *“Principio docet sancta Synodus et aperte ac simpliciter profitetur, in almo sanctae eucharistiae sacramento post panis et vini consecrationem Dominum nostrum Iesum Christum verum Deum atque hominem vere, realiter ac substantialiter sub specie illarum rerum sensibilibus contineri”*... No santíssimo sacramento da eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, Jesus Cristo nosso Senhor, verdadeiro Deus e Homem, está contido sob as espécies sensíveis daqueles elementos, verdadeira, real e substancialmente” (Concílio Ecumênico de Trento; Sessão XIII, cap. I – D. 874).

“Si quis negaverit, in sanctissimae eucharistiae sacramento continere vere, realiter et substantialiter, corpus et sanguinem una cum anima et divinitate Domini Nostri Iesu Christi ac proinde totum Christum; set dixerit, tantum modo esse in eo ut in signo vel figura, aut virtute: anathema sit”. “Se alguém negar que esteja contido no santíssimo sacramento da eucaristia, verdadeira, real e substancialmente o Corpo e Sangue juntos à Alma e Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo, e, portanto, todo o Cristo, mas disser de outro modo que Ele está nele [no sacramento], como em símbolo, ou em figura, ou em virtude: seja anátema” (Concílio Ecumênico de Trento; Sessão XIII; Cn. 1 – D. 883).

(2) O Catecismo Tridentino para os Párocos: *“Verum Christi Domini Corpus, illud idem quod natum ex Virgine, in coelis sedet ad Dexteram Patris, hoc sacramento contineri”*. “O verdadeiro corpo de Cristo Senhor, aquele mesmo que nasceu da Virgem, e que está assentado nos céus à destra do Pai está contido neste sacramento” (*De Eucharistia*).

(3) *“... Ex vi sacramenti sub hoc sacramento continetur, quantum ad species panis, non solum caro, sed totum corpus Christi, idest OSSA et NERVI et ALIA HUIUSMODI. Et hoc apparet ex forma huius sacramenti, in qua non dicitur, ‘Haec est caro mea’, sed, ‘Hoc est corpus meum’. Et ideo, cum Dominus dixit, Jo. 6, ‘Caro mea vere est cibus’, caro ponitur ibi pro toto corpore, quia, secundum consuetudinem humanam, videtur esse magis manducationi accommodata: prout scilicet homines carnibus animalium vescuntur communiter, non ossibus vel aliis huiusmodi”*. “Por virtude deste sacramento, contêm-se sob as espécies não só a Carne, mas também o Corpo de Cristo, com Seus OSSOS, NERVOS, etc. Infere-se das palavras de Jesus: ‘Isto é o Meu corpo’. Ele não disse: ‘Esta é a Minha Carne’. O fato de haver o Senhor dito em João 6: ‘A Minha carne é verdadeiramente comida’, não implica em negação da presença de todo o Seu corpo sob as espécies. Com efeito, quando Ele diz: ‘Minha carne é verdadeiramente comida’, toma-se a carne por todo o corpo, já que, segundo o costume humano, a carne parece mais acomodada para a manducação. Os homens comem comumente as carnes dos animais e não os ossos” (Tomás de Aquino - *Summa Theologica* – P. III, Q. 76, Art. 1 ad 2).

(4) *“Iamvero hoc loco a pastoribus explicandum est, non solum verum Christi corpus et quidquid veram corporis rationem pertinet, velut OSSA, NERVI, sed etiam totum Christum in hoc sacramento contineri”*. “Verdadeiramente esses pontos devem ser esclarecidos pelos pastores,

não somente que o Corpo de Cristo, mas que ainda tudo quanto pertença ao Corpo com OSSOS, NERVOS, Cristo todo inteiro, esta realmente contido neste sacramento” (*Cath. Conc. Trid. – Pars. II, Ses. XXIX*).

O Sínodo Romano (1059) declara: “*Corpus et Sanguinem Domini sensualiter non solum sacramento, sed recitate manibus sacerdotum tactari, frangi, et fidelium dentibus atteri*”. “Que no sacramento, o Corpo e o Sangue do Senhor não somente estão sensivelmente presentes, mas ainda podem ser tocados pelas mãos dos sacerdotes, partidos, triturados pelos dentes dos fiéis” (*Grat. Corp. Iur. Can. – Tom. I, p. 2104*).

(5) “*Atque in sanctissimo eucharistiae sacramento esse VERE, REALITER et SUBSTANTIALITER corpus et sanguinem, una cum anima et divinitate Domini Nostri Iesu Christi*”. “E que no santíssimo sacramento da eucaristia estão VERDADEIRA, REAL e SUBSTANCIALMENTE o Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de nosso Senhor Jesus Cristo” (Pio IX – Bula “*In Nobis*”).

(6) “*Ego Berengarius corde credo et ore confiteor, panem et vinum, quae ponuntur in altari, per mysterium sacrae orationis et verba nostri Redemptoris substantialiter converti in veram et propriam*

ac vivificatricem carnem et sanguinem Iesu Christi Domini Nostri et post consecrationem esse verum Christi corpus, quod natum est de Virgine et quod pro salutem mundi oblatum in cruce pependit, et quod sedet ad dexteram Patris, et verum sanguinem Christi, qui de latere eius effusus est, non tantum per signum et virtutem sacramenti, sed in proprietate naturae et veritate substantiae, sicut in hoc brevi continetur et ego legi et vos intelligitis. Sic credo, nec contra hanc fidem ulterius docebo. Sic me Deus adiuvet et haec sancta Dei Evangelia” (Juramento prestado por Berengário (a. D. 355), cuja tradução se encontra em nossa citação de Paulo VI).

.oOo.

A PROMESSA DA PRESENÇA REAL A DOCTRINA CATÓLICA

PARA A TEOLOGIA CATÓLICA ROMANA, a prova decisiva de um dogma é a sua definição pelo magistério eclesiástico

consubstanciado no *ex-cathedra* do sumo pontífice. *Roma locuta, causa finita.* (Roma falou, encerrado, liquidado está o assunto)!

A partir do IV Concílio de Latrão (1215), todos os Concílios reafirmam peremptória e solenemente a presença real, verdadeira, substancial, física, corporal de Cristo na eucaristia.

Os papas, desde aquela data, têm reiterado esta doutrina em muitas encíclicas e outros documentos, culminando com a *Mediator Dei* de Pio XII e com a *Mysterium Fidei* de Paulo VI.

É o dogma mais reafirmado, confirmado, ratificado, reconfirmado, defendido com todos os extremos de sua sofismática.

Não é a eucaristia o coração da igreja?

No capítulo anterior exibimos algumas das muitíssimas declarações do magistério eclesiástico constituídas em soberanas e irrefutáveis provas da eucaristia.

Além dessas “provas”, as primeiras em ordem de valor, os compêndios de teologia enfileiram “provas” das Escrituras.

E a da frente é, segundo esses manuais, a da solene promessa feita por Jesus Cristo, registrada por João no capítulo 6 do seu evangelho. *“In sermone de pane vitae (Jo. 6.22-71) Christus promisit se daturum esse carnem suam et suum sanguinem in verum cibum et potum”*. “No sermão sobre o pão da vida (João 6.22-71), Cristo prometeu dar-Se a Si mesmo em Sua carne e em Seu sangue com verdadeira comida e verdadeira bebida” (J. Mors. *Institutiones Theologiae Dogmaticae* – Petrópolis, 1937 – *De Sacramentis*, p. 157).

Transcreveremos todo o texto, apresentando, data vênia, a divisão do capítulo segundo o “estudo” romanista:

INTRODUÇÃO

“1 Depois destas coisas, atravessou Jesus o mar da Galileia, que é o de Tiberíades.

2 Seguiu-O numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que Ele fazia na cura dos enfermos.

3 Então, subiu Jesus ao monte e assentou-Se ali com os Seus discípulos.

4 Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima.

5 Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com Ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer?

6 Mas dizia isto para o experimentar; porque Ele bem sabia o que estava para fazer.

7 Respondeu-Lhe Filipe: Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço.

8 Um dos Seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, informou a Jesus:

9 Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?

10 Disse Jesus: Fazei o povo assentar-se; pois havia naquele lugar muita relva. Assentaram-se, pois, os homens em número de quase cinco mil.

11 Então, Jesus tomou os pães, e tendo dado graças, distribuiu-os entre eles; e também igualmente os peixes, quanto queriam.

12 E, quando já estavam fartos, disse Jesus aos Seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca.

13 Assim, pois, o fizeram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram aos que haviam comido.

14 Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo.

15 Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para O proclamarem rei, retirou-Se novamente, sozinho, para o monte.

16 Ao descambar o dia, os Seus discípulos desceram para o mar.

17 E, tomando um barco, passaram para o outro lado, rumo a Cafarnaum. Já se fazia escuro, e Jesus ainda não viera ter com eles.

18 E o mar começava a empolar-se, agitado por vento rijo que soprava.

19 Tendo navegado uns vinte e cinco a trinta estádios, eis que viram Jesus andando por sobre o mar, aproximando-Se do barco; e ficaram possuídos de temor.

20 Mas Jesus lhes disse: Sou Eu. Não temais!

21 Então eles, de bom grado, O receberam, e logo o barco chegou ao seu destino.

22 No dia seguinte, a multidão que ficara do outro lado do mar notou que ali não havia senão um pequeno barco e que Jesus não embarcara nele com os Seus discípulos, tendo estes partido sós.

23 Entretanto, outros barquinhos chegaram de Tiberíades, perto do lugar onde comeram o pão, tendo o Senhor dado graças.

24 Quando, pois, viu a multidão que Jesus não estava ali nem os Seus discípulos, tomaram os barcos e partiram para Cafarnaum à Sua procura.

25 E, tendo-O encontrado no outro lado do mar, Lhe perguntaram: Mestre, quando chegaste aqui?

26 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Vós Me procurais, não porque visteis sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes.

27 Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o Seu selo.

28 Dirigiram-se, pois, a Ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?

29 Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: Que creiais nAquele que por Ele foi enviado.

30 Então, Lhe disseram eles: Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em Ti? Quais são os Teus feitos?

31 Nossos pais comeram o maná no deserto, com está escrito: Deu-lhes a comer pão do céu.

O SERMÃO

PRIMEIRA PARTE

32 Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é Meu Pai Quem vos dá.

33 Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá a vida ao mundo.

34 Então, Lhe disseram: Senhor, dá-nos sempre desse pão.

35 Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a Mim jamais terá fome; e o que crê em Mim jamais terá sede.

36 Porém Eu já vos disse que, embora Me tenhais visto, não credes.

37 Todo aquele que o Pai Me dá, esse virá a Mim; e o que vem a Mim, de modo nenhum o lançarei fora.

38 Porque Eu desci do céu, não para fazer a Minha própria vontade, e sim a vontade dAquele que Me enviou.

39 E a vontade de Quem Me enviou é esta: Que nenhum Eu perca de todos os que Me deu; pelo contrário, Eu o ressuscitarei no último dia.

40 De fato, a vontade de Meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nEle crer tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia.

41 Murmuravam, pois, dEle os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu.

42 E diziam: Não é este Jesus, o filho de José? Acaso não Lhe conhecemos o pai e a mãe? Como, pois, agora diz: Desci do céu?

43 Respondeu-lhes Jesus: Não murmureis entre vós.

44 Ninguém pode vir a Mim se o Pai, que Me enviou, não o trazer; e Eu o ressuscitarei no último dia.

45 Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem Mim.

46 Não que alguém tenha visto o Pai, salvo Aquele que vem de Deus; Este O tem visto.

47 Em verdade, em verdade vos digo: Quem crê em Mim tem a vida eterna.

SEGUNDA PARTE

48 Eu sou o pão da vida.

49 Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.

50 Este é o pão vivo que desceu do céu, para que todo o que dele comer não pereça.

51 Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que Eu darei pela vida do mundo é a Minha carne.

52 Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a comer a Sua própria carne?

53 Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos.

54 Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia.

55 Pois a Minha carne é verdadeira comida, e o Meu sangue é verdadeira bebida.

56 Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue permanece em Mim, e Eu, nele.

57 Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e igualmente Eu vivo pelo Pai, também quem de Mim se alimenta por Mim viverá.

58 Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vosso pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente.

A REAÇÃO DOS OUVINTES

59 Estas coisas disse Jesus, quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum.

60 Muitos dos Seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?

61 Mas Jesus, sabendo por Si mesmo que eles murmuravam a respeito de Suas palavras, interpelou-os: Isso vos escandaliza?

62 Que será, pois, se virdes o Filho do homem subir para o lugar onde primeiro estava?

63 O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida.

64 Contudo, há descrentes entre vós. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair.

65 E prosseguiu: Por causa disto, é que vos tenho dito: Ninguém poderá vir a Mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido.

66 À vista disso, muitos dos Seus discípulos O abandonaram e já não andavam com Ele.

67 Então, perguntou Jesus aos doze: Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?

68 Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna;

69 e nós temos crido e conhecido que Tu és o Santo de Deus.

70 Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi Eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo.

71 Referia-se Ele a Judas, filho de Simão Iscariotes; porque era quem estava para traí-lo, sendo um dos doze”.

A exegética vaticana se alonga na visão eucarística de todo o capítulo ao considerá-lo sob os seguintes tópicos:

I – INTRODUÇÃO

ou preparação à mensagem eucarística (vv. 1-31):

1) PELOS FATOS (vv. 1-21):

a- Com a multiplicação dos pães, Cristo demonstra a Sua onipotência (vv. 1-15);

b- Ao andar sobre as ondas do mar revela que o Seu corpo não se sujeita necessariamente às leis da natureza (vv. 16-21).

2) PELA ALOCUÇÃO (vv. 22-31):

a- as turbas procuram Jesus por causa do alimento temporal. **“Em verdade, em verdade vos digo: Vós Me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes”** (v. 26);

b- Jesus adverte que procurem o alimento permanente para a vida eterna, que Ele próprio dará (v. 27);

c- Interrompem-nO as turbas, perguntando-Lhe o que se deve fazer (v. 28);

d- Cristo responde: Deveis crer em Mim, pois a fé é condição “*sine qua non*”, isto é, indispensável, insubstituível, para a vida eterna (v. 29);

e- As multidões instam que lhes dê um sinal como o maná de Moisés (vv. 30-31).

II – O SERMÃO EUCARÍSTICO (vv. 32-58):

Cristo é o Pão da Vida Celestial.

PRIMEIRA PARTE (vv. 32-47):

Não se trata neste tópico meramente da fé em Cristo, da Sua doutrina ou dos bens espirituais, mas do próprio Cristo, como Pão celeste a ser materialmente comido por nós. Portanto, esta parte “*parece*” tratar, embora de modo vago e geral, da Carne e do Sangue de Cristo a serem dados para manducação e potação.

SEGUNDA PARTE (vv. 48-58):

Nesta perícopé Jesus trata explicita e positivamente da eucaristia. Os vv. 53-57 são o ápice e devem ser aceitos literalmente. **“Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia. Pois a Minha carne é verdadeira comida, e o Meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue permanece em Mim, e Eu, nele. Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e igualmente Eu vivo pelo Pai, também quem de Mim se alimenta por Mim viverá”.**

III – A REAÇÃO DOS DISCÍPULOS E DOS APÓSTOLOS (vv. 59-71):

1) Os discípulos se escandalizam e murmuram (vv. 60-61);

2) Jesus confirma a literalidade de Suas palavras (vv. 62-65). *“Non creditis? Cum videritis Filium Hominis ascendentem in coelum et ex hoc facto cognoveritis me esse a Deo et tanquam cibum dare possum carnem meam glorificatam?”.* Não credes vós? Conhecer-Me-eis como vindo de Deus quando virdes o Filho do Homem subindo ao céu e, então, aceitareis que posso dar a Minha carne GLORIFICADA.

Portanto, não falo da Minha carne morta e crua, que assim deve ser comida – *in frusta concisa, sub propria specie manducanda*. As Minhas palavras devem ser entendidas espiritualmente e não carnalmente porque vos darei a Minha carne glorificada com a Minha ressurreição.

3) Cristo e os apóstolos (vv. 66-71): Com a retirada de muitos dos Seus discípulos, Jesus postula dos Apóstolos íntegra e absoluta fé no ministério eucarístico.

Em face desta visão global do capítulo 6º de João, no desígnio de encaixar esta perícopa em seu arrazoado artificioso pró eucaristia, a teologia romana alega:

Devem-se entender as palavras de Cristo no sentido próprio, LITERAL, da verdadeira e real manducação de Cristo. Com efeito, se Cristo fez esta promessa em sentido verdadeiro e próprio, em alguma ocasião Ele há de havê-la cumprido.

Ora, jamais a teria cumprido se as Suas palavras fossem figuradas e, desse modo, falsa a fé católica na presença real de Cristo na eucaristia. Ao ensejo da Páscoa, ao instituir a Ceia, Ele cumpriu o que prometera em João 6.

Por conseguinte, Suas palavras: **“Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia. Pois a Minha carne é verdadeira comida e o Meu sangue é verdadeira bebida”** (vv. 54-55) devem ser compreendidas ao pé da letra, a não ser que se demonstre o contrário.

Ora, é impossível provar-se o contrário, isto é, que na Ceia não cumprira Jesus a Sua promessa. Logo, a presença de Cristo na hóstia é real, verdadeira, corporal, física.

Acresce ainda outra consideração. Salientam os doutrineiros romanos: O teor das palavras de Cristo postula a interpretação em sentido literal, material. Disse Jesus: **“Eu sou o pão da vida... e o pão que Eu darei pela vida do mundo é a Minha carne [na cruz, ao ser imolada]... Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos... A Minha carne é verdadeira comida e o Meu sangue é verdadeira bebida”** (João 6.48-55).

Ora bem, três observações sobre a alocução do Salvador nos movem à exigência do sentido literal e a conseqüente exclusão do simbólico ou metafórico: a comparação com o maná, cuja caída dos céus em cada manhã para saciar a fome dos hebreus no deserto é fato verídico, real; a distinção expressa e muitas vezes repetida entre **“comer a carne”** e **“beber o sangue”** e a enfática repetição por duas vezes do advérbio **“verdadeiramente”** (no v. 55).

E perguntam os exegetas: E se Cristo quisesse mesmo afirmar o que ensina a teologia católica quanto à Sua presença real e corporal na eucaristia, que outras palavras poderia Ele usar?

Apenas algumas anotações revelam a fragilidade e a ilogicidade do artifício clerical. Apenas uma pequena viradinha no caleidoscópio da sofistaria vaticana e todo o panorama se muda:

1) A exegese romana não prova haver, ao estabelecer a Ceia, Jesus cumprido a promessa de João 6. Nos registros da instituição da Ceia menção alguma se faz sobre este discurso de Cristo em Cafarnaum.

2) Em João 4.13-14, Jesus Cristo, diante da mulher samaritana, faz outra promessa: **“Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que Eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna”**.

A admitir-se a literalidade das palavras de Jesus em João 6.48-55 há de se admitir a mesma interpretação em João 4.13-14. E quando Jesus cumpriu esta promessa transubstanciando-Se sob as aparências de água?

Se em João 4.13-14 Ele falou simbolicamente, por que não se entender também simbolicamente as Suas expressões em João 6.48-55?

3) Na cruz do Calvário, e não na Ceia, Ele cumpriu a Sua promessa várias vezes e sob diversas metáforas repetida. Lá, ao permitir serem maceradas as Suas carnes e vertido o Seu sangue, qual Cordeiro imaculado e incontaminado, Ele Se nos oferece como alimento de que nos apropriamos com “avidez” pela FÊ a fim de obtermos vida eterna.

O DEPOIMENTO DOS TEÓLOGOS E A OMISSÃO DOS CONCÍLIOS SOBRE A LITERALIDADE DE JOÃO 6

O arrazoado da exegese literal católica se enraíza em pressupostos falsos, estrutura-se em sofismas e repugna diante do contexto de João 6.

Afirma que Cristo jamais cumpriria Sua promessa de instituir a eucaristia, o que ocorreu em Sua última Páscoa, se Suas palavras (João 6.48-55) fossem apenas no sentido metafórico ou simbólico.

Ao ouvir, outrossim, sermões sobre a eucaristia e ao ler livros de divulgação popular sobre o tema, os católicos observam apresentação do discurso de Jesus em João 6 como a promessa certa, clara, segura

e insofismável do “santíssimo sacramento”, cuja efetivação se deu na oportunidade da última Ceia Pascal.

Será, entretanto, que, unânimes, os teólogos católicos admitem esta interpretação literal de todo o capítulo 6 do evangelho de João? Será que o Concílio Ecumênico de Trento, caracterizado pela definição sacramentária, ou qualquer outro Concílio, estabeleceu constituir-se João 6, de fato, numa promessa literal da futura instituição eucarística?

Pasmem os católicos sinceros em sua boa fé!

Se os sacerdotes, em suas pregações, dão como certa e unânime a aceitação literal da promessa eucarística em João 6, os teólogos, contudo, acirradamente disputam. E até hoje não chegaram a um denominador comum para um acordo. E são todos teólogos católicos romanos respeitados, cujas obras se cancelaram com o “*Imprimi potest*” e o “*Nihil obstat*”.

Mencionaremos as várias correntes de interpretação, citando suas obras a fim de facilitar a comprovação de nossas assertivas:

1- Nicolau de Cusa (*Ep. 7 ad Bohemos*), o cardeal Caetano (*In 3 S. Thom.*, q. 80, a. 12), Biel (*Super can. Missae*, lect. 84) e Cornélio Jansênio (*Concordia*, c. 59), ao reconhecerem razão por parte dos evangélicos e para fugirem das dificuldades lógicas da interpretação literal, negam que os versículos 26 a 50 se refiram à eucaristia.

2- Batifol (*Etudes d'Histoire et Theologie Positive*, 2 ser., p. 82) opina que as palavras de Jesus em João 6.26-50 devem entender-se sobre a união com Cristo, mas pela fé, e que somente os vv. 53-57 versam sobre a eucaristia.

3- O cardeal Belarmino, o saliente polemista contra o protestantismo (*De Euchar.*, 1, I, c. 5), Maldonado (*Comm. in h. l.*), Patrizi (*Commentatio de Pane Vitae*), Wiseman (*Lectures on the Real Presence*, lect. 1-4), Franzelin (*De Sacram. Euchar.*, th. 3), estes dois últimos também cardeais, Pesch (*De Euchar.*, sect. 1, a. 1, § 1), Knaubenbauer (*Comm. in h. l.*), Ruch (*DTC, Eucharistie*, t. V, c. 990 s.) no discurso de Cristo, além da introdução (vv. 1-31) na qual se registram os milagres da multiplicação dos pães e a caminhada sobre as ondas, notam estes teólogos DUAS PARTES, das quais a primeira (vv. 32-50) trata da fé em Cristo como ALIMENTO que se há de comer espiritualmente; a outra parte (vv. 51-71) contém a promessa da eucaristia, segundo a qual se nos há de dar como comida a verdadeira carne de Cristo.

4- Cornélio A. Lápide (*Comm. in h. l.*), Toledo (*In Sacros. Ioan Evang.*, c. 6), Perrone (*De August. Euchar. Sacram.*, p. 1, c. 1), Corluy (*Comm. in Ev. S. Joan.*, h. 1), Murillo (*San Juan, Estudio critico-exegetico*), Labanche (*Leçons de Theol. Dogmat.*, t. IV, a. 1), o cardeal

Billot (*Theologia – Tract. de Euchar.*), Janot (*Le Pain de Vie – Jo. 6 – gr.*, fasc. 2) sustentam que todo o discurso de Cristo no capítulo 6 de João é eucarístico.

Os exegetas e teólogos católicos, porventura, incorrem em excomunhão ou anátema?

Não! Porque o Concílio de Trento, que longamente estudou a sacramentologia romanista e, de maneira muito acurada, o sacramento da eucaristia, em vista das discussões, NADA QUIS DEFINIR se se deve entender o sermão de Cristo em João 6 no sentido literal, material, ao pé da letra, como a sacramental manducação do corpo de Cristo e a potação do Seu sangue.

O teólogo Joseph Mors (*Institutiones Theologiae Dogmaticae – Tractatus de Sacramentis – Petrópolis, 1937*, p. 158), cujo processo de canonização tramita nas gavetas vaticanas, assevera: “*Patres noluisse definire sermonem Christi intelligendum esse de sacramentali manducatione corporis Domini*”, isto é, “Os padres conciliares [de Trento] não quiseram definir se se deve entender o sermão de Cristo como a sacramental manducação do corpo do Senhor”.

Em face da ocorrência das disputas entre os exegetas e teólogos e da omissão tridentina e de qualquer outro Concílio (sobretudo os dois posteriores, os dois Vaticanos), os sacerdotes e pregadores deveriam, se honestos, omitir qualquer menção a respeito de se constituir o sermão de Jesus em João 6 numa promessa da futura instituição da eucaristia.

Jamais deveriam impingir aos seus fiéis uma relação de promessa e cumprimento entre João 6 e a instituição da Ceia do Senhor.

O que hão, pois, de pensar os fiéis sinceros e honestos com sua consciência diante da tergiversação entre os teólogos da sua grei?

PORQUE REPUGNA À CONSCIÊNCIA UMA INTERPRETAÇÃO LITERAL DE JOÃO 6.53-57

1) Lendo nos evangelhos os discursos e as exortações de Jesus, constatamos a seguinte conotação: Às multidões ensinava como se deve fazer para entrar em Seu Reino, aos fariseus e líderes religiosos invectivava-os pela sua pertinácia em corromper os princípios religiosos e aos discípulos instruía-os quanto às normas do Seu discipulado.

Dedicava-se o Senhor em especial e em separado a ensinar aos discípulos e, de modo ainda particular, aos Apóstolos. “**Ora, tendo**

acabado Jesus de dar estas instruções a Seus doze apóstolos, partiu dali a ensinar e a pregar na cidades deles” (Mateus 11.1).

Ensinava os discípulos (Mateus 10.1-42; 18.1-35, dentre outras passagens) e pregava às turbas (Mateus 11.7). Ao povo – **“grandes multidões se reuniram perto dEle, de modo que entrou num barco e Se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia”** – Mateus 13.2) –, ao povo pregava a Palavra de Deus, comparada à semente, para que se convertesse e aos discípulos favorecia explicações pormenorizadas que os preparassem para melhor servi-lo: **“Então, se aproximaram os discípulos e Lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas?”** (Mateus 13.10).

Lança objurgatórias aos escribas e fariseus e quando os discípulos dEle se acercam minudencia ensinos sobre as Suas investivas (Mateus 15.1-20; 16.1-12).

Quando se trata de dar ensino mais específico para os doze apóstolos, isola-Se com eles. Encaminha-Se às partes de Cesaréia de Filipos ao querer verificar-lhes o conceito sobre a Sua Pessoa, expoe-Se-lhes como a Pedra, a Rocha, da Sua Igreja (Mateus 16.13-20). A sós com os doze fala-lhes a respeito da Sua paixão e morte (Mateus 13.21; 20.17-19; Marcos 8.31). Durante a Ceia Pascal faz a promessa do Consolador no ambiente restrito dos doze e dá-lhes instruções (João 13.17). Dos doze separa três (Pedro, Tiago e João) e os conduz ao monte onde, à vista deles, Se transfigura.

E por que haveria Ele de, perante incrédulos, fazer uma promessa sobre a futura instituição de uma eucaristia?

Esta promessa, tencionada pela exegese romanista, destoaria do método do Mestre, se realmente fosse o caso de havê-la feito naquelas circunstâncias e naquele ambiente permeado de incrédulos pertinazes. Se Jesus a houvesse feito, isto teria acontecido a sós com os discípulos quando com eles Se encontrava.

O auditório dos cafarnaítas (João 6.17, 21, 59), maciçamente composto de incrédulos (João 6.26, 29, 30, 41-43), sempre em manifesto conflito com a benevolência de Jesus, não favorecia em hipótese alguma a apresentação de uma promessa do teor cobiçado pelo Vaticano. Se fosse o caso dela, Jesus, por certo, faria como fez em outras ocasiões. Isolar-Se-ia com Seus discípulos e nunca trataria de semelhante assunto na presença de obstinados incrédulos.

A Sua mensagem (João 6.26-58) foi dirigida à multidão. Aquele povo de coração trancado que, apesar de presenciar os mais prodigiosos sinais de Jesus, obstinava-se na incredulidade a ponto de receber terríveis apóstrofes. **“Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram,**

teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no dia do juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo” (Mateus 11.23-24).

Foi para este auditório aferrado à sua incredulidade, num clima preparado pela multiplicação dos pães, que Jesus usou as figuras mais expressivas para apresentar-lhe a necessidade absoluta e intransferível de se crer nEle para se obter vida eterna.

O que fala com mais vigor do que a fome? O que mais atrai a atenção do que o assunto alimento?

Por ser Deus, Jesus é o mais humano dos homens!

Impossível ser mais feliz e mais preciso na apresentação de uma mensagem sobre a imprescindibilidade da fé para a salvação eterna.

O próprio cenário humano, por conseguinte, era desfavorável e totalmente contrário à pedagogia e à didática de Jesus para fazer uma promessa de Sua futura panificação.

2) Por três razões inexistente a relação de promessa-cumprimento que os exegetas católicos se esforçam por surpreender:

A- A Ceia não é mencionada nesta passagem e nem está no seu contexto.

Nem todo o evangelho segundo João a ela se refere.

Dos quatro evangelistas, João é o mais meticoloso em registrar os derradeiros instantes de Jesus com os doze e as Suas últimas instruções. Alonga-se em cinco capítulos (13 ao 17). O seu livro se compõe de 21 capítulos. Reserva, pois, um quarto dele no registro daqueles momentos, quando, inclusive, aconteceu a derradeira Ceia Pascal.

No registro da Ceia, Mateus emprega 11 versículos; Marcos, 9; e Lucas, 10. E João, que se alongou com 155 versículos nos 5 capítulos, é certo, teria gasto mais alguns versos a fim de registrar a fundação da Ceia se houvesse nela algum vínculo com o sermão de Cafarnaum. Sobre o estabelecimento da Ceia, contudo, nada alude.

B- O sermão de Jesus na sinagoga de Cafarnaum, seguido da multiplicação dos pães aconteceu cerca de um ano e meio antes da instituição da Ceia, mediando, pois, uma Páscoa. Pelo menos na oportunidade da fundação de Seu Memorial, teria mencionado a promessa dela, caso a houvesse feito.

C- Na mensagem de Cafarnaum não disse que Se transmudaria sob as aparências de pão e de vinho, desaparecendo as substâncias desses elementos. Nem mesmo a palavra vinho aparece em todo o Seu sermão. É evidente, sim, o emprego de um trocadilho, um simples jogo de palavras, sempre do gosto das línguas orientais, para despertar a atenção quanto à necessidade absoluta da fé nEle para a salvação do pecador. Da fé aqui figurada com o processo de manducação da carne

e da potação do sangue de Jesus oferecidos em sacrifício expiatório na cruz do Calvário.

3) No Velho Testamento, a expressão **“comer a carne”** tinha uma significação metafórica, determinada, qual seja a de **“perseguir alguém com ódio intenso”, “assacar calúnias e injúrias contra alguém”** (Jó 19.22; 31.31; Salmo 26.2; Miquéias 3.3; Daniel 3.8; 6.24).

Onde a Vulgata (a tradução latina da Bíblia feita por Jerônimo) traz o verbo **“acusar”**, o texto caldaico traz: *“comedebant frusta”*, isto é, **“comiam as carnes”**).

Note-se semelhante uso na língua árabe. Winer (*Lexic. Hebr. et Chald.*) lembra: *“Assimilantur calumniatores, ostrectatores et sycophantae canibus rabidis, qui frusta corporibus avulsa avidè devorant”*.

O judeu, portanto, estava habituado a ouvir a expressão **“comer a carne”** em sentido metafórico. No caso, com a significação pejorativa, insultuosa.

Por isso, em o Novo Testamento, essa expressão é corrente com sentido simbólico (Gálatas 5.15; Tiago 5.3) . Em Lucas 16.1, onde a Vulgata diz: *“Diffamatus est”* (**“foi acusado”**), o texto Syrus traduz: *“Comedebant ei frusta eius”* (**“comiam-lhe as carnes”**). Este texto em Mateus 27.12 (**“E, sendo acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu”**) diz: *“Et cum frusta eius commederunt principes sacerdotum...”*.

É evidente que, ao dizer **“Quem come a Minha carne”**, Jesus Cristo se apegou ao significado simbólico, despido, evidentemente daquele aspecto pejorativo, tanto assim que completou a figura: **“e bebe o Meu sangue”**.

Com o v. 58, João 6 encerra o sermão de Jesus para a multidão. A partir do v. 60 até o v. 66 entabola um diálogo com Seus discípulos. E do v. 67 até o final do episódio, com os doze.

Como sempre Se demonstrou solícito em explicar-lhes Suas parábolas e mensagens, agora também volta-Se para eles em particular.

Elucidou-lhes a significação da parábola do semeador (Mateus 13.18-23), do joio no campo (Mateus 13.36-43), da expressão **“fermento dos fariseus”** (Mateus 16.6-12). Desta feita, elucida Ele aos Seus discípulos o verdadeiro sentido de Suas expressões **“comer Minha carne e beber o Meu sangue”**: **“O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida”** (João 6.63).

Enquanto muitos discípulos se retiraram por entenderem literal e materialmente as expressões do Mestre, como, de resto, quer o

romanismo, Pedro proclama: **“Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna”** (João 6.68).

O apóstolo aqui se referiu às palavras de Cristo e não à Sua carne, em sentido literal, para se ter a vida eterna. A admitir-se a materialidade das expressões **“comer a carne e beber o sangue”**, então, para se obter a vida eterna, haver-se-ia de mister apegar-se à palavra enquanto som ou ruído a fim de se conseguir aquela vida.

4) Na interpretação dos versículos 53 a 55 de João 6, a teologia dos pregadores católicos incide, como é de seu hábito, na transgressão da norma primacial da compreensão da Bíblia e de qualquer obra literária: a de interpretar o texto pelo contexto.

É do vezo romanista a desonestidade de separar um texto qualquer do seu contexto para, sobre ele, construir um artifício que justifique um seu dogma.

No caso em tela, isola o texto 53 a 57 de João 6: **“Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia. Pois a Minha carne é verdadeira comida e o Meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue permanece em Mim, e Eu, nele. Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e igualmente Eu vivo pelo Pai, também quem de Mim se alimenta por Mim viverá”**.

A admitir-se uma interpretação literal nos moldes católicos, para se ser honesto, dever-se-ia adotar o mesmo critério em todo o discurso.

Se a carne de Jesus é o pão que Ele dará (**“e o pão que Eu darei pela vida do mundo é a Minha carne”** – v. 51), como se há de entender? Se é pão não pode ser carne e se é carne não pode ser pão. Literalmente, são duas coisas totalmente diversas. Só como figura se pode entender.

No decurso da mensagem, Jesus repetiu o vocábulo PÃO. Vamos ver se há lógica no caso de admitirmos a significação literal desse vocábulo em todas as vezes em que é mencionado:

V. 32 – **“O verdadeiro pão do céu é Meu Pai quem vos dá”**.

V. 33 – **“O pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo”**.

V. 35 – **“Eu sou o pão da vida; o que vem a Mim jamais terá fome; e o que crê em Mim jamais terá sede”**.

V. 48 – **“Eu sou o pão da vida”**.

Vv. 50-51 – **“Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça. Eu sou o pão vivo que desceu do céu;**

se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que Eu darei pela vida do mundo é a Minha carne”.

A admitir-se a literalidade do vocábulo PÃO, Jesus teria descido do céu na forma material, física, de PÃO. E quem comesse literalmente desse PÃO viveria literalmente para sempre.

Ora, se para se escapar desses absurdos, entende-se o vocábulo PÃO em sentido figurado, por que não se há de ser lógico e consentâneo admitindo-se igual sentido figurado quanto aos vocábulos CARNE e BEBIDA?

5) Em João 6.53-57, falou-nos Jesus da necessidade essencial de Lhe comermos a carne e bebermos o sangue.

Comer-Lhe-emos, porém, a carne de que maneira? E de que maneira Lhe beberemos o sangue?

Fisicamente?

Materialmente?

Introduzindo carne e sangue transmudados em pão e vinho na economia do nosso organismo através dos órgãos digestivos como ingerimos outros alimentos?

Ou apropriar-nos-emos, PELA FÉ, da carne e do sangue de Cristo, *modus loquendi* alusivo à Sua morte expiatória e vicária?

O gesto íntimo fundamental do pecador diante de Jesus Cristo é o da fé. E exclusivamente o da fé.

As Sagradas Escrituras nunca se cansam de insistir sobre a necessidade imprescindível da fé em Jesus Cristo para a salvação do pecador.

Tornam-se filhos de Deus os que crêem em o Nome de Jesus Cristo (João 1.12). **“Sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus”** (Gálatas 3.26).

“Para que todo o que nEle crê tenha a vida eterna. Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça. Mas tenha a vida eterna... Quem nEle crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (João 3.15-16, 18). **“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em Mim não morrerá, eternamente”** (João 11.25-26). **“Arrependei-vos e crede no Evangelho”** (Marcos 1.15). **“E não estabeleceu distinção alguma entre nós [os judeus] e eles [os gentios], purificando-lhes pela fé o coração”** (Atos 15.9).

Como clarão a jorrar a luz sobre todo o Seu sermão na sinagoga cafernaíta, Jesus proclama a doutrina fundamental: **“EM VERDADE, EM VERDADE VOS DIGO: QUEM CRÊ EM MIM TEM A VIDA ETERNA”** (João 6.47).

No plano divino da salvação do pecador, as Escrituras desconhecem outra solução a não ser a fé.

Ao carcereiro atormentado de Filipos, que estivera a pique do suicídio, Paulo Apóstolo, coerente com o Evangelho, explica: **“Crê no Senhor Jesus e serás salvo”** (Atos 16.31).

Santifica-se o pecador pela fé em Jesus Cristo (Atos 26.18).

A instrumentalidade exclusiva da fé é realçada em Efésios 2.8-9: **“Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie”**.

E em Romanos 3.28: **“O homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei”**. Também em Gálatas 3.24: **“De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé”**.

É, por conseguinte, pela fé e exclusivamente em Cristo que o pecador é salvo: **“DEle [Jesus Cristo] todos os profetas dão testemunho de que, por meio do Seu Nome, todo aquele que nEle crê recebe remissão de pecados”** (Atos 10.43). Ele é o único porque **“não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”** (Atos 4.12).

A FÉ, sempre a fé e a fé com exclusividade é a atmosfera da vida cristã. **“Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, de Quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra, para que, segundo a riqueza da Sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o Seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus. Ora, Àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o Seu poder que opera em nós, a Ele seja a glória, na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém”** (Efésios 3.14-21).

No intuito de esclarecer o pecador sobre a necessidade da fé – e exclusivamente da fé em Cristo – Jesus Se utiliza de várias figuras literárias baseadas em coisas muito simples e do conhecimento e da humanidade das pessoas.

Ao moço rico disse: **“VEM e segue-Me”** (Mateus 19.21). **“E o que VEM a Mim, de modo nenhum o lançarei fora”** (João 6.37). **“VINDE a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos**

aliviarei” (Mateus 11.28). **“O que VEM a Mim jamais terá fome”** (João 6.35).

Ir fisicamente a Jesus? Como? Ele não Se encontra mais em carne neste mundo!

É evidente! Trata-se de crer nEle. De nEle confiar.

Assemelha-se ainda o ato de fé à ação de VER. **“A vontade de Meu Pai é que todo homem que VIR o Filho e nEle crer tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia”** (João 6.40).

Cansado da viagem, assenta-Se o Senhor às bordas do poço de Jacó, enquanto os discípulos vão à cidade vizinha comprar pão. Entrementes, aproxima-se uma mulher de Sicar. Jesus pede-lhe que Lhe dê de beber. Estranha a mulher semelhante pedido de um judeu. E Jesus esclarece-lhe: **“Se conheceras o dom de Deus e Quem é o que te pede: Dá-Me de beber, tu Lhe pedirias, e Ele te daria água viva. Respondeu-Lhe ela: Senhor, Tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És Tu, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, e, bem assim, seus filhos e seu gado? Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que Eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna. Disse-Lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la”** (João 4.10-15).

Nesta perícopa, Jesus assemelha a fé ao gesto de beber(v. 15), pois a sede se assemelha à ansiedade, ao anelo por salvação (João 4.14; 6.35) comparada à água viva.

Leiam-se o v. 14 de João 4 e o v. 35 de João 6, onde Jesus compara o desejo ardente de salvação à sede.

Assemelha o Mestre o ato de comer, aliás muito humano e imprescindível à subsistência física à fé por cuja instrumentalidade concede a salvação. **“Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia”** (João 6.54).

A admitir-se a literalidade nestas expressões de Cristo, dever-se-ia proceder de semelhante modo na compreensão de João 4.14: **“Aquele, porém, que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que Eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna”**.

Se em João 6.53 há uma promessa de dar literalmente a Sua carne e o Seu sangue em alimento e em potação, em João 4.14 haveria de ocorrer também uma promessa de Jesus Se transubstanciar em água.

Assim como beber da água (João 4.14) significa crer em Jesus, à luz de toda evidência, comer a carne e beber o sangue querem dizer crer nEle, consoante o v. 35 de João 6: **“Eu sou o pão da vida; o que vem a Mim jamais terá fome; e o que crê em Mim jamais terá sede”**.

Aliás, para o Mestre fazer a vontade do Pai constituía-se em Sua comida. **“Neste ínterim, os discípulos Lhe rogaram, dizendo: Mestre, come! Mas Ele lhes disse: Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis. Diziam, então, os discípulos uns aos outros: Ter-Lhe-ia, porventura, alguém trazido o que comer? Disse-lhes Jesus: A Minha comida consiste em fazer a vontade daquele que Me enviou e realizar Sua obra”** (João 4.31-34)

Enquanto Jesus comparava a vontade do Pai para Si à comida, os discípulos entenderam literalmente a Sua palavra. Neste passo, comida representa a vontade do Pai e, na passagem de nosso estudo, comer a carne e beber o sangue significam crer.

Tanto comer é metáfora de crer que Jesus disse: **“O que vem a Mim jamais terá fome”** (João 6.35). COMER e IR, neste versículo, se sinonizam no mesmo simbolismo.

COMER, BEBER, VER e IR a Jesus são metáforas que consistem positivamente em CRER, CONFIAR nEle.

Quem confia nEle saciou-se da fome e desalterou-se da sede de salvação. Cristo, pela fé, Se faz presente na alma do crente e não por elementos materiais aos órgãos digestivos.

Não penetra Cristo, nosso Redentor, em nosso íntimo por um modo material ou por uma ação física. Não O recebemos como um alimento pela boca e no estômago. Recebemo-LO e Ele penetra nossa alma pela instrumentalidade da fé, que é, na sua essência e na sua ação, um gesto espiritual.

Os seguidores da interpretação católica de João 6.53-57 se assemelham à samaritana quando, em sua clamorosa obtusidade, afirmou: **“Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la”** (João 4.15).

6) No desejo de significar Sua missão, facilitando-lhe a compreensão, Jesus usou em várias oportunidades de linguagem figurada.

Assemelhou-Se à Pedra, à Rocha (Mateus 16.18; 21.42; Lucas 20.17; Atos 4.11; 1ª Coríntios 10.4; 1ª Pedro 2.4), à Porta (João 10.7, 9), ao Caminho (João 14.6), à Videira (João 15.1), ao Pastor (João 10.14; Hebreus 13.20; 1ª Pedro 2.25; 5.4).

Comparou-Se ao pão (João 6.35, 48, 51). Ele é o Pão da Vida porque desceu do céu para dar vida ao mundo.

O Pão, ao qual Ele Se comparava, era a Sua natureza divina, que havia descido do céu para Se encarnar. Por isso, solene, Ele Se apresenta: **“Este é o pão que desceu do céu”** (João 6.58).

Simbolizando-Se com o Pão, Jesus logo relaciona esta figura com a Sua morte. **“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que Eu darei pela vida do mundo é a Minha carne”** (João 6.51).

O pão tipifica Cristo e também é simbólica a expressão: **“E o pão que Eu darei pela vida do mundo é a Minha carne”**, com a qual Ele quer elucidar que veio para morrer. De fato, na cruz do Calvário deixou-Se sacrificar em Sua carne e verter o Seu sangue como de um Cordeiro imaculado e incontaminado.

Se a referência ao fato de dar a Sua carne pela vida do mundo entende-se simbolicamente com relação à Sua morte (v. 51), faltar-se-ia à lógica recusando-se a compreensão figurada de Sua palavra: **“Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue TEM A VIDA ETERNA; e Eu o ressuscitarei no último dia. Pois a Minha carne é verdadeira comida, e o Meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue PERMANECE EM MIM, E EU NELE. Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e igualmente Eu vivo pelo Pai, também QUEM DE MIM SE ALIMENTA POR MIM VIVERÁ. Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram. QUEM COMER ESTE PÃO VIVERÁ ETERNAMENTE”** (João 6.54-58).

É evidente que a Sua promessa não se cumpriria na instituição da Ceia. Cumprir-se-ia na Sua morte, no Calvário, onde **“Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades”** (Isaías 53.5).

Deste sacrifício, sim, que a Ceia foi estabelecida como memória ou lembrança.

A INTERPRETAÇÃO LITERAL CAUSA SÉRIOS EMBARAÇOS À PRÓPRIA TEOLOGIA CATÓLICA

1) A teologia romana, como é de sua pertinácia ao cobiçar montar uma doutrina da presença corporal de Cristo na eucaristia, isola o texto compreendido entre os vv. 53 e 58 e força todos os outros lances do discurso a girarem em torno do seu intento.

Naquele versos encontram-se estas expressões de Jesus: **“Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós**

mesmos. Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia. Pois a Minha carne é verdadeira comida, e o Meu sangue é verdadeira bebida”.

Os pregadores católicos apegam-se ao sentido literal destas palavras; veem nelas a promessa da fundação do “santíssimo sacramento”; contrariando a clareza de todo o discurso de Jesus, torcem o significado de Suas palavras. Montam, pois, o seguinte sofisma: Muitos ouvintes se surpreenderam com a exposição do Mestre e murmuravam. Aquelas palavras tomadas ao pé da letra repugnavam-lhes. Repeliam a idéia antropófaga. Comer a carne, triturá-las nos dentes, beber o sangue de um corpo humano? **“Duro é este discurso; quem o pode ouvir?”** (v. 60).

O Salvador corrigiu-lhes o engano: **“Isto vos escandaliza? Que será, pois, se virdes o Filho do homem subir para o lugar onde primeiro estava?”** (vv. 61, 62).

Aferrados à interpretação literal dos vv. 53-58, os pregadores afirmam que, com estas palavras do v. 62, Jesus quis dizer que o milagre de Sua presença corporal na hóstia é um milagre muito superior ao da Sua ascensão aos céus, de onde, aliás, veio.

Quis ainda o Mestre explicar que, após a Sua ressurreição e Sua ascensão, o Seu corpo seria espiritualizado. Miraculosamente, Ele poderia, em conseqüência, ter a Sua presença real, verdadeira e física, por haver Se espiritualizado com a Sua ressurreição, em todas as hóstias do mundo. Esclarece aos ouvintes que lhes vai dar como alimento não um “corpo morto”, mas uma “carne com propriedade de carne glorificada”, a MODO DE ESPÍRITO. Este texto encerra, portanto, profundo esclarecimento sobre a maneira pela qual está Jesus na hóstia: a MODO DOS ESPÍRITOS, que não se circunscrevem, a lugares.

O sofisma raia ao absurdo!

A clareza da explicação de Jesus é de uma limpidez, de uma meridianidade incontestável.

Basta lê-las com o simples desejo de se entender o evidente significado delas.

É verdade que os ouvintes entenderam literalmente as palavras dos vv. 53-58. Sentiram repugnância. Seria um crime comer-se a carne esquartejada de um homem e beber-lhe o sangue.

Atalhou-lhes Jesus a compreensão natural e ao pé da letra de Suas palavras: **“Isto vos escandaliza? Que será, pois, se virdes o Filho do homem subir para o lugar onde primeiro estava? O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida”** (vv. 61-63). Ele não disse que seria Sua carne espiritualizada ou Seu corpo ressuscitado.

O esclarecimento de Cristo é claro e lógico. Ao alcance de qualquer inteligência desarmada de preconceito.

Referiu-Se o Senhor à Sua ascensão, à Sua volta ao céu donde – Pão da Vida – havia vindo. Vendo-O subir ao céu com o Seu corpo glorioso, jamais poderiam pensar em comer-Lhe materialmente as carnes e beber-Lhe também materialmente o sangue. Tamanha needade de se entender literalmente Suas palavras se evapora com a notícia da Sua ascensão. Se o Seu corpo não estiver mais aqui na terra, como poderiam comer-Lhe as carnes e beber-Lhe o sangue? Vimos no capítulo anterior que o corpo de Jesus, apesar de espiritualizado e glorificado pela ascensão, não se biloca e muito menos se multiloca.

Suas palavras, portanto, devem ser entendidas no sentido espiritual: **“O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as PALAVRAS que Eu vos tenho dito são ESPÍRITO e são VIDA”** (v. 63).

A referência de Jesus à Sua ascensão, por conseguinte, põe por terra a vaticana interpretação literal.

Este sofisma romanista enraizado na interpretação material das palavras de Cristo colide, outrossim, com a própria doutrina vaticana sobre a presença real, corporal e física de Cristo na hóstia, explicada com documentos no capítulo anterior. Vai de encontro às palavras atualíssimas do romano pontífice: “Está Cristo completo, presente na Sua REALIDADE FÍSICA, mesmo corporal” (Paulo VI, “*Mysterium Fidei*”, §46).

Se estiver presente na hóstia Sua REALIDADE FÍSICA, impossível igual presença A MODO DOS ESPÍRITOS.

2) A compreensão literal dos vv. 53-58 levanta sérios problemas para a própria dogmática romana.

“Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue tem a vida eterna” (v. 54); **“permanece em Mim e Eu nele”** (v. 56); **“quem comer este pão viverá eternamente”** (v. 58); **“em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos”** (v. 53).

Resulta destas palavras, segundo a interpretação literal do romanismo, que quem comunga a hóstia se salva e que ninguém pode salvar-se sem comungá-la.

De acordo com o Vaticano, o comer a carne de Cristo e o beber o Seu sangue através da eucaristia é a condição *“sine qua non”*, indispensável, única, da qual depende a vida eterna.

Crê, porém, o clero romano que todos os comungantes da sua eucaristia têm a vida eterna, têm a vida neles próprios, ressuscitarão no último dia, permanecem em Cristo e Cristo neles?

Não, isto não o admitem!

Tanto não o admitem que invocam a literalidade na advertência de Paulo: **“Quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si”** (1ª Coríntios 11.29).

Não admitem que os católicos comungantes da hóstia tenham a vida eterna, tanto assim que exigem tantas outras coisas e sacramentos em busca da salvação. E, por fim, recorrem ao tal de purgatório.

Se, de fato, a comunhão da hóstia produzisse vida eterna, por que o purgatório?

A supor-se a compreensão material do Seu discurso em Cafarnaum, como quer a artificiaría vaticana, ninguém poderia comer e beber indignamente, pois só pelo fato de comungar a hóstia já estaria purificado ainda do maior pecado.

No v. 53, Jesus enfatiza: **“Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos”**.

Se tomarmos estas palavras como quer tomá-las a teologia romana, nelas encontramos também a imprescindibilidade da eucaristia para a salvação eterna. Jesus é peremptório: **“Em verdade, em verdade”**, quem não comer, não se salva.

O clero, porventura, admite que todos os que não participam da eucaristia se perdem? Perdem-se as crianças que morrem antes da primeira comunhão? Perdeu-se o ladrão da cruz a quem Jesus disse: **“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso”** ? (Lucas 23.43).

Ao carcereiro de Filipos, Paulo Apóstolo nem sugeriu a necessidade de participar da Ceia do Senhor para a salvação dele. Apresentou-lhe a verdade do Evangelho: **“Crê no Senhor Jesus e serás salvo”** (Atos 16.31). O carcereiro, salvo, pede, de iniciativa própria, o batismo e também não aludiu à Ceia.

Entre o discurso de Jesus na sinagoga de Cafarnaum e a instituição da Ceia vai mais de um ano. E os que morreram neste período, perderam-se?

Note-se o uso do presente nos verbos encontrados no texto dos vv. 53-58.

Quantos se salvam sem receber a hóstia! E quantos se perdem tendo-a recebido!

A interpretação literal de João 6.53-58 – já se vê! – é altamente prejudicial à própria interpretação vaticana.

Acuada pela lógica, a sofismática romana tenta uma válvula de escape. Cria uma distinção entre necessidade de meio e necessidade de preceito. E alega ser a necessidade da comunhão da hóstia simplesmente de preceito (cf. *C. Iuris Canonici*, cn. 737). Ora, veja-se! Embora na hipótese desta distinção entre necessidade, o preceito de Cristo não deveria ser cumprido?

Ah! É porque a teologia moral católica faz tão pouco dos preceitos de Cristo que se tornou em compêndio de imoral!!!

A conclusão legítima do exame das palavras de Cristo é a de que comer a Sua carne e beber o Seu sangue significa crer em Cristo. **“Eu sou o pão da vida; o que vem a Mim jamais terá fome e o que crê em Mim jamais terá sede”** (v. 35); **“em verdade, em verdade vos digo: quem crê em Mim tem a vida eterna”** (v. 47).

Ir a Cristo, comer-Lhe a carne, beber-Lhe o sangue é crer nEle. Quem a Ele vai não terá fome. Quem nEle crê jamais terá sede. Tem a vida eterna, eis a conclusão consentânea com todo o teor dos Evangelhos.

Porque creu nEle, o ladrão da cruz foi salvo!

3) Ainda a outro absurdo leva a interpretação romana. Esta ensina encontrar-se a origem da presença real de Cristo na hóstia nas palavras: **“Isto é o Meu corpo”** (Mateus 6.26) e **“isto é o Meu sangue”** (Marcos 14.24). Com estas palavras pronunciadas pelo sacerdote na “consagração”, o pão se transubstancia no corpo de Cristo e o vinho no Seu sangue como consequência do verbo *Ê* (terceira pessoa do presente do indicativo do verbo ser).

Ora, a tomar-se ao pé da letra este verbo entre aquelas palavras, dever-se-ia tomá-lo em iguais condições quando, no sermão de João 6, Jesus diz: **“Eu sou o pão”**. Dever-se-ia tomar no mesmo sentido o verbo *SOU* (primeira pessoa do presente do indicativo do verbo ser).

Se, no primeiro caso, o pão se transubstancia em Cristo, neste Cristo é que se transubstancia em pão.

Cristo deixaria de ser Cristo para Se tornar pão sob os acidentes humanos.

4) A interpretação literalista levanta outra dificuldade para a própria teologia romana.

Jesus declarou: **“Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos”** (v. 53).

Jesus não disse: Se não comerdes a carnes... OU não beberdes o Meu sangue...

Se bastasse comer a carne, Cristo não determinaria a necessidade de se beber o sangue.

A aceitar-se a literalidade das palavras de Cristo naquela expressão, o católico precisaria comer a carne (o pão transubstanciado) e beber o sangue (no vinho da missa).

Os leigos católicos, no entanto, não participam do cálice. Deixam, portanto, de satisfazer um dos requisitos. Em conclusão, eles são impedidos pelos seus próprios clérigos de receberem a vida eterna.

5) O dogma da presença real de Cristo na hóstia insiste em dizer que nela se encontra o mesmo corpo que nasceu de Maria com ossos, nervos e tudo o mais, próprio do corpo humano.

Ora, em Seu sermão registrado por João 6, Jesus Se apresenta como o Pão descido do céu, sem fazer qualquer alusão ao Seu nascimento físico das entranhas de Maria.

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu” (v. 51). Chamar-se, pois, a hóstia de pão celeste por nela supostamente encontrar-Se o corpo carnal de Cristo contraria o sentido das palavras do Salvador.

Cognominar-se a hóstia de “pão dos anjos” é, em face das palavras de Jesus, outra incongruência dos devocionários romanistas.

6) Como poderá produzir vida eterna uma hóstia efêmera? Afirmam os teólogos católicos ser ela o próprio Cristo com Seu corpo, sangue, alma e divindade. Ela, contudo, apodrece. Tanto é assim que a hierarquia clerical estabelece normas rigorosas para conservá-la íntegra e exige a sua consumação no prazo de 15 dias em clima úmido para evitar o desagrado de vê-la mofada e corrompida.

Ao ser ingerida, entra no processo da digestão e, como qualquer bolacha, deteriora-se.

Se a hóstia em si e de si mesma não tem a vida eterna com o conseqüente poder de sua autopreservação, que seria de se esperar se fosse o corpo de Cristo e produzisse vida eterna, como há de causar essa vida eterna em seus comungantes?

7) O católico quanto mais fervoroso mais angustiado é! Quanto mais confessa seus pecados ao sacerdote e mais recebe a hóstia em comunhão mais torturada a sua alma.

Como resultado do materialismo vaticano, ele descrê da vida eterna ou supõe que o purgatório faça parte dessa vida eterna.

No seu trágico desapontamento, duvida de que alguém possa já neste mundo gozar da vida eterna tendo a certeza absoluta do céu para si.

Antes do Concílio Ecumênico Vaticano II, o sacerdote, ao depositar a hóstia na língua dos seus fiéis, dizia: *“Corpus Domini Nostri Iesu Christi custodiat animam tuam in vitam aeternam. Amém”* (“Que o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo guarde a tua alma para a vida eterna. Amém”). Apesar de conservar o catolicismo a tradicional dogmática, também quanto à eucaristia, essas palavras foram

supressas pelo último Concílio Ecumênico. Os senhores padres conciliares sabem que a hóstia é estéril e impossibilitada de produzir a vida eterna.

Os evangélicos rejeitam a interpretação literal de Roma por aceitarem as palavras de Cristo no sentido exato que Ele lhes dá e, como resultado, crendo nEle, têm a vida eterna – comer a Sua carne e beber o Seu sangue é, de todo o coração, crer nEle como Aquele que, na cruz do Calvário, deixou-Se sacrificar pelos nossos pecados.

E, como fruto de nEle crer segundo as Santas Escrituras, os crentes evangélicos gozam da segurança inabalável de sua salvação eterna.

Ao constatar a insustentabilidade e as ilogicidades da interpretação romana do sermão de Cristo em Cafarnaum (João 6.26-71), o católico, honesto com a sua própria consciência, há de abandoná-la.

Abandonar o erro apenas, contudo, é insuficiente.

Ao se errar na soma de uma conta, além de se fazer uso da borracha, rejeitando o engano, faz-se a conta certa.

É o caso! Repellido o erro, há de se aceitar a Verdade do Evangelho, recebendo, pela fé e exclusivamente pela fé, a Cristo como ÚNICO, EXCLUSIVO, TODO-SUFICIENTE REDENTOR.

Aceito este imperativo da consciência, o coração descansa em Cristo a usufruir a alegria da vida eterna.

NA ÚLTIMA PÁSCOA, O CUMPRIMENTO DA PROMESSA

Nos três Evangelhos sinóticos e na Primeira Epístola aos Coríntios encontram-se os relatos simples e completos da instituição da Ceia do Senhor, ocorrida na celebração da Páscoa judaica.

Transcreveremos em paralelo os quatro textos para facilitar a visão do conjunto e estabelecer confrontos:

Mateus 26.26-29

“Enquanto comiam, tomou Jesus um pão e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; ISTO É O MEU CORPO. A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque ISTO É O MEU SANGUE, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados. E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, con-vosco no reino de Meu Pai”.

Marcos
14.22-25

“E, enquanto comiam, tomou Jesus um pão e, abençoando-o, o partiu e lhes deu, dizendo: Tomai, ISTO É O MEU CORPO. A seguir, tomou Jesus um cálice e, tendo dado graças, o deu aos Seus discípulos; e todos beberam dele. Então, lhes disse: ISTO É O MEU SANGUE, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos. Em verdade vos digo que jamais beberei do fruto da videira, até àquele dia em que o hei de beber, novo, no reino de Deus”.

Lucas
22.17-20

“E, tomando um cálice, havendo dado graças, disse: Recebei e reparti entre vós; pois vos digo que, de agora em diante, não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: ISTO É O MEU CORPO oferecido por vós; fazei isto em memória de Mim. Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: ESTE É O CÁLICE DA NOVA ALIANÇA NO MEU SANGUE derramado em favor de vós”.

1ª Coríntios
11.23-26

“Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: ISTO É O MEU CORPO, que é dado por vós; fazei isto em memória de Mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: ESTE CÁLICE É A NOVA ALIANÇA NO MEU SANGUE; fazei isto, todas vezes que o beberdes, em memória de Mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha”.

A DOCTRINA CATÓLICA

A dogmática romana separa as expressões **“ISTO É O MEU CORPO”** e **“ISTO É O MEU SANGUE”** como essenciais por supor encontrar nelas o cumprimento da promessa de Jesus quanto à instituição da eucaristia feita em Cafarnaum perante as turbas saciadas com o pão prodigiosamente multiplicado (cf. João 6) (1).

No momento da “consagração”, o ápice da missa, o celebrante, tendo o pão entre os dedos, sobre ele profere as seguintes palavras rituais: **“Tomai e comei todos vós, ISTO É O MEU CORPO, que é dado por vós”** e sobre o vinho infundido no cálice, estas outras:

“Tomai e bebei todos vós: ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, que é derramado por vós e por todos os homens, para perdão dos pecados. Fazei isto para celebrar a Minha Memória”.

As duas fórmulas consecratórias contêm as palavras de Cristo, essenciais à confecção do sacramento da eucaristia.

No instante da “consagração” da missa, pois, o pão deixa de ser pão para se tornar REAL, VERDADEIRA, SUBSTANCIAL E FISICAMENTE corpo de Cristo.

O vinho deixa de ser vinho para ser REAL, VERDADEIRA, SUBSTANCIAL E FISICAMENTE sangue de Cristo.

Transcristifica-se o pão! Transangüinifica-se o vinho!
Empanifica-Se Cristo!!! Envinha-se o Seu sangue!!!

Esta realidade verdadeira e substancial se encontra, contudo, sob os ACIDENTES ou APARÊNCIAS (gosto, consistência, cheiro, cor, peso, tamanho, forma) do pão e do vinho.

A dogmática católica toma ao pé da letra as palavras ISTO (pão) e É.

Paulo VI, ao enfileirar citações patrísticas, em sua encíclica *Mysterium Fidei* (§ 44), menciona Teodoro de Mopsuéstia (*In Math. Comm.*, c. 26), como “particular testemunha fiel da crença da Igreja: O Senhor não disse – isto é o símbolo do Meu corpo e isto é o símbolo do Meu sangue – ensinando-nos a considerar a natureza visível que os sentidos atingem, mas a (crer) que ela, pela ação da graça, se mudou em Carne e Sangue”.

E, no tópico 45 daquele documento, Montini transcreve para reafirmar a teologia fossilizada nos seus erros tradicionais, as decisões do Concílio Ecumênico de Trento (Decr. “*De SS. Euchar.*”, c. 1 (2)).

Alegam os exegetas vaticanos não ser preciso nada mais claro para quem crê na Palavra de Jesus. Se Ele manda tomar este alimento, numa circunstância solene, e afirma sem circunlóquios “ISTO É O MEU CORPO” é porque, de fato, Ele está CORPORALMENTE prEsente sob as espécies do pão.

JESUS REPELE A DOCTRINA CATÓLICA

Às definições literalistas dos supremos hierarcas romanos levantam-se intransponíveis óbices, enquanto a compreensão figurada ou simbólica flui cristalina, normal, consentânea com o teor de toda a Bíblia e lógica, ao lume da razão.

1) Embora falando figuradamente, as palavras de Cristo **“ISTO É O MEU CORPO”** e **“ISTO É O MEU SANGUE”** não são equívocas. São

precisamente as palavras que Ele deveria usar para Se fazer entendido por Seus apóstolos, reconhecidas as circunstâncias da Sua prolação.

Com efeito, quando Jesus as pronunciou?

No contexto e no cenário espiritual da celebração da Páscoa judaica, a solenidade estabelecida para comemorar a libertação dos hebreus da escravidão do Egito. O pão e o vinho usados pelo Mestre eram, pois, o pão e o vinho da Ceia Pascal.

No capítulo 12 de Êxodo, encontram-se as normas fundamentais prescritas pelo próprio Senhor a Moisés para o rito pascal. A título de informação, recorde-se de que a estas normas foram-se, em épocas posteriores, acrescentando rituais, conforme a Mixná.

O cordeiro era o elemento central da solenidade. E é a figura, o tipo, de Jesus, **“o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”** (João 1.29).

As carnes do animal deveriam ser assadas e a sua manducação, precedida de cânticos, atenderia postura física e gestos dos participantes. E, ao apresentar o cordeiro assado, o dirigente da solenidade declarava: **“ESTA É A PÁSCOA DO SENHOR”** (Êxodo 12.11).

Páscoa quer dizer PASSAGEM.

A sustentar-se a literalidade das palavras “ISTO É O MEU CORPO” e “ISTO É O MEU SANGUE”, dever-se-ia admiti-la também para a declaração **“ESTA É A PÁSCOA DO SENHOR”**, que Jesus naquela noite também pronunciou ao dirigir a cerimônia judaica.

Então, o cordeiro, “in concreto”, era a passagem de Deus? Seria absurdo porque foi o anjo do Senhor quem passou pelas casas hebréias.

A Páscoa do Senhor se constituiu, na noite da libertação, na PASSAGEM do anjo de Deus pela terra do Egito, ferindo os primogênitos dos nativos e PASSANDO por cima das residências dos israelitas assinaladas nos umbrais de suas portas com o sangue do cordeiro.

Deus elucidou este sentido da Páscoa (= passagem) em Êxodo 12.11-13: **“É a Páscoa do Senhor. Porque naquela noite passarei pela terra do Egito, e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito: Eu sou o Senhor. O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes: quando Eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando Eu ferir a terra do Egito”**. Entre este evento histórico e o cordeiro há uma distinção essencial. Aquele foi o fato

concreto e este, na celebração anual do ocorrido, a memória daquele episódio.

Apesar de dizer o dirigente da festa memorial: **“Esta é a Páscoa do Senhor”** ao apresentar o cordeiro para ser comido, aquelas carnes assadas não se transmudavam verdadeiramente no fato da passagem do Senhor por cima das casas dos hebreus.

Então, o verbo Ê da frase **“esta Ê a Páscoa do Senhor”** quer dizer: Esta significa, simboliza, figura a Páscoa do Senhor. Este modo figurativo de se exprimir era perfeitamente entendido por todos os israelitas.

Pois bem, Jesus Se reuniu com os Seus Apóstolos para a Páscoa, na celebração do evento histórico da passagem do anjo do Senhor quando da libertação do Seu povo do cativo egípcio. E o faria pela última vez, oportunidade, aliás, quando também seria celebrada, pela última vez, essa solenidade, pois com a Sua morte deixou ela de ter razão.

Foi nesse cenário memorativo carregado de simbolismo que, após haver, como dirigente, dito as palavras figurativas: **“Esta é a Páscoa do Senhor”**, instituiu a CEIA, memorial de Sua morte – Ele, o verdadeiro CORDEIRO, tipificado pelo cordeiro da festa pascal – e, ao tomar em Suas mãos o pão e o vinho, disse: **“ISTO É O MEU CORPO”** e **“ISTO É O MEU SANGUE”**.

Evidentemente que também nestas últimas frases o verbo SER tem o sentido de SIGNIFICAR, SIMBOLIZAR.

Releva notar que as palavras de Jesus foram pronunciadas em arameu, idioma que dispensava o uso do verbo SER. Ele se explicita, contudo, no texto grego.

2) As palavras: **“ISTO É O MEU CORPO”** e **“ISTO É O MEU SANGUE”** são fundamentais no dogma eucarístico. E o pivô da exegese literal católica é o verbo SER na terceira pessoa do presente do indicativo. Ê que, no hebraico, embora ausente no arameu, equivale a JECH e, no grego, a ESTI. Com efeito, no original grego, assim se encontra: **“TOUTO ESTI TO SOMA MOU”**.

Se aceitarmos a interpretação material, literal, do verbo SER aí nas frases, aderiremos ao dogma eucarístico.

Ponderabilíssimas razões, contudo, nos movem à lógica de repeli-la.

a- Em todos os idiomas, inclusive no hebraico, o verbo SER é um verbo de ligações e de predicação incompleta por ser fraco, precisando, portanto, de complemento predicativo. Como resultado, pode, em muitos casos, ser dispensado, especialmente no hebraico.

Por isso, em frases metafóricas ele quer dizer SIGNIFICAR.

Esse verbo SER é empregado tanto no sentido literal como no figurado. Detecta-se qual deles se deve aceitar pelo sentido da frase. Se, ao tomar um copo, afirmo: **ESSA ÁGUA É FRIA** e se, ao me referir a alguém de temperamento fleugmático, indiferente, disser: **FULANO É FRIO**, sei que, no primeiro caso, o verbo SER é empregado literalmente e, no segundo, em sentido figurado.

O verbo SIGNIFICAR não existe no vocabulário hebraico e, em seu lugar, emprega-se o verbo SER, sem prejuízo da clareza da frase, ou sumariamente, se o omite, também sem sacrifício da clareza.

Também em nossa língua, em figuras de linguagem ou tropos literários, emprega-se o verbo SER com o sentido de SIGNIFICAR, SIMBOLIZAR.

b- Ao longo das Sagradas Escrituras encontra-se com freqüência o verbo SER no sentido de SIGNIFICAR. E nem poderia acontecer diferente. Enfileiraríamos exemplos à farta, *“ad nauseam”*, se quiséssemos. Lembramo-nos de alguns apenas: **“A mulher virtuosa É a coroa do seu marido”** (Provérbios 12.4); **“as sete vacas boas SERÃO sete anos; as sete espigas boas, também sete anos”** (Gênesis 41.26); **“estes ossos SÃO toda a casa de Israel”** (Ezequiel 37.11); **“o bode peludo É o rei da Grécia”** (Daniel 8.21).

É evidente que a “coroa” simboliza a mulher quando preciosa em virtudes. As “vacas” e as “espigas” do sonho de Faraó significam sete anos. Os “ossos” da visão de Ezequiel são o emblema da casa de Israel e o “bode”, um símbolo do rei grego.

Tomar-se o verbo SER nessas expressões e numa infinidade de outras encontradas nas Escrituras em sentido literal seria insensatez.

c- Ainda, é muito próprio do estilo literário de Jesus o emprego desse verbo como SIGNIFICAR e SIMBOLIZAR.

Quando Ele disse: **“A semente É a Palavra de Deus”** (Lucas 8.11); **“Eu SOU o caminho”** (João 14.6); **“Eu SOU a videira verdadeira”** (João 15.1); **“Eu SOU a porta”** (João 10.7, 9) concordam todos os exegetas na compreensão do verbo SER no sentido de SIGNIFICAR. E por que não haveriam os católicos de aceitar este mesmo sentido do verbo SER quando Jesus afirmou **“Eu SOU o pão da vida”** (João 6.35, 48), **“isto É a Minha carne”** e **“isto É o Meu sangue”**?

d- Em nosso linguajar comum e nos escritos dos grandes literatos, a cada passo, encontramos o mesmo emprego do verbo SER.

Referindo-se ao indivíduo avesso ao banho freqüente, diz-se: Fulano É um porco. Ao moleirão: É uma tartaruga. Ao cheio de vivacidade: É um gato.

Se alguém, ao passar pela Praça Princesa Isabel, em São Paulo, apontando para o monumento nela instalado, pergunta: Quem é aquele?, responder-lhe-ão: É o Duque de Caxias.

Esta resposta não quer dizer que aquela estatua é o Duque de Caxias em pessoa e nem, por isso, o bloco de pedra se transubstancia em corpo do herói, embora seja pronunciada pela máxima patente militar. Nem ainda aquelas palavras da resposta denotam uma presença espiritual do grande Patrono do Exército na artística escultura.

3) Encontram-se em abundância na Escrituras exemplos de figuras literárias que, por causa de certa analogia, se toma o significado pela coisa significada. Jesus chamou Herodes de raposa (Lucas 13.32), os escribas e fariseus, de serpentes e raça de víboras (Mateus 23.33). A Si próprio Se comparou à porta (João 9.7, 9), à luz (João 8.12), ao caminho (João 14.6), à videira e aos ramos os discípulos (João 15.1, 5). E Jesus chama ao vinho de **“o fruto da vide”** (Lucas 22.18) no instante mesmo da instituição da Ceia.

São os tropos literários frequentíssimos na literatura universal que lhe dão beleza e facilitam a compreensão, evitando a prolixidade.

E por que não se haveria de entender como figura rica de significado as expressões **“Eu sou o pão da vida”** (João 6.35, 48), **“isto [o pão] é o Meu corpo”** e **“isto [o vinho] é o Meu sangue”?**

A entenderem literalmente estas palavras de Jesus, os exegetas deveriam ser coerentes e admitirem também literalmente a advertência de Jesus a Pedro: **“Arreda, Satanás! Tu és para Mim pedra de tropeço”** (Mateus 16.23). Então, Pedro, a pretendida pedra na qual se edifica o catolicismo, é Satanás?

São exemplos e considerações que nos demonstram a absurdidade ilimitada a que chegaríamos se aceitássemos a interpretação literal, material, das palavras de Cristo ao estabelecer a Ceia.

Entendendo-as, porém, em sua verdadeira significação, que é a simbólica ou figurada, tudo se simplifica porque consentânea com a mente do Salvador.

4) Cotejando-se os quatro textos relativos à instituição da Ceia, encontra-se pequena divergência quanto ao sangue. Mateus e Marcos concordam e registram: **“ISTO É O MEU SANGUE”**. Lucas e Paulo têm uma pequena variação: **“ESTE CÁLICE É O NOVO CONCERTO NO MEU SANGUE”**.

Trata-se, nestes dois últimos escritores, claramente, de uma figura literária chamada metonímia (toma o continente pelo conteúdo).

A aceitar-se a literalidade dos doutrineiros romanos, teríamos grande dificuldade. Mas os evangélicos não têm dificuldade alguma

porque as palavras de Jesus, tanto em Mateus e Marcos como em Lucas e Paulo, querem dizer a mesma coisa. Estes dois últimos escritores sacros registraram a interpretação, de certo dada pelo próprio Jesus – **“o novo concerto no Meu sangue”** – da frase: **“ISTO É O MEU SANGUE”**.

Se coerentes, os teólogos vaticanos esbarram aqui com um grave problema, do qual só podem escapar aceitando na frase do registro de Lucas e Paulo a interpretação figurada para o vocábulo “cálice”.

Mas, aceitando esta interpretação figurada, e honestos, deveriam admitir a expressão toda como simbólica ou figurada.

A teologia católica, com efeito, está repleta de contradições e ilogismos. A sua pertinácia na interpretação literal deste registro da instituição da Ceia e de Mateus 16.18 somente ocorre porque o poderio econômico-político do catolicismo depende da sacramentolatria e da papolatria.

5) Todo o argumento da teologia católica quanto à presença real e corporal de Cristo na eucaristia se centra nas palavras **“ISTO É O MEU CORPO”** e **“ISTO É O MEU SANGUE”** a serem tomadas no sentido literal, material.

Seria, contudo, metafórica esta passagem se as palavras **É**, **CORPO** e **SANGUE** podem ser tomadas em sentido metafórico.

Ora, nos quatro tópicos anteriores ficou à saciedade demonstrado que o exclusivo sentido das duas frases onde se encaixam essas duas palavras é o figurado ou metafórico.

Por conseguinte, cai por terra a interpretação vaticana porque, à luz das palavras do próprio Cristo falece razão para a tese eucarística.

Paulo Apóstolo, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, escrita cerca de 25 anos após a instituição da Ceia, revela a sua crença segundo a compreensão figurada ou simbólica do pão e do vinho. **“Porque, todas as vezes que comerdes este PÃO e beberdes o CÁLICE, anunciais a morte do Senhor, ATÉ QUE ELE VENHA”** (11.26). Ao invés do Corpo, Sangue, Alma e Divindade nos elementos da Ceia ele vê pão e vinho.

Aliás, por três vezes em 1ª Coríntios 11.26-29 aparece a palavra **“PÃO”** empregada para as espécies “consagradas”.

Além disso, se Paulo cresse na presença real, corporal, de Cristo sob as aparências do pão e do vinho, ele não diria: **“ATÉ QUE ELE VENHA”**, pois Cristo já estaria ali presente. Já teria vindo!

6) Jesus também rejeita a interpretação católica. No pão e no vinho reconhece símbolos do Seu corpo e do Seu sangue, sem sofrerem estes elementos qualquer mudança.

a) Ao determinar **“Fazei isto em MEMÓRIA de Mim”** (Lucas 22.19), Jesus exclui, *“ipso facto”*, a Sua presença.

Com efeito, se no pão Cristo Se tornasse FÍSICA e CORPORALMENTE presente – “presente na sua realidade física”, como quer Paulo VI (*Mysterium Fidei*, 46) – a Ceia não seria MEMORIAL ou LEMBRANÇA.

b) Jesus, após a manducação do pão e as palavras referentes ao cálice, **“isto é o Meu sangue”**, declarou com toda a clareza continuar vinho o conteúdo da taça: **“E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira...”** (Mateus 26.29).

Após Suas palavras, o vinho continuou FRUTO DA VIDEIRA. O Mestre não o reconheceu, pois, transubstanciado em Seu sangue.

7) A presença corporal, física, de Cristo sob as aparências humanas, no instante da instituição da Ceia, torna inadmissível a possibilidade de aceitação literal de Suas palavras: **“ISTO É O MEU CORPO”** e **“ISTO É O MEU SANGUE”**.

Ele próprio seguraria em Suas mãos o Seu corpo? Comê-lo-ia? E beberia o Seu sangue? E, ato contínuo, o entregaria aos discípulos?

8) Ensina o catolicismo ser o sacramento instituído por Cristo. Em sendo assim, Cristo é quem determina a matéria dele, como a água no sacramento do batismo e os elementos pão e vinho no sacramento da eucaristia. Outrossim, é Cristo quem pormenoriza a forma, isto é, as palavras a serem pronunciadas corretamente por ministro autorizado, sobre a matéria para a válida confecção do sacramento.

Assim, quando o sacerdote despeja água sobre a cabeça do batizando, só ocorrerá efetivamente o batismo se ele pronunciar com clareza as palavras estabelecidas por Cristo, no caso: “Eu te batizo em Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

As palavras da forma sacramental são, portanto, essenciais. *“Ex opere operato”*, isto é, infalivelmente, elas produzem o efeito sacramental, independentemente das condições espirituais e morais do ministro.

Pois bem, se a forma é constituída de palavras determinadas por Jesus, porque o sacramento requer, em sua essencialidade, o haver por Ele sido instituído, qual é a forma precisa para se confeccionar o sacramento da eucaristia?

Quanto ao pão, nos registros de Mateus, Marcos, Lucas e Paulo há unanimidade.

Quanto ao vinho, a diferença é enorme. Mateus e Marcos anotaram as palavras de Jesus assim: “Isto é o Meu sangue...”. Lucas e Paulo, de modo diferente: **“Este e o cálice da Nova Aliança no Meu sangue...”**

Por serem essenciais as palavras da forma sacramental, conforme exige a doutrina católica, o celebrante tem que se restringir com todo rigor a elas. Do contrário, a celebração não produziria o sacramento.

Diante da discrepância de registro quanto às palavras relativas ao vinho, surge uma tremenda dificuldade para a interpretação literal adotada pelo catolicismo.

Conclui-se, todavia, e com absoluta lógica, à vista dessas diferenças de registro, que os escritores sacros não criam na transubstanciação, isto é, no sacramento da eucaristia. Eles estavam imunes do sacramentalismo católico.

Se não encontramos unidade de registro e se, diante da teologia católica, as palavras sacramentais também devem ter sido estabelecidas por Cristo, já se conclui – e com toda a lógica – que Jesus jamais pensou em instituir um sacramento da eucaristia na Sua Ceia, memorial da Sua morte expiatória e vicária.

OS TEÓLOGOS CATÓLICOS EM DEPOIMENTO

Ao ouvir-se um pregador católico dissertando sobre a instituição da eucaristia ou quando se lêem as rezas dos devocionários dirigidos ao “santíssimo sacramento”, tem-se a impressão de que os doutrineiros vaticanos aceitam pacífica, concorde e unanimemente aquilo que proclamam ao povo.

Se lhes formos consultar as obras, entretanto, inteiramo-nos das disputas acirradas que os dividem.

Limitam-se, na cautela de escaparem dos anátemas e excomunhões dos Concílios e dos vaticanos pontífices, a admitir apenas a instituição do sacramento da eucaristia por Jesus Cristo ao ensejo da última Ceia Pascal.

1) Sobre esta matéria os exegetas e teólogos católicos se perguntam: TERÁ CRISTO USADO PAAVRAS AO INSTITUIR A EUCARISTIA?

Será unânime a resposta?

Que esperança!!!

Separam-se eles em três principais grupos:

a) Hoppe (*Die Epiklesis der griech und oriental. Liturgien*, p. 1) opina que as palavras de Cristo: **“Isto é o Meu corpo”** e **“Isto é o Meu sangue”** não são consecratórias. Deu-lhes Jesus um cunho decorativo. Ele, com aquelas palavras, simplesmente declarou que o pão e o vinho já se haviam transcristificado e transanguinificado.

b) Durando e Inocêncio III (cf. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, P. III, Q. 78, art. 1) admitem que Cristo consagrou o pão e o vinho só com a Sua bênção e o império da Sua vontade. E que, após a “consagração”, pronunciou as palavras que a Igreja deveria usar na confecção deste sacramento (3).

Ocorre, porém, a pergunta: Quais palavras se devem usar, haja vista variar o registro delas entre os quatro relatos?

Mateus e Marcos anotaram: **“Isto é Meu corpo”**.

Lucas: **“Isto é o Meu corpo oferecido por vós”**.

Paulo: **“Isto é o Meu corpo, que é dado por vós”**.

Em relação ao cálice, Mateus registrou: **“Isto é o Meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”**.

Marcos: **“Isto é o Meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos”**.

Lucas: **“Este é o cálice da nova aliança no Meu sangue derramado em favor de vós”**.

Paulo: **“Este cálice e a nova aliança no Meu sangue”**.

Surpreende a variedade profunda quanto às palavras referentes ao sangue entre os dois primeiros sinóticos (Mateus e Marcos) e Lucas e Paulo.

Releva uma observação! Essas variações nos movem ainda mais à adoção da compreensão simbólica da passagem.

c) Erasmo (*Annot. In I Epst. ad Cor.*, 2) diz que Cristo consagrou a eucaristia com palavras, sim, porém nenhum escritor do Novo Testamento as registrou, tornando-se nos desconhecidas: “Oxalá”, diz ele, “houvesse Paulo transmitido as palavras com as quais Cristo consagrou aquele pão, porque as palavras **“Isto é o Meu corpo”** e **“Isto é o Meu sangue”** servem melhor para apresentar o pão já consagrado do que propriamente para transsubstanciá-lo”.

Enfim, cada teólogo ou exegeta, de acordo com seu ponto de vista pessoal, se engaja num desses grupos.

2) Durante o Concílio Ecumênico de Trento, as discussões se acaloraram ao máximo porque os bispos não chegavam a um ponto de vista comum quanto a muitos aspectos do sacramento da eucaristia. Só a intervenção do papa, com a sua autoridade de soberano pontífice, arrolhou-os.

O jesuíta Francisco Suarez distingue-se como um dos exponenciais entre os teólogos romanistas. Pois bem, com sinceridade, declarava que o Cardeal Caetano, um dos mais destacados teólogos participantes do Concílio Tridentino, admitia que, por si sós, as palavras **“isto é o Meu corpo”** não são suficientes para provar a presença corporal de Cristo na eucaristia. É imprescindível a determinação da “igreja” (4).

Muito tempo depois do Tridentino, os teólogos Scotus (*In 4 Sent.*, dist. 11, q. 3) e Duando (*In 4 Sent.*, dist. 11, a. 1) continuaram a asseverar que independentemente da autoridade da “igreja” e da

interpretação do Concílio Ecumênico de Trento, pelas palavras de Cristo apenas não se pode aceitar a transubstanciação.

Pio XII lembrou que a eucaristia “é a cúpula e como que o centro da religião cristã” (Encíclica *Mediator Dei*). E Paulo VI que, “se a sagrada liturgia ocupa o primeiro lugar na vida da igreja, o mistério eucarístico é, podemos dizer, o coração e o centro da sagrada liturgia” (Encíclica *Mysterium Fidei*, § 3). E este último pontífice ainda proclama ser a eucaristia “o centro da Igreja Universal” (ib, § 68).

Uma “igreja” com um coração desses! Com semelhante centro!

Acaso os fiéis podem esperar dela a salvação eterna de suas almas?

DOCUMENTAÇÃO:

(1) – “*Quod Christus apud Jo. VI promiserat, hoc in ultima cena praestitit dando apostolis suis verum Corpus et Sanguinem Suum ad manducandum et bibendum*”. “O que Cristo, em João 6, prometera, cumpriu na última Ceia ao dar aos Seus apóstolos o Seu verdadeiro Corpo e o Seu Sangue para comer e beber” (J. Mors – *Institutiones Theologiae Dogmaticae* – Petrópolis, 1937 – De Sacramentis – p. 164).

(2) – “O Concílio Tridentino, baseado-se nesta fé da igreja, afirma clara e simplesmente que, no augusto sacramento da santa eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, está presente verdadeira, real e substancialmente, sob a aparência destas realidades sensíveis”. Portanto, o nosso Salvador está pré sente com a Sua Humanidade não só à direita do Pai, segundo o modo de existir natural, mas também no sacramento da eucaristia, “segundo um modo de existir que, nós, com palavras, mal conseguimos exprimir, mas com a inteligência iluminada pela fé podemos reconhecer como possível a Deus, modo que muito constantemente devemos aceitar como Real” (Paulo VI, *Mysterium Fidei*, § 45).

(3) – “*Christus, qui habebat potestatem excellentiae in sacramentis, absque omni forma verborum hoc sacramentum perfect*”. “Cristo, por Seu poder de excelência, consagrou o sacramento sem usar palavra alguma” (Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, P. III,q. 78, art. 1).

(4) – “*Ex catholicis, Caietanus in commentario huius articuli, qui, iussu Pio V, in romana editione expunctus est, docuit veritatem hanc confirmandam non sufficere*” (Suarez, *Theologia*, T. III, disp. 46, séc. 3).

.oOo.

O TESTEMUNHO DE PAULO APÓSTOLO

O APÓSTOLO, sob todos os aspectos, se destaca no Cristianismo.

Exornado de excepcionais dotes, inclusive intelectuais, foi um poderoso instrumento de Deus. Missionário incansável, teólogo profundo, apaixonado pregador, ousado polemista, de sua pena saiu metade dos livros integrantes do Novo Testamento.

Sua vasta cultura, posta a serviço do Evangelho, iluminada pelo Espírito Santo, envolveu os magnos temas do Cristianismo com explicações magníficas e cristalinas.

A Ceia do Senhor, essa ordenança de Cristo a ser celebrada com profunda devoção por se constituir em memorial de Sua morte e permanente anúncio de Sua volta, mereceu do Apóstolo Teólogo, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, um exame completo que se tornou em fonte de preciosos ensinamentos sempre atuais.

Eis o texto paulino sobre a ordenança memorial:

“17 Nisto, porém, que vos prescrevo, não vos louvo, porquanto vos ajuntais, não para melhor; e, sim, para pior.

18 Porque, antes de tudo, estou informado haver divisões entre vós quando vos reunis na igreja; e eu em parte o creio.

19 Porque até mesmo importa que haja partidos entre vós, para que também os aprovados se tornem conhecidos em nosso meio.

20 Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a Ceia do Senhor que comeis.

21 Porque, ao comerdes, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague.

22 Não tendes, porventura, casas onde comer e beber? Ou menosprezais a igreja de Deus, e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto certamente não vos louvo.

23 Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão;

24 e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o Meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de Mim.

25 Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no Meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de Mim.

26 Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.

27 Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor.

28 Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice;

29 pois quem come e bebe, sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si.

30 Eis a razão porque há entre vós muitos fracos e doentes, e não poucos que dormem.

31 Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.

32 Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.

33 Assim, pois, irmãos meus, quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros.

34 Se alguém tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para juízo. Quanto às demais cousas, eu as ordenarei quando for ter convosco”.

Ao lê-lo, depreendem-se as seguintes lições luminosas:

PRIMEIRA: Paulo recebeu diretamente de Jesus Cristo a revelação sobre a Ceia. **“Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão...”** (v. 23). Associado aos Doze, como órgão da Revelação com eles, Paulo recebeu do Senhor também o Evangelho. **“Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado não é segundo o homem; porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo”** (Gálatas 1.11-12).

Estas informações põem por terra a cobiçada sucessão apostólica dos hierarcas romanos. Com efeito, os bispos católicos se arrogam na postura de sucessores dos apóstolos. Pretendem eles encontrar também aquela sucessão nas palavras de Jesus: **“Fazei isto em memória de Mim”**, pronunciadas durante a Ceia.

Na oportunidade da instituição desta, Paulo de nada participou, pois não era dos Doze e nem ainda havia se convertido. Foi integrado aos Doze alguns anos após a Ascensão de Cristo. E, ao ser associado ao grupo dos apóstolos nenhum deles correu a lhe impor as mãos, como num rito sacramental, a transmitir-lhe poderes apostólicos e episcopais.

Jesus o chamou diretamente. E diretamente lhe revelou o Evangelho. E diretamente lhe entregou informes sobre a Ceia, o precioso memorial do Seu sacrifício.

SEGUNDA: Recorde-se ser este relato paulino escrito antes dos três evangelhos sinóticos. Uns 25 anos após a fundação do memorial. E, antes de escrevê-lo, o apóstolo já havia instruído sobre o assunto os crentes de Corinto, os quais, ao receberem esta epístola, já o celebravam, conforme se pode depreender dos vv. 20-22, passagem esta onde se verifica encontrar em uso a celebração da Ceia na Igreja

Primitiva. Demais, este tópico da carta visava coibir abusos cometidos ao ensejo da Ceia.

A perícopa paulina nem menciona a Ceia Pascal, extinta com a morte de Cristo, por não haver mais razão de ser. Aliás, Paulo jamais mencionou a celebração da Ceia Pascal judaica entre os cristãos.

Constituíam-se ela em memorial da libertação dos israelitas do cativeiro egípcio. Era, portanto, uma comemoração nacional judaica.

A Ceia do Senhor, como memorial de Sua morte, é privilégio de todos os crentes evangélicos em Jesus Cristo, sejam eles de qualquer nação ou raça. Tem, pois, um sentido universal.

A Ceia, outrossim, é um Memorial do sacrifício de Cristo e não da Páscoa judaica. A Ceia envolve um simbolismo totalmente diferente da Páscoa.

Por conseguinte, ela não é um sucedâneo ou substituto da Páscoa dos hebreus, como o batismo não o é da circuncisão.

Vincular-se as duas ceias é revelar ignorância do significado e do objetivo de cada uma.

A missa católica, crida como a própria Ceia do Senhor, em conseqüência do erro anti-bíblico de se considerar a Ceia como substituta da Páscoa judaica, está carregada de reminiscências judaicas. Dentre elas, lembro o gesto da imposição das mãos por parte do sacerdote celebrante sobre as oblatas, isto é, as espécies de pão e de vinho, como faziam os sacerdotes do Antigo Testamento sobre o animal vítima.

Aliás, o nome de HÓSTIA, que é sinônimo de holocausto ou vítima, atribuído à obréia de farinha de trigo provém dos judeus que chamavam com ele o animal do sacrifício.

TERCEIRA: As normas práticas para a celebração da Ceia-Memória encontram-se estabelecidas neste texto de 1ª aos Coríntios.

Nos registros sinóticos, deparamo-nos com a sua teologia. Aqui, com a sua disciplina, além de expor também aspecto teológico.

Naqueles, há peculiaridades específicas, próprias, como resultado do cenáculo pascal judaico em que se deu a instituição.

No registro Paulino, desvinculado daquele ambiente, é clara a preocupação quanto à prática da solenidade.

QUARTA: Paulo não cria na presença corporal e nem espiritual (de um modo todo característico) de Cristo nos elementos da Ceia. Nos vv. 26-28, após as palavras do Redentor **“isto e o Meu corpo”** e **“este cálice é a nova aliança no Meu sangue”**, continua insistentemente a chamar os elementos de pão e de vinho. Não os chama de “santíssimo sacramento”, nem de “nosso Senhor”, nem de “hóstia consagrada”.

Aferrados à interpretação literal das expressões de Cristo **“isto é o Meu corpo”** e **“isto é o Meu sangue”**, os exegetas romanos, bitolados ao dogma transsubstancionista, agarram-se com pertinência, à interpretação literal dos vocábulos sublinhados dos vv 27 e 29: **“Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, INDIGNAMENTE, SERÁ RÉU DO CORPO E DO SANGUE DO SENHOR... POIS QUEM COME E BEBE, SEM DISCERNIR O CORPO, COME E BEBE JUÍZO PARA SI”**.

Se quem participa da eucaristia, dizem os exegetas romanos, em pecado mortal, portanto, INDIGNAMENTE, é réu do corpo e do sangue de Cristo, **“come e bebe juízo para si”**, isto é, **“come e bebe para sua própria condenação”**, só pode ser porque, sob aquelas espécies de pão e vinho, se encontra o próprio Cristo com Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

Como seria réu o indigno se, de modo real, nesses elementos não estivesse Cristo?

Como poderia comer e beber o indigno para a sua própria condenação se o pão e o vinho não se transubstanciassem?

Dentro desses próprios versículos não querem eles notar que Paulo persiste em chamar as espécies de pão e de vinho, como dissemos acima.

Paulo não diz: Portanto, qualquer que comer a hóstia “consagrada”, ou a eucaristia, ou o corpo de nosso Senhor, ou beber o Seu precioso sangue, INDIGNAMENTE, será culpado do corpo e do sangue do Senhor.

Ele continua a chamar o pão de pão e o cálice de cálice.

As palavras em que se agarram os teólogos vaticanos no intento de basear o seu dogma da presença corporal, ao invés de favorecerem a interpretação forçada do catolicismo, reprovam-na. Rejeitam-na!

E, com efeito, por ser a Ceia o Memorial do sacrifício de Cristo, quem dela participa por quaisquer outros motivos, senão o de exclusivamente rememorar em espírito, com devoção, a morte redentora de Jesus, torna-se culpado do corpo ferido e do sangue de Jesus derramado no Calvário.

Evidentemente, que, para ser culpado do sacratíssimo corpo e do sangue precioso, não se requer a presença real, verdadeira, física de Cristo nas espécies de pão e de vinho. Se alguém insultar com palavras a pregação sobre o sacrifício de Cristo, sem que na pregação esteja real, verdadeira, substancial e fisicamente Cristo, porventura deixará de ser réu ou culpado do corpo e do sangue do Senhor?

Se alguém, durante a oração no culto, inclina a fronte, fecha os olhos fingindo orar, porque o seu coração e o seu pensamento estão aplicados em outros assuntos, esse indivíduo torna-se réu, culpado, de Cristo, sem que Cristo se materialize na oração. Quando dois ou mais se reúnem em Nome dEle, Ele Se faz presente. Presente em espírito. Por isso, quem ora indignamente é réu de Cristo, deixando de discernir espiritualmente a presença do Senhor.

Aquelas palavras de Paulo, sem exigirem a presença real dogmatizada pelo Vaticano, concordam plenamente com a compreensão simbólica delas próprias e das de Jesus ao ensejo da instituição do memorial.

QUINTA: Ao repetir, nos vv. 24 e 25 o vocábulo **“MEMÓRIA”** – **“Fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em MEMÓRIA de Mim”** – Paulo repele a doutrina da missa católica que almeja ser a renovação ou repetição do sacrifício do Calvário, em sendo a própria missa um

sacrifício. Se a Ceia é MEMÓRIA, impossível ser renovação ou repetição do sacrifício de Cristo.

Se a Ceia é, segundo Jesus também, MEMÓRIA, é impossível ser um sacrifício. E onde, portanto, a presença real de Cristo nas espécies de pão e de vinho? A presença real excluiria, “*ipso facto*”, a memória ou lembrança. Sendo, em contrapartida, memorial, exclui a presença

SEXTA: O advérbio “**INDIGNAMENTE**” (vv. 27 e 29) está carregado de ensinamentos, os quais contestam os artificios dos teólogos romanos.

A fim de se compreender a colocação desse advérbio nesses dois versículos, convém entender-se o significado do termo COMUNHÃO, em uso freqüente entre os católicos quando recebem a hóstia. Os católicos comungam, dizem, quando lhes é dada a eucaristia.

Com referência à Ceia do Senhor, esse vocábulo em todo o Novo Testamento só é encontrado uma vez: “**Porventura o cálice da bênção que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos, não é a comunhão do corpo de Cristo?**” (1ª Coríntios 10.16).

Em seu étimo, COMUNHÃO quer dizer COMUM UNIÃO. Indica, portanto, haver algo em comum entre algumas ou entre muitas pessoas. Os sócios de um clube, por exemplo, estão em comum união, em COMUNHÃO, de responsabilidades e direitos.

O vocábulo, contudo, é mais frequente em referência à sociedade de pessoas irmanadas pela fé religiosa. É a participação comum em crenças. Assim, podemos nos referir aos evangélicos filiados às Igrejas Batistas de COMUNHÃO BATISTA, porque eles se distinguem dos demais por práticas e princípios característicos.

Em geral, porém, o vocábulo é empregado em relação à sociedade espiritual, à união entre os salvos e o Salvador. É a COMUNHÃO com Cristo. E a Ceia do Senhor é, dentre outras, uma manifestação dessa COMUNHÃO.

O v. 16 do capítulo 10 da Primeira Epístola aos Coríntios destaca essa manifestação. Com efeito, há na Ceia muita coisa em comum, em sociedade, entre Jesus e os crentes que dela participam. Participamos dos benefícios da Redenção, de que a Ceia é memorial, que Ele nos outorga. Em sua celebração, ao comermos o pão, símbolo de Sua carne, acentua-se nossa íntima união com Ele.

Pedro afirma que por Deus “**nos têm sido doadas as Suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina**” (2ª Pedro 1.4). Esta participação expressa a íntima comunhão com Jesus, de cuja morte, que nos deu vida, é símbolo.

Em sendo a Ceia memorial da morte de Jesus e símbolo de nossa sociedade com Ele, celebrá-la por outros motivos é tratar INDIGNAMENTE o que é santo.

Paulo não diz INDIGNOS (adjetivo). Somos, aliás, todos indignos da comunhão do Calvário. Nossa indignidade, porém, foi na cruz apresentada e destacada. Em seguida, curada, perdoada pelo sangue

do Cordeiro desde que, pela fé, aceitamos o poder desse sangue, que nos purifica de todo o pecado.

Paulo não diz INDIGNOS, mas INDIGNAMENTE (advérbio). Trata, por conseguinte, do modo, da maneira de observar e participar da Ceia e não das qualidades de quem dela participa.

Os membros da igreja de Corinto, na ocasião da Ceia, comportavam-se mal, com glotonarias, bebedices, com os ricos se salientando pela fartura e os pobres se roendo de cobiça. Comportavam-se, pois, INDIGNAMENTE, não discernindo, não distinguindo, não apreciando o MEMORIAL em vista das profanas festanças.

Participar da Ceia de maneira indigna é afrontar a Cristo. Se a Ceia é um Memorial dEle, a afronta é contra Ele.

Comer a Ceia ou celebrá-la por qualquer outro motivo que não o de Memorial de Sua morte pela nossa Redenção é celebrá-la ou dela participar INDIGNAMENTE, tornando-se réu do corpo de Jesus, que é ofendido e afrontado no caso.

Não há lógica nenhuma em supor-se no caso a necessidade da presença física de Jesus no pão e no vinho para se tornar réu do Seu sacratíssimo corpo quem participar indignamente da Ceia.

A bandeira é o símbolo da Pátria. Se o soldado, no hasteamento dela, se comportar indignamente torna-se réu da Pátria, sem que se admita ser a bandeira literalmente a Pátria, nesta hipótese, ofendida.

Celebrar a Ceia para se comemorar uma data nacional é tratá-la INDIGNAMENTE e, portanto, ultrajar o sacrifício do corpo de Cristo, não o discernindo ou não o distinguindo espiritualmente.

Aliás, para estas celebrações pátrias temos cerimônias específicas.

Celebrar a Ceia para se festejar qualquer inauguração é tratá-la INDIGNAMENTE e, portanto, conspurcar o sangue de Jesus, como de Cordeiro imaculado e incontaminado, vertido na cruz.

Celebrar a Ceia admitindo-se pessoas que seguem princípios anti-bíblicos, embora seja evangélicas, é tratá-la INDIGNAMENTE e, portanto, ofender a Jesus Cristo, de cujo sacrifício é ela Memorial.

Celebrar a Ceia permitindo-se brincadeiras é tratá-la INDIGNAMENTE e, portanto, injuriar o sacrossanto corpo de Jesus, nela simbolizado.

A missa não é Ceia do Senhor porque, além de muitas outras razões a serem examinadas a seu tempo, ela (a missa) é rezada por almas de defuntos, em honra dos “santos”, em celebração de casamentos, de formatura escolar, em regozijo por campeonatos esportivos, em ação de graças pela vitória de certo candidato político...

A missa, por ser rezada com várias finalidades, inclusive sociais e políticas, não discerne o corpo de Cristo, e quem a celebra e quem a assiste são réus do sacratíssimo corpo.

SÉTIMA: O Memorial foi entregue à IGREJA. Não a uma casta privilegiada de sacerdotes.

Igreja é a comunidade, a congregação dos salvos. Igreja, pois, não se identifica com uma hierarquia clerical.

A Ceia foi entregue à IGREJA!!!

Depois de afirmar ter recebido a revelação diretamente do Senhor, Paulo entrega-a à igreja (v. 23).

De resto, a sua carta é endereçada à igreja de Corinto e não a uma casta. A toda a igreja. **“À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos...”** (1ª Coríntios 1.2).

No princípio do capítulo 11, afirma: **“Eu vos louvo porque... retendes as tradições assim como vo-las entreguei”** (v. 2) É evidente que dentre estas tradições ou ensinamentos se incluem os alusivos à Ceia.

Os crentes da gentilidade, bem antes de receberem os evangelhos, receberam a Primeira Epístola aos Coríntios, onde encontraram as normas para a celebração da Ceia. Este aspecto do rito como ato congregacional da igreja local é que estabeleceu a norma de se entender a Ceia do Senhor naqueles primórdios.

Os relatos de Mateus, de Marcos e de Lucas sobre a Ceia se restringem à sua instituição. Paulo, contudo, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, dá instruções sobre quem recai a responsabilidade de sua fiel administração.

A celebração da Ceia é um ato congregacional, coletivo. No texto Paulino, todos os imperativos estão no plural e não no singular, porquanto Paulo se dirigia à comunidade eclesial e não a um indivíduo.

A Ceia é ato da igreja! Não de um sínodo, ou de um presbitério, ou de um congresso, ou de uma convenção... **“Quando vos reunis na igreja”** ou **“quando vos reunis como igreja”** (v. 18), insiste o Apóstolo.

A sua celebração indigna constitui-se em ofensa à igreja: **“Menosprezais a IGREJA de Deus”** (v. 22).

A Ceia do Senhor não é um encontro para se cumprirem formalidades de etiqueta social. Nem deve ser realizada para atender interesses de indivíduos ou de grupos.

Contraria as normas apostólicas a Ceia levada para um enfermo, a celebrada na residência de uma família como parte de programas de aniversário, ou na solenidade de formatura e quejandas...

.oOo.

A TRANSUBSTANCIAÇÃO

PRESENTE, com Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade, está Jesus Cristo na hóstia “consagrada”!

É a doutrina católica!

Proclama-a o papa Montini, Paulo VI: “Está Cristo completo, presente na Sua REALIDADE FÍSICA, mesmo CORPORALMENTE” (“*Mysterium Fidei*”, § 46).

Por qual MODO, contudo, Se faz Cristo presente na hóstia?

A investigação vaticana conclui que Cristo Se torna presente na hóstia pela TRASUBSTANCIACÃO (1). Ajezado de paramentos, diante dos fiéis ajoelhados em postura de adoração, toma a hóstia entre seus dedos, inclina a cabeça e pronuncia as palavras consecratórias: “Tomei e comei, todos vós: ISTO É O MEU CORPO, que é dado por vós”.

E sobre o cálice pronuncia a fórmula da magia ritualista: “Tomai e bebei, todos vós: ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, o sangue da nova e eterna aliança, que é derramado por vós e por todos os homens, para o perdão dos pecados. Fazei isto para celebrar a Minha memória”.

Pronto! Num zás, aqueles elementos, por força das palavras sacerdotais, se transubstanciam em Jesus Cristo.

Ei-IO ali!!! Hostializado!!! Panificado!!! Envinhado!!!

O milagre de todos os milagres. O milagre que nem Deus pode fazer. Só o sacerdote.

Assim crê o católico. O católico considerado esclarecido. Na era da técnica. Da exploração do átomo. Dos grandes meios mecânicos de comunicação.

O católico da era das viagens interplanetárias crê na transubstanciação.

O grande jornal “O Globo”, em sua edição de 2 de abril de 1976, à página 2, na seção das Cartas dos Leitores, divulgou uma mensagem de certo Major-Brigadeiro nos seguintes termos a respeito do “padre”, aureolado de sobrenaturalidade, “a quem Deus confia poderes espirituais que transcendem o mais perspicaz entendimento humano. Basta lembrar que Jesus somente estará presente em nós, em Corpo, Sangue, Alma e Divindade, no santíssimo sacramento da eucaristia enquanto houver na terra um padre para consagrar a hóstia. A nenhuma outra criatura, no céu ou na terra, conferiu Deus poder tão grande, nem mesmo aos anjos, que são espíritos puros e perfeitíssimos”.

Retroagimos no tempo?

Não! Essas expressões foram estampadas num jornal de grande conceito e de enorme circulação! E nestes dias das grandes e espetaculares conquistas da técnica e da ciência.

Para o católico da era das excursões interplanetárias continua válida a tridentina pena da excomunhão (2).

O Concílio Ecumênico de Trento, aliás, em sua Sessão XII, se alongou em dogmatizar sobre a eucaristia e no Cânon 2 dessa Sessão definiu com o vocábulo TRANSUBSTANCIAÇÃO o modo pelo qual se processa a presença de Cristo sob as espécies de pão e vinho (3).

O termo transubstanciação é, por conseguinte, a chave com a qual a teologia romana conjectura o modo como ocorre essa presença.

Após a “consagração”, na missa, de maneira alguma permanecem as substâncias do pão e do vinho. Por uma verdadeira *conversão* do pão e do vinho na substância do corpo e do sangue de Cristo, Ele Se torna real e fisicamente presente sob as espécies.

O corpo e o sangue de Cristo não sucedem em tempo e lugar às substâncias do pão e do vinho. A substâncias desses elementos, sim, que se *transmudam* em substância do corpo e do sangue de Cristo.

E por ser o vocábulo TRANSUBSTANCIAÇÃO um termo carregado de doutrina, a teologia pós-conciliar Vaticano II dela não pode prescindir. É uma palavra fundamentalíssima no Tratado *DE EUCHARISTIA*.

As mudanças superficiais em certos setores da disciplina eclesiástica do romanismo pelo Concílio Ecumênico Vaticano II despertaram alguns teólogos católicos quanto ao debate sobre a terminologia multissecular adotada pela sua dogmática. O termo transubstanciação foi um deles. Não que esses poucos teólogos questionassem a dogmatizada presença real de Cristo na hóstia. Desejavam apenas adotar um vocábulo mais moderno para explicar o MODO pelo qual se processa essa presença.

Em sua encíclica *Mysterium Fidei*, de 3 de setembro de 1965, o papa Paulo VI, com a sua autoridade de sumo pontífice, os faz renunciar àquele intento e acatar a permanência da importante, fundamental e tradicional palavra (4).

O próprio pontífice, de resto, reconhece não encontrar nas Sagradas Escrituras qualquer base para o dogma transubstancionista. E apela para o magistério eclesiástico (5).

Porfia, contudo, elucidar o significado da TRANSUBSTANCIAÇÃO: “Depois da transubstanciação, as espécies do pão e do vinho tomam nova significação e nova finalidade, deixando de pertencer a um pão usual e a uma bebida usual, para se tornarem sinal duma coisa sagrada e sinal dum alimento espiritual; mas só adquirem nova significação e nova finalidade por conterem nova REALIDADE, a que chamamos com razão ONTOLÓGICA. Com efeito, sob as dias espécies já não há o que havia anteriormente, mas outra coisa completamente diversa: isto não só porque assim o julga a igreja, mas porque é uma realidade objetiva, pois – convertida a substância ou natureza do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo – nada fica do pão e do vinho,

além das espécies; debaixo destas está Cristo completo, presente na Sua REALIDADE física, mesmo corporalmente, se bem que não do mesmo modo como os corpos se encontram presentes localmente” (Ib., § 46).

O vocábulo em discussão procede da partícula TRANS e do termo SUBSTÂNCIA, querendo, pois, dizer que a TRANS-SUBSTANCIAÇÃO é a TRANS-LAÇÃO da substância.

Portanto, TRANSUBSTANCIAÇÃO é o ato pelo qual uma substância passa ou se muda em outra (*“actus quo una substantia transit seu mutatur in aliam”*).

É a *passagem* de uma coisa para outra (*“est transitus unius rei in aliam”*). É a *conversão* de alguma coisa em ordem à outra que a sucede (*“est conversio alicuius desitio cum ordine ad alterum ei succedens”*).

A transubstanciação designa, portanto, um *trânsito* ou *passagem* da totalidade de uma substância (matéria e forma) para outra.

A palavra *transformação* não exprime a doutrina vaticana por ser apenas a mudança de forma.

Evidentemente que o termo *forma* aqui é empregado em sentido filosófico da realidade interna que atualiza a matéria prima. E não no sentido popular do termo que exprime conformação externa de um objeto.

Na mudança de forma (transformação), permanece a matéria prima como termo de trânsito de uma forma para outra. Por exemplo, a água transformando-se em vapor e a madeira em carvão têm ambas a matéria prima como suporte permanente que perde e adquire formas.

Distingue-se, ainda, a transubstanciação da *translação*, que é mudança de figura; da *transentação*, que é a mudança de todo um ente ou ser em outro ente.

A TRANSUBSTANCIAÇÃO é uma “admirável e singular conversão” (Concílio de Trento) – ÚNICA – “de toda a substância do pão em corpo e de toda a substância do vinho em sangue, permanecendo somente as espécies do pão e do vinho” (Concílio de Trento).

As substâncias do pão e do vinho não são destruídas, aniquiladas, mas convertidas, mudadas, no corpo e no sangue de Cristo. *“Quae tamen desitio non dicenda est fieri per anihilationem stricte dictam, quia non est transitus in nihilum simpliciter, sed in corpus Christi”* (J. Mors, *Institutiones Theologicae Dogmaticae*. Petrópolis, 1937, *De Sacramentis*, p. 198).

As substâncias do pão e do vinho *não são substituídas*, e sim *convertidas, transubstanciadas*. De substâncias de pão e de vinho passam a ser substância do corpo e do sangue de Cristo sob os esmos acidentes daqueles elementos.

Na completa conversão substancial – a transubstanciação – não fica a matéria como suporte de mudança. O todo substancial é mudado. Assim, na eucaristia, pão e vinho, mudados no corpo e no sangue de Cristo, perdem não só as formas (do sentido filosófico) de pão e de vinho, mas também a própria matéria; forma e matéria que constituem a substância do pão e do vinho ao se converterem na matéria e forma do corpo e do sangue de Cristo.

O sacerdote, o outro Cristo – *alter Christus* – toma o pão e afirma na fórmula consecratória estabelecida por Jesus: **“ISTO É O MEU CORPO”**.

No momento em que toma entre os dedos o pão, ISTO, ainda é pão.

Ao completar a frase: “É O MEU CORPO”, num *zâs* – *ex opere operato* – pelo poder dessas mesmas palavras opera-se o milagre: o pão deixa de ser pão para se tornar corpo de Cristo completo, “presente na Sua realidade física” (6). A dogmática católica, portanto, repudia a *companhação* dos luteranos (sob as espécies associam-se as duas substâncias: a do pão e a de Cristo, a do vinho e a de Cristo) e a *impanação* de Osiander (a assunção hipostática do pão como aconteceu com a encarnação do Verbo).

Ocorrida a transubstanciação, assevera o catolicismo, nada permanece das substâncias de pão e de vinho, nada de sua matéria, nada de sua forma (na significação filosófica), nada de sua natureza.

Esta conversão essencial, contudo, não afeta as aparências ou exterioridades do ser, ou seja do pão e do vinho. Os acidentes, essas exterioridades, como a cor, o cheiro, a quantidade, a espessura, a extensão, o peso, a conformação, permanecem (“*Facta transubstantiatione species panis et vini immutatae manent*”).

Os filósofos ensinam que, em todo ser perceptível, há a substância e os acidentes.

A substância (resultante da matéria e da forma) é a realidade intrínseca, subsistente por si, imperceptível aos sentidos, imutável através das mudanças por que passa constantemente o ser.

Os acidentes (que manifestam exteriormente a substância) são realidades externas, insubsistentes em si mesmas e subsistentes na substância e dela dependentes.

“*Accidens est entitas substantiae adveniens eamque modificans et faciens talem et talem*”. O acidente é uma entidade sobre a substância que a modifica e torna distinta.

Pelos acidentes característicos (sabor, cheiro) distingo o pão do arroz, por exemplo. Por eles distingo uma mesa de uma cadeira.

A cor não existe em si. Ela subsiste num ser. Assim também com outros acidentes como a quantidade, o peso, o tamanho, o cheiro, o sabor,...

A substância é, portanto, filosoficamente uma realidade completamente distinta dos acidentes. Na eucaristia, conforme a teologia romana, as substâncias do pão e do vinho se convertem na substância de Jesus Cristo, embora permaneçam os acidentes daqueles elementos (7).

Um QUADRO GERAL de toda a doutrina católica sobre a eucaristia-sacramento à luz do Concílio de Trento e confirmada pelo Concílio Ecumênico Vaticano I (1061-1965) e pelos papas, sobretudo, Pio XII e Paulo VI, é o que exibimos:

I – Acha-Se Jesus Cristo presente na eucaristia todo inteiro, em Corpo, Sangue, Alma e Divindade, substancialmente em Sua realidade física;

II – Nada resta da substância do pão e da do vinho senão suas meras aparências ou acidentes;

III – Cristo encontra-Se todo inteiro sob cada uma das espécies e sob cada uma de suas partes destacadas;

IV – Como sacramento, o verdadeiro corpo de Cristo permanece inteiro em todas as hóstias e em todas as parcelas de hóstias que restam depois da comunhão;

V – Em resultado, Cristo-Deus deve ser adorado no “santíssimo sacramento” com culto de latria, ainda exterior, conforme os ritos e festas da “igreja”;

VI – Que é comido sacramentalmente e em Sua realidade física.

A TRANSUBSTANCIAÇÃO NO PAGANISMO ANTIGO

Na vigência do Cristianismo Primitivo, a prosperidade do Império Romano atingiu o seu apogeu em todos os setores, inclusive no religioso.

A evolução religiosa superara, pois, o culto apenas às pessoas ilustres falecidas e elevadas à divindade pela “apoteose” ou “canonização”.

O esplendor religioso subira às culminâncias com o culto ao Imperador, acatado na qualidade de augusto, pontífice máximo, deus entre os deuses, ao qual se tributavam ritos de adoração.

Simultaneamente se desenvolvera em alto grau uma completa filosofia ocultista com ritos mágicos destinados ao aperfeiçoamento espiritual do homem pecador e ao seu ingresso no Olimpo dos deuses.

O processo dessa redenção espiritual e purificação moral consistia, basilarmente, em certas práticas misteriosas e esotéricas. O candidato à ascensão espiritual deveria tocar em determinados objetos sacros e ingerir certas substâncias em forma de alimento. Entrementes, o mago purificador proferia determinadas e pré-estabelecidas fórmulas cabalísticas, cuja prolação, ato conjunto com a manducação ou toque em objetos determinados, ex opere operato, (infalivelmente) produzia pureza e santidade na alma do purificando.

A atual umbanda também guarda em seu ritualismo remanescentes destas práticas mágicas com a diferença de que, ao invés de objetivar purificação espiritual, propõe-se limpar de malefícios os seus clientes.

Espalhavam-se pela vastidão do Império Romano importantes centros de culto ocultista e mágico, como os de Eleusis e Mitras. Atraíam multidões a Roma, Éfeso e Alexandria.

A magia ocultista preponderava na vida dos nobres e do povo.

Nos centros celebravam-se os “MISTÉRIOS”, vocábulo grego traduzido pelos latinos por “SACRAMENTOS”.

Quando Fernando Cortez, em 1519-1521, conquistou o México, encontrou os aztecas com costumes e artes bem evoluídos. Horrorizou-se, entretanto, com as suas práticas religiosas.

Os aztecas e os maias também, anualmente, sacrificavam ao Sol, em culto de adoração, jovens cujo coração, ainda palpitante, era arrancado pelo sacerdote e oferecido àquela divindade e dado aos fiéis que o devoravam e, por esta comunhão sangrenta, julgavam comungar com a divindade.

A história dos povos antigos se recheia de informações sobre o culto teofágico, hoje exercitado pelo catolicismo.

Lendo-se Atos dos Apóstolos(15.1, 5), constata-se a corrupção do Evangelho como efeito de uma vingança dos fariseus contra Jesus Cristo.

Surgiram os cristãos-judaizantes. Relutavam em exigir para a salvação do pecador, além da fé em Jesus Cristo, também a prática de obras e a submissão a ritos religiosos, como a circuncisão.

Apesar do enérgico combate de Paulo Apóstolo, as fileiras deles se avolumaram porque é muito mais fácil seguir-se o engano.

Ao tempo de Constantino Magno, a área dos judaizantes dentro do Cristianismo nominal era expressiva. E, num lance político no sentido de solidificar a recuperação da unidade do Império, o Imperador, revelando-se convertido, alçou o Cristianismo judaizante, alcunhando-o, no Concílio Ecumênico de Nicéia (325), de catolicismo.

Este catolicismo desde o início de sua gestação havia absorvido muitas praticas pagãs...

Os mistérios sacramentais do velho paganismo, que consistiam no uso externo ou interno de determinados objetos e na prolação de fórmulas litúrgicas por pessoas devidamente iniciadas ou ordenadas foram, desde logo, adotadas por este cristianismo corrompido ou já denominado de catolicismo.

Esfacelado o Império Romano com a invasão dos povos bárbaros nas regiões trancos e, sobretudo em Roma, o catolicismo pretendeu, na Idade Média, reviver, em terreno religioso, a organização política do extinto Império.

Resultou daí a criação do papado a oferecer tantas honrarias ao sumo pontífice e a estrutura eclesiástica montada uma hierarquia clerical moldada nos antigos cônsules e procônsules romanos.

No decorrer da Idade Média, o catolicismo gozou a sua era de esplendor de domínio político, valendo-se da exploração de todas as artes mágicas e de feitiçaria justificadas com terminologia cristã no intuito de prevalecer sobre as massas por essas práticas imbecilizadas.

Foi nesse cenário de impressionante degradação religiosa, inspirada pelo fabuloso acervo de todos os ritualismos procedentes de todo os ramos do antigo paganismo que o catolicismo criou os seus sacramentos.

Nos moldes da magia antiquíssima, as fórmulas ou formas sacramentais, como as denomina a doutrínaria romanista, devem ser pronunciadas com rigorosa precisão, porque, segundo se divulga, funcionam como as modernas chaves “yale”: a mínima diferença da forma ou do feitio impede o funcionamento e não abre a fechadura. Em consequência, os sacramentos só podem ser administrados por pessoas peritas, os sacerdotes, sucessores dos velhos magos ou feiticeiros.

Na teologia romanista, a mínima modificação tanto da matéria do sacramento como de sua forma ou fórmula (as palavras a serem propaladas no exato instante da aplicação da matéria) inutiliza o seu efeito.

Por exemplo, a matéria do batismo é a água. Se se usar cerveja em lugar dela, o batismo é nulo e a alma do batizando permanece escrava de Satanás, condição em que nasceu. Se o sacerdote, por outro lado, usar água, mas, no instante de derramá-la na cabeça do candidato, modificar a fórmula “eu te batizo” dizendo, por exemplo, “eu quero te batizar”, será nulo o ato e o sacramento não foi confeccionado e nem conferido.

No caso da missa a exigência é a mesma. Se o celebrante, ao invés de vinho puro, usar o misturado, ou pão de farinha de cevada ou de raspa de mandioca, deixará de acontecer a transubstanciação. E se

deturpar a fórmula consagratória omitindo-lhe ou adicionando-lhe alguma palavra, o pão e o vinho não se converterão no corpo e no sangue de Jesus Cristo.

O catolicismo copiou a papel carbono a magia ritualista do paganismo, apenas com a diferença de que usa palavras de Jesus, que, em sua sacramentolatria, funcionam como chave de precisão.

Como se vê, o catolicismo é muito pior que a magia pagã do velho ocultismo e do que a umbanda moderna por se valer, deturpando, das palavras sagradas de Jesus, por Ele pronunciadas com a intenção e propósitos absolutamente diversos dos da hierarquia clerical.

Inútil pesquisarmos nos evangelhos a fundamentação para a sacramentologia. Nenhum indício encontraremos desses sinais externos, desses objetos ou dessas fórmulas dotados de poder para produzir a graça, a purificação e a redenção do pecador.

João Batista, precursor de Jesus, administrava o batismo, vocábulo que, em sua língua original, o grego, quer dizer “mergulho, imersão”. Antes, porém, de administrá-lo, o Batista exigia a conversão interna por não lhe atribuir nenhum poder santificador. Constituía-se, sim, num testemunho de conversão íntima. Dos ricos ele exigia desistência de sua ganância, dos soldados contentamento com o seu soldo e o repúdio à violência e após a conversão interna exigia que dessem, pelo batismo, demonstração externa de sua redenção íntima.

OS TEÓLOGOS CATÓLICOS EM DISPUTA

A teologia católica é um arsenal de guerra. Contanto que se eximam dos riscos da excomunhão e, por isso, as próprias definições dogmáticas são sempre imprecisas, os teólogos em qualquer ponto doutrinário se estracinham em infundáveis, estéreis e pueris disputas.

Ignorantes da Verdade do Evangelho, gastam precioso tempo em disputas que, ao final de contas, revelam a insustentabilidade, a ilogicidade e a falácia dos dogmas católicos.

Quanto ao nosso assunto, ou seja, o da transubstanciação, o Concílio de Trento definiu o seguinte: Cristo torna-Se presente pela transubstanciação, a verdadeira, admirável e singular conversão da substância do pão e da substância do vinho em substância do corpo e substância do sangue de Cristo. Cessam as primeiras substâncias, as espécies ou acidentes, contudo, permanecem.

Aquele Concílio e nenhum outro, bem como nenhum papa, quiseram dirimir as muitas questões sobre o assunto disputadas entre os teólogos.

Trento esquivou-se de definir a natureza da substância e dos acidentes. Omitiu-se de explicar como ocorre a conversão das substâncias na “consagração” da missa. “*Concilium... nolle dirimire quaestiones inter ipsos theologos disputatas*” (J. Mors., op. cit., pg. 192).

Nada definiu sobre a própria palavra TRANSUBSTANCIAÇÃO.

Francisco Suarez, o teólogo jesuíta de proeminência entre os seus colegas, salienta que, se alguém, aceitando a doutrina da presença real de Cristo na hóstia pela conversão da substância do pão em substância do corpo de Cristo nos moldes definidos pela autoridade pontifícia, não incorrerá em heresia se rejeitar o vocábulo TRANSUBSTANCIAÇÃO como inadequado para exprimir o fato miraculoso (8).

O absurdo da transubstanciação deixa atarantados os pobres teólogos vaticanos e a se perguntarem: Em que consiste a conversão eucarística ATIVAMENTE considerada? QUAL É A AÇÃO TRANSUBSTAN-CIATIVA?

Mencionarei apenas quatro facções dentre tantas e resumirei as opiniões de cada uma.

1ª) Encabeçada por Duns Scotus (*In 4 Sent.*, dist. 11, q. 33), Toledo (*Enarr. in 3 p. S. Thom.*, q.75, a. 3), o cardeal Belarmino (*In Sacram. Euchar.*, VII, 18), Valencia (*De Euchar.*, disp. 6, q. 3, punct. 3) e Vasquez (*In 3 p. S. Thom.*, disp. 172, a. 13) ensinam que a conversão eucarística se realiza por uma AÇÃO ADUTIVA, de cujo resultado o corpo de Cristo é trazido do céu para a hóstia em substituição da substância do pão e que essa ação basta para a mencionada conversão, não só porque por ela há sucessão de substâncias sob as mesmas espécies, mas também porque tem força de eliminar a substância do pão. Este fato decorre da vontade e intenção de Deus no sentido de destruir a substância do pão com a presença do corpo de Cristo. Os teólogos desta escola reconhecem, por conseguinte, não decorrer a transubstanciação da OBJETIVA EXIGÊNCIA DA COISA EM SI porquanto a presença de Cristo é compatível com a substância do pão. Neste aspecto, concluem eles, a consubstanciação não repugnaria.

2ª) Liderada por Lugo (*De Sacram. Euchar.*, disp. 6, sect. 2) e Lahousse (*De Euchar.*, P. 1, c. 3, a. 2), sustenta a ocorrência da transubstanciação por AÇÃO INTRODUTIVA do corpo de Cristo debaixo das espécies do pão e do vinho.

Esta ação, segundo eles, conota, outrossim, a de desaparecimento da substância das espécies, cujos acidentes passam a ser sustentados pelo corpo de Cristo, como causa eficiente, pois não dependem mais

da substância do pão e da do vinho, desaparecidas pela transubstanciação.

3ª) É a opinião de Capréolo (*In 4 Sent.*, dist. 11, a. 3), Soto (*In 4 Sent.*, dist. 11, q. 2, a. 4), Suarez (*In III P. S. Thom.*, disp. 4, sec. 4), Lessio (*De Div. Perfec.*, 12), Franzelin (*De SS. Euchar. Myst.*, th. 13) que supõe ser a transubstanciação uma AÇÃO REPRODUTIVA ou COMO REPRODUTIVA do corpo de Cristo porque, por ela, se reproduz o corpo de Cristo da substância do pão e o Seu sangue da substância do vinho.

Reconhecem esses teólogos a preexistência do corpo de Cristo em Seu ser natural e pela transubstanciação Ele Se reproduz no ser sacramental.

A ação produtiva do corpo de Cristo na eucaristia, admitida em seu conceito geral, por esses teólogos, é, todavia, explicada de maneiras diversas:

a) Suarez, Franzelin e Lessio entendem a modo de reprodução ou replicação do corpo de Cristo, pela qual o mesmo ser que está no céu é trazido e, de alguma maneira, repetido sob as espécies, embora com outra maneira de ser, a sacramental.

b) Soto interpreta esta ação não como reprodutiva, de fato, da substância do corpo de Cristo, mas sim como capaz de produzi-la, se, por outra parte, nada o impedisse.

c) Capréolo diz que a transubstanciação é uma ação produtiva do corpo de Cristo como certo novo modo substancial na eucaristia que não tem no céu.

4ª) O quarto grupo se acotovela ao redor de Caetano (*In III P. S. Thom.*, q. 75, a. 4), João de Santo Tomás (*De Sacram. Euchar.*, disp. 28, a. 2), dos modernos cardeal Billot (*De SS. Euchar. Sacram.*, q. 75, a. 2), Paquet (*De Sacram.*, disp. 5, q. 2, a. 4), De La Taile (*Myst. Fidei*, elucid. 50) para rejeitar as opiniões dos outros grupos e ensinar que a transubstanciação é uma AÇÃO FORMALMENTE CONVERSIVA, enquanto por ela nada de novo se produz, mas que somente se converte própria e imediatamente a substância do pão no corpo de Cristo sem qualquer mutação física, pelo menos da parte deste corpo quando ocorre a Sua presença real sob as espécies sacramentais.

Com efeito, desejam elucidar esses teólogos, em virtude da ação conversiva pela qual se muda no corpo IMUDADO (= imutável) de Cristo, o pão deixa de ser pão no mesmo instante em que se converte – transubstancia-se – no corpo de Cristo. A esta mutação – permanecendo imutável ou intocável o corpo de Cristo – acompanha a relação de presença do mesmo corpo às espécies “consagradas”, pois é lei geral que o termo da conversão esteja onde estava a coisa convertida, e a coisa convertida neste mistério é o pão, cujas espécies

remanescentes adquirem relação real de continência para com o corpo de Cristo, que é o termo da conversão cognominada transubstanciação.

Os tratados teológicos sobre a eucaristia se empilham nas biblioteca romanistas, exibindo o tremedal das disputas acirradas e das mais desencontradas opiniões resultantes da ilogicidade proveniente da interpretação literal das palavras de Jesus ao instituir a Ceia Memorial.

É evidente que os pregadores vaticanos se esquivam de abordá-las em suas preleções ao público, certos de que, se o fizessem, perderiam os seus fiéis mais fervorosos e sinceros.

Nosso objetivo ao apresentar estes desencontros de opiniões é o de demonstrar ao leitor que a teologia católica, exatamente por fugir da compreensão clara e lógica das palavras simples e figuradas de Jesus, se emaranha num pavoroso labirinto de contradições.

A VERDADE SE OPÕE À DOCTRINA CATÓLICA

Em estudo religioso a nossa única e soberana instância é a Bíblia, a Palavra de Deus, onde se consubstancia a Verdade. Nela encontramos a lógica irretorquível a destroçar toda a pretensão transubstancionista católica, cuja fragilidade é exposta pelo emaranhado inextrincável das disputas entre os teólogos vaticanos.

Todos os textos das Escrituras inventariados no capítulo **“A presença real de Jesus Cristo na hóstia”** poderiam ser transcritos agora. Reporte-se, porém, o leitor a eles a fim de nos facilitar a brevidade deste argumento.

O prazer de desfrutarmos da convivência com a Verdade a fulgurar na Bíblia move-nos a, numa dúzia de tópicos, entrelaçar algumas considerações:

1) A adotar-se a literalidade das palavras de Cristo, conforme a sofismática romanista, o cálice é que se transubstanciará em sangue de Cristo, porquanto Jesus afirmou: “Este é o cálice da nova aliança no Meu sangue derramado em favor de vós” (Lucas 22.20).

Ainda mais!

Toda a substância do cálice, do CÁLICE (e não do conteúdo dele) transubstanciar-se-ia em toda a substância de um testamento, de uma aliança, de um pacto. Note-se bem: de um TESTAMENTO, de uma ALIANÇA, ou de um PACTO. E não do sangue do Senhor!

Acreditamos e, neste caso, os sacerdotes católicos assim também concordam, que aí Jesus usou a figura literária que toma o continente

pelo conteúdo ao nos apresentar no fruto da vide o símbolo do Seu sangue a ser derramado no dia seguinte para a redenção do pecador.

Por questão de coerência, os exegetas católicos deveriam admitir também no caso a literalidade naquelas expressões de Jesus. E enfrentariam ainda estas perguntas: É o cálice que se transubstancia em sangue de Cristo? Ou o mesmo cálice se converte literalmente numa aliança?

Diz a teologia romanista que as palavras rituais do sacramento que compõem a forma foram estabelecidas por Cristo e, para a validade do sacramento, devem ser rigorosamente repetidas pelo ministro celebrante.

Ora, a moderna liturgia vaticana, no caso da eucaristia, passou por cima daquele rigor quanto à forma sacramental no intento de fugir da dificuldade que as palavras de Jesus lhe levantam com a esdrúxula interpretação ao pé da letra. A atual fórmula da “consagração” do vinho já traz a interpretação figurada: “ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, que é derramado por vós e por todos os homens, para perdão dos pecados. Fazei isto para celebrar a Minha memória”.

Modificou as palavras de Jesus a fim de escapar das dificuldades que elas causam às pessoas inteligentes.

Ora, se aqui a teologia católica aceita a interpretação figurada, por que rejeitá-la quanto ao todo?

Uma observação importantíssima: A artificiática vaticana, como é do seu vezo, outra vez corrompe a Palavra de Deus. Jesus, ao instituir o cálice do vinho como símbolo do Seu sangue na celebração da Ceia, declarou: **“Isto é o Meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”** (Mateus 26.28). Ele disse que o Seu sangue era derramado em favor **“DE MUITOS”**. Não por todos os homens. Quis Ele afirmar que o Seu sacrifício se daria em favor dos que nEle cressem.

A FÉ – e exclusivamente a fé – é condição *sine qua non* para que o pecador receba os benefícios remidores do sangue de Jesus Cristo.

Se se aceitar a interpretação sofista do Vaticano exposta na fórmula da “consagração” do cálice, incorre-se na absurda heresia do universalismo.

2) Naquela noite de Sua última Páscoa com os Doze, Jesus Se encontrava presente, em Seu estado físico normal, vivo, em Sua realidade completa. Ora, ao pronunciar aquelas memoráveis palavras sobre o pão e o cálice, se os tivesse transubstanciado, como quer o romanismo, Ele teria comido o Seu próprio corpo e bebido o Seu próprio sangue.

Mais, ainda! Três Cristos teriam estado presentes. Um, o instituidor da eucaristia. Outro, no pão. E o terceiro, no vinho.

Nesta hipótese, Ele não teria asseverado: **“E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco, no reino de Meu Pai”** (Mateus 26.29).

Só uma mente preconceituosa deixa de constatar nessas expressões o sentido figurado a rebater qualquer ideia transubstancionista.

3) Verificamos, quando do exame sobre João 6, que os exegetas romanos aceitam a literalidade de interpretação apenas quanto ao texto cingido nos versículos 53 a 57.

Por que essa incoerência?

A serem honestos, deveria tomar ao pé da letra o discurso de Cristo.

E em que se baseia essa duplicidade de modos de compreender o texto todo de João 6?

O objetivo deles é escapar da seguinte dificuldade, aliás, seríssima: Se, quando Cristo, na última Ceia, afirmou **“isto é o Meu corpo”**, ocorreu a transubstanciação daquele pão em Seu corpo, então, quando Ele disse em João 6.35, 48, 51: **“Eu sou o pão da vida”** e **“Eu sou o pão vivo”**, Ele próprio se transubstanciou em pão.

Ora, se nesta oportunidade, na sinagoga de Cafarnaum, Ele falou metaforicamente, por que há de haver falado de maneira diferente na Ceia? Porque há de se tomar em sentido literal, material, as Suas palavras na Ceia?

4) À “consagração” do cálice, o sacerdote celebrante, alto e bom som, afirma: **“Deu graças novamente e o deu a Seus discípulos, dizendo: TOMAI E BEBEI, TODOS VÓS...”**.

Aliás, Jesus determinou: **“BEBEI DELE TODOS”** (Mateus 26.27).

Ora, a adotar-se a transubstanciação romanista como decorrência da interpretação literal de **“isto é o Meu corpo”**, é lógico o negar-se o cálice aos fiéis. Com efeito, se Cristo Se encontra todo inteiro, completo, na hóstia, com o Seu Corpo, SANGUE, Alma e Divindade, quando o católico comunga o pão, concomitantemente, recebe o SANGUE. Então, seria inútil e desnecessário beber o vinho.

Baseada neste raciocínio é que a teologia católica recusa aos fiéis a participação do cálice.

Agora, o leitor católico reflita!

O preceito de Jesus é claro. Taxativo! **“BEBEI DELE TODOS”**.

Por conseguinte, o próprio Jesus jamais pensara em transubstanciação alguma ao instituir a Ceia. Houvesse Ele admitido

a transubstanciação, o uso do vinho como espécie ou elemento da Ceia seria um acréscimo inútil e desnecessário.

Se Jesus Cristo, porém, fundou a Ceia usando também o vinho é cristalina a Sua intenção de ser ela uma cerimônia figurativa.

O católico inteligente, porém, tropeça ainda em outra contradição da teologia da sua grei. O celebrante assevera no momento da “consagração” do cálice: “TOMAI E BEBEI TODOS VÓS”.

Manda beber do vinho e não o distribui aos fiéis. E, quando abordado sobre essa sua incongruência, invoca aquele argumento acima exposto. Ora, se no pão transubstanciado já se encontra o SANGUE por que ele “consagra” o vinho?

Se “consagra” o vinho – é a lógica que nos leva a esta conclusão! – se “consagra” o vinho é porque o doutrineiro romanista não crê na presença real do sangue no pão. Se não está o sangue, então, não está todo o corpo de Cristo.

5) Após as palavras: **“Isto é o Meu sangue, o sangue da nova aliança”** (Mateus 26.28), o vinho continuou o mesmo em sua substância e em seus acidentes.

Reconheceu-o Jesus ao chamá-lo, a seguir com aquelas Suas palavras de **“DESTE FRUTO DA VIDE”** (Mateus 26.29).

Ao registrar o episódio da instituição da Ceia do Senhor, Paulo, em 1ª Coríntios 11.25, anotou as palavras proferidas por Jesus sobre o cálice e, por descrever de qualquer transubstanciação, continuou a chamar o cálice de cálice (Mateus 26.26, 27, 28).

Quanto ao pão, de idêntica forma, continuou a chamá-lo de pão (Mateus 26.26, 27, 28).

Aos elementos transubstanciados, como quer a exegese católica, Paulo Apóstolo, se fosse católico, chamá-los-ia de “santíssimo sacramento”, “Jesus Hóstia”, “precioso sangue”,...

6) A Ceia do Senhor foi instituída para também comemorar o Cristo ausente, conforme elucida Paulo: **“ATÉ QUE VENHA”** (1ª Coríntios 11.26).

Ao aludir à segunda vinda de Jesus a acontecer no fim da História desta humanidade, Paulo exclui a hipótese da presença corporal de Cristo sob as espécies. Nega a transubstanciação!

E, de fato, se se desse a transubstanciação, Cristo já estaria presente. Já teria voltado! Voltaria em todas as missas! E aquele **“ATÉ QUE VENHA”** não teria sentido. A Ceia deixaria de ser memória.

Por estar com a lógica divina, Paulo prefere recusar a transubstanciação e ensinar-nos a aguardar a segunda vinda do Redentor (1ª Coríntios 15.51-57; 1ª Tessalonicenses 4.14-16).

7) A transubstanciação, ainda em outro aspecto, contraria as Santas Escrituras. Se fosse ela verdadeira, Jesus Cristo estaria agora

humilhado, sendo comido e digerido. Permaneceria horas e horas, dias e dias, recluso numa urna, o sacrário.

Ele, porém está glorificado no céu.

Os dois anjos da Ascensão proclamaram aos discípulos atônitos: **“Varões galileus, porque estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir”** (Atos 1.11).

Em seu sermão no dia de Pentecostes, Pedro, exaltando o que havia sido crucificado pelas mãos de injustos, declarou: **“A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus,... esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus O fez Senhor e Cristo”** (Atos 2.32-36).

“Reconhecido em figura humana”, diz Paulo Apóstolo, **“a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus O exaltou sobremaneira e Lhe deu o Nome que está acima de todo nome, para que ao Nome de Jesus se dobre todo joelho nos céus, na terra e debaixo da terra”** (Filipenses 2.8-10)

João, prisioneiro de Patmos, viu-O exaltado e glorificado, em cuja presença cantava-se: **“Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes, e reinarão sobre a terra... Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor... Àquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos”** (Apocalipse 5.9-10, 12-13).

8) Embora “consagrada”, a hóstia está sujeita à corrupção. É por isso que a hierarquia romana exige providências especiais. Ora, se se desse a transubstanciação, Cristo Se corromperia.

Raia ao absurdo supor corrupção no Senhor. Atestam as Sagradas Escrituras a incorruptibilidade de Cristo.

“Não deixarás a Minha alma na morte, nem permitirás que o Teu Santo veja corrupção” (Salmo 16.10), texto este invocado *“ipsis verbis”* por Pedro no dia de Pentecostes.

Ao pregar na sinagoga de Antioquia da Pisídia, Paulo recorre ao mesmo texto de Davi e, ao aplicá-lo a Jesus, destaca: **“Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção, Porém, Aquele a Quem Deus ressuscitou, não viu corrupção”** (Atos 13.36-37).

9) No meu tempo de sacerdote católico romano havia em minha paróquia os utensílios apropriados para a confecção das hóstias. Encarregava-se desta tarefa uma senhora. E nas ocasiões de maior consumo valia-se ela de vizinhas, nem sempre de mãos limpas, para cortá-las.

Aquelas hóstias são fabricadas por mãos humanas! São de farinha de trigo e água.

Se hoje o vinho é feito de uvas esmagadas por máquinas, no passado esmagavam-se com os pés.

Segundo a doutrinação romanista, aquelas se transubstanciam no corpo de Cristo e o vinho em Seu sangue.

As Sagradas Escrituras contestam este ensino de vez que Deus jamais pode ser feito por mãos de homens.

Perante os filósofos atenienses, o Apóstolo Paulo asseverou: **“O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo Ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse... Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem”** (Atos 17.24, 25, 29).

Se **“Deus não habita em santuários feitos por mãos humanas”** habitará numa pequena bolacha de farinha de trigo e água? Deixar-se-á servir, carregar, engolir pelos homens?

Os filhos de Deus jamais admitem assemelhar-se Deus com ouro, prata ou pedra esculpida. Admitirão converter-se numa hóstia de farinha de trigo?

Os deuses do paganismo, sim, são fabricados pelos seus fiéis. Por isso mereceram todo o sarcasmo de Isaías: **“Um homem corta para si cedros, toma um cipreste ou um carvalho, fazendo escolha entre as árvores do bosque; planta um pinheiro, e a chuva o faz crescer. Tais árvores servem ao homem para queimar; com parte de sua madeira se aqueça, e coze o pão, e também faz um deus e se prostra diante dele, esculpe uma imagem e se ajoelha diante dela. Metade queima no fogo, e com ela coze a carne para comer, assa-a, e farta-se; também se aqueça e diz: Ah! Já me aqueço, contemplo a luz. Então do resto faz um deus, uma imagem de escultura; ajoelha-se diante dela, prostra-se, e lhe dirige a sua oração, dizendo: Livra-me, porque tu és o meu deus”** (Isaías 44.14-17).

E o salmista: **“Prata e ouro são os ídolos deles, obra das mãos de homens. Têm boca, e não falam; têm olhos, e não vêem; têm ouvidos, e não ouvem; têm nariz, e não cheiram. Suas mãos não**

apalpam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta”
(Salmo 115.4-7).

O deus católico merece todo esse sarcasmo dos servos do Senhor. E os fiéis dele se tornam empedernidos na sua espessa cegueira. **“Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem, e quantos neles confiam”** (Salmo 115.8).

10) O deus eucarístico é pura fabricação católica acontecida nas retortas da alquimia vaticana.

Pelas palavras de Cristo ao instituir a Ceia, Memorial de Sua morte, em sã razão, ninguém pode admitir a cobiçada transubstanciação. Teólogos romanos, aliás, assim o reconhecem.

Scotus (*In 4 Sent.*, dist. 11, q. 3) é um deles. E Durando (*In 4 Sent.*, dist. 11, a. 1) é outro.

Como católicos, pleiteiam se safar da excomunhão e recorrem ao subterfúgio de que a interpretação transubstancionista é legitimada pela autoridade da “igreja”.

Quem, porém, outorgou à “igreja” tamanha autoridade? Quem lhe favoreceu o poder de modificar o sentido das palavras de Jesus?

11) UMA EXPERIÊNCIA!

De certa feita, em Guaratinguetá (Estado de São Paulo), falando sobre o “santíssimo sacramento do altar”, com eloquência e empáfia, exclamei:

- Dizem os protestantes que crêem na Bíblia como a sua única e exclusiva regra de fé. Que aceitam as palavras de Jesus como estão registradas nos evangelhos. Como, então, negam a eucaristia, se Cristo disse: “Isto é o Meu corpo” e “isto é o Meu sangue”? Como se atrevem eles a dizer que Cristo não se encontra real e corporalmente na hóstia “consagrada”? Como se atrevem a negar a transubstanciação do vinho em Seu divino sangue?

Indo, no dia seguinte, cortar o cabelo, um senhor desconhecido até então, um tranqüilo agricultor, assentado à espera de sua vez, a folhear um jornal, com voz mansa, comentou:

- Sô vigário, foi bão memo encontrá o sinhô aqui. Ontem escutei pelo alto-falante a sua prédica. Sou crente evangélico, mas gostei da sua palavra.

Ao ouvir-lhe a declaração de sua fé evangélica, esfriei-me. E pensei: Lá vem bomba!

- Pois é, sô vigário, gostei da sua palavra porque vi que não posso memo sê católico. O sinhô disse que nós os crentes não aceita a Bíblia apesar de dizê que é a nossa regra de fé. Se Cristo disse: “Isto é o Meu corpo” e “isto é o Meu sangue”, devia os evangélicos de aceita como tá escrito. Mas, nós só aceita figuradamente e não literalmente. Não querendo desfeitá o sinhô, sô vigário, mas escuta. Jesus também

disse: “Eu sou a videira verdadeira”, “Eu sou a porta”, “Eu sou o caminho”... Não disse? Então, por que os padres nega que Ele é uma parreira, um pé de uva? Por que os padres se atreve a negá que Ele é uma porta? Com batente, bandeira, fechadura e tudo? Por que se recusa que seja Jesus um caminho, uma estrada? De pedregüio? Ou de asfalto, que é mais moderna?

Ia interrompê-lo para mudar de assunto. Falando calmo, ele prosseguiu:

- Não adianta querer fugi. O padre não diz que na “consagração” da hóstia e do vinho aqueles elementos se torna por causa das palavras: “Isto é o Meu corpo” e “isso é o Meu sangue” em Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus? Se isto fosse como o sinhô ensina, então, Jesus era um pé de uva, uma porta, uma estrada... no sentido matéria da palavra...

Corado, com o sangue a me estourar pelos poros do rosto e das orelhas, queria que a terra se abrisse para me engolir com cadeira e tudo.

E o barbeiro, gozando da minha situação vexatória, sorria. Silencioso, deliciava-se com a minha desdita.

E o meu admoestador encerrou o seu argumento e se calou.

Calou-se para que os presentes pensassem...

Ninguém disse palavra...

O término da operação “corte-cabelo” durou séculos... Raras vezes os segundos foram para mim tão extensos.

Com o “pronto!” do barbeiro, paguei-lhe. E saí.

Saí para nunca mais voltar àquele salão.

A notícia, porém, divulgou-se.

12) Suponhamos – suponhamos só para efeito de argumento! – que as palavras de Cristo: **“Isto é o Meu corpo”** e **“isto é o Meu sangue”** nos levassem à conclusão literal e, por influência delas, o pão houvesse se transubstanciado no corpo de Cristo e o vinho em Seu sangue. Estupendo prodígio! Teria sido outro maravilhoso milagre do Senhor. Fizera Ele tantos! Andara sobre as águas. Serenara os mares revoltos. Dera vista as cegos. Limpava leprosos. Multiplicara pães. Ressuscitara mortos. O da transubstanciação teria sido outro dentre tantos prodígios.

Seguir-se-ia daí que os clérigos católicos têm o mesmo poder? O poder de transubstanciar o pão no corpo de Cristo e o vinho em Seu sangue?

Se eles gozam deste poder, por que também não andam, sobre as águas dos mares e dos rios? Quem já viu um sacerdote evitar uma ponte e, garboso, atravessar as águas de um riacho?

Se eles gozam do poder da transubstanciação, porque também não curam os cegos, os surdos e os leprosos? Deixariam o pretexto de hospitais para solicitar verbas do governo.

Se eles gozam do poder de transubstanciar, por que também não multiplicam pães e deixam de reclamar contra as estruturas econômico-sociais?

Dizem que Jesus Cristo instituiu o sacerdócio católico com as suas palavras: **“FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM”**, atribuindo aos “padres”, herdeiros dos apóstolos, o poder transubstancionista. Mas, aos apóstolos deu o poder de limpar leprosos, de curar enfermos e de ressuscitar mortos (Mateus 10.8).

Se são os sucessores dos apóstolos quanto ao cobiçado poder de panificar Cristo, porque não o são também quanto ao poder de ressuscitar mortos?

E ressuscitar mortos seria um prodígio bem inferior ao de multiplicar Cristo em milhões e milhões de hóstias...

DOCUMENTAÇÃO:

(1) *“Sub speciebus panis et vini Christus fit praesens TRANSUBSTANTIATIONE seu convertione totius substantiae panis et vini in corpus et sanguinem Domini”*. “Cristo Se torna presente sob as espécies do pão e do vinho pela TRANSUBSTANCIAÇÃO ou conversão de toda a substância do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor”, é a tese da doutrina romana.

(2) *“Si quis dixerit in Sacrossanto eucharistiae sacramento remanere substantiam panis et vini, una cum corpore et sanguine Domini Nostri Iesu Christi; negaveritque mirabilem illam et singularem conversionem totius substantiae panis in corpore, et totius substantiae vini in sanguine, manentibus dumtaxat speciebus panis et vini quam quidem conversionem catholicam ecclesiam aptissime TRANSUBSTANTIATIONEM appellat; anathema sit”*. “Se alguém disser que no santíssimo sacramento da eucaristia permanece a substância do pão e do vinho juntamente com o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, e negar essa admirável e singular conversão de toda a substância do pão no corpo e de toda a substância do vinho no sangue, ficando somente as espécies de pão e vinho; a qual conversão a igreja católica com suma propriedade chama de TRANSUBSTANCIAÇÃO, seja excomungado” (Concílio de Trento, Sess. XIII, em. 2 – D. 884).

(3) *“Quoniam autem Christus Redemptor noster corpus suum id, quod sub specie panis offerebat, vere esse dixit, ideo persuasum semper in ecclesia Dei fuit, idque nunc denuo sancta haec synodus declarat: per consecrationem panis et vini conversionem*

fieri totius substantiae panis et vini conversionem fieri totius substantiae panis et vini in substantiam corporis Christi Domini Nostri, et totius substantiae panis et vini in substantiam sanguinis eius. Quae conversio convenienter et proprie a sancta catholica ecclesia TRANSUBSTANTIATIO est appellata". "Como Cristo, nosso Redentor, disse que aquilo que oferecia debaixo da espécie do pão era verdadeiramente o Seu corpo, por esta causa se persuadiu sempre a igreja, o que novamente declara este Concílio: que pela consagração do pão e do vinho, se faz conversão de toda a substância do pão na substância do corpo de Cristo e de toda a substância do vinho, na substância do sangue dEle: a qual conversão, com muito acerto e propriedade, a santa igreja católica chama TRANSUBSTANCIAÇÃO" (Concílio de Trento, Sess. XIII, cap. 4 – D. 877).

(4) "Salva a integridade da fé, é necessário salvar também a maneira exata de falar, não aconteça que, usando nós palavras ao acaso, entrem no nosso espírito – o que Deus não permita – idéias falsas como expressão da crença nos mais altos mistérios" (Paulo VI – *Mysterium Fidei*, § 23). "Donde se conclui que se deve observar religiosamente a regra de falar, que a igreja, durante longos séculos de trabalho, assistida pelo Espírito Santo, estabeleceu e foi confirmada com a autoridade dos Concílios, regra que muitas vezes se veio a tornar sinal e bandeira da ortodoxia da fé. Ninguém presuma mudá-la a seu arbítrio ou a pretexto de nova ciência" (Id. ib., § 24).

(5) "Todavia, para que ninguém entenda mal este modo de presença que supera as leis da natureza e constitui no seu gênero o maior dos milagres, é necessário escutar com docilidade a voz da igreja docente e orante. Esta voz, que repete continuamente a voz de Cristo, ensina-nos que nesse sacramento Cristo Se torna presente pela conversão de toda a substância do pão no Seu corpo e de toda a substância do vinho no Seu sangue; conversão admirável e sem paralelo, que a igreja católica chama com razão e propriedade TRANSUBSTANCIAÇÃO" (Id., ib., § 46).

(6) "*Ergo in consecratione totaliter cessant substantiae panis et vini et manent solummodo species. Fit conversio totius substantiae panis et vini in corpus et sanguinem vel in substantiam corporis et sanguinis, ita ut sub speciebus panis sit Christus (saltem) quoad totam substantiam corporis et sub speciebus vini (saltem) quoad totam substantiam sanguinis*" (J. Mors, ib., p. 189).

(7) "*In sanctissima eucharistia accidentia panis et vini realiter permanent*". "Na santíssima eucaristia os acidentes do pão e do vinho REALMENTE permanecem" (Concílio de Trento, Sess. XII, cap. 8, D. 882).

(8) “*Si quis confitendo rem totam, vocem transubstantiationis abceret ut ineptam, in re ipsa, non existimo haereticum*” (Suarez, *Disp.* 50, sect. 1, u. 5).

.oOo.

O CULTO EUCARÍSTICO

COM O DEFLAGRAR da ação ecumenista propala-se nos redutos evangélicos a notícia de que o catolicismo suprimiu a sua tradicional idolatria.

Atendendo normas estabelecidas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II quanto ao culto das imagens, os párocos retiraram alguns ícones dos seus templos e os templos novos aparecem sem a antiga quantidade de nichos e altares laterais.

Bastou isso para que muitos evangélicos vissem um cancelamento ou, pelo menos, uma redução no culto idolátrico romanista.

Confesso com sinceridade plena! Não sei entender tanta boa vontade para com o catolicismo por parte de muitos evangélicos. Em qualquer gesto querem ver uma abertura para o Evangelho.

De certo modo nada conhecem da doutrina católica e menos ainda das manhas clericais.

O culto às imagens, apesar de toda a boa vontade desses evangélicos contagiados pelo vírus ecumenista como resultado de sua ignorância das Escrituras, foi confirmado e ratificado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Suponhamos, todavia, que os sacerdotistas romanos houvessem supresso e cancelado tal culto. Nem assim o catolicismo deixaria de ser idólatra!

Não deixaria de ser idólatra o catolicismo por causa de sua doutrina e do seu culto à hóstia. Hostiólatra e eucaristiólatra, o catolicismo continua fincadamente idólatra.

É-lhe essencialmente inerente a idolatria.

Se dele se retirar a idolatria deixará de ser catolicismo.

Consoante a terminologia característica do romanismo, a eucaristia é um sacramento *in fieri* e *in facto esse*. A primeira expressão significa a crença na presença de Cristo no ato da “consagração”. E a segunda, a crença na permanência de Cristo sob as espécies “consagradas” também após a celebração da missa.

O dogma do sacramento eucarístico *in facto esse* é aceito com a máxima seriedade que incorre em anátema tridentino quem se recusar

a crer na permanência de Cristo sob as espécies sacramentais após a missa (1).

Os sacerdotes conservam no sacrário ou tabernáculo (uma urna bem segura e inviolável encaixada na parede posterior do altar), guardadas numa âmbula (uma espécie de cálice de copa bem mais larga que se fecha com uma tampa de encaixe perfeito), hóstias que sobraram da missa.

Guardam-nas com o fim de as levarem como viático aos enfermos e aos moribundos e para atender aos comungantes impedidos de recebê-la dentro da missa.

As hóstias assim conservadas se cercam de um culto especial e muitas vezes pomposo. Dentre elas, os sacerdotes, os idológeros e idolatrógeros, conservam uma maior (do tamanho da usada pelo celebrante para a sua manducação na missa) para expô-la no ostensório em solenidades especiais ou para sair em procissão com ela às ruas no dia de “*Corpus Christi*” (Corpo de Cristo ou Corpo de Deus) (2).

À hóstia “consagrada” o catolicismo tributa CULTO DE LÁTRIA, ou seja, CULTO DE ADORAÇÃO devido exclusivamente a Deus. “Esta igreja não só ensinou”, salienta o pontífice Montini, Paulo VI, “mas viveu a fé na presença do corpo e do sangue de Cristo, na eucaristia, ADORANDO SEMPRE TÃO GRANDE SACRAMENTO COM O CULTO LATRÊUTICO, que só a Deus compete” (*Mysterium Fidei*, § 55).

Os hierarcas vaticanos descobriram, não se sabe onde, três cultos, conforme o tríptico objeto a que cada um desses cultos se dirige:

1) O culto de LÁTRIA ou de adoração, que se tributa só a Deus.

2) O de DULIA, tributado aos “santos”.

3) E o de HIPERDULIA, com que se honra Maria. Por admitir o absurdo da transubstanciação, pela qual Cristo, Deus-Homem, se torna real e verdadeiramente presente sob as espécies do pão e do vinho, o catolicismo exige o culto latrêutico, o de verdadeira adoração, à eucaristia.

É a pomposa tese dogmatizada pelo Vaticano: “*Eucharistia etiam extra usum supremo latriae cultu adoranda est*”. “A eucaristia deve ser sempre adorada com o supremo culto de latria” (J. Mors, *ib.*, p. 293) (3).

Em que pese a empáfia das proclamações vaticanas, os informes neotestamentários sobre a instituição da Ceia do Senhor dizem que o pão e o vinho foram dados aos discípulos com o fim exclusivo de serem comidos e bebidos. Nenhuma palavra há que justifique a adoração desses elementos ou o costume de se expor a hóstia ou levá-la em procissão.

Ao instituir a Ceia, o Seu Memorial, Jesus ordenou: **“Tomai e comei!”** E não: Levai e adorai!

O católico, porém, quando se prostra diante da imagem de um “santo” ou de qualquer “nossa senhora” sabe que é uma imagem. Que ali não se encontra o próprio “santo” ou a própria “senhora”. Mas, quando ele se prosterna perante a hóstia, presta-lhe adoração verdadeira em culto supremo.

Se o culto a uma imagem sensibiliza a consciência conhecedora das Escrituras, quanto mais não a revoltará o culto supremamente idólatrico da eucaristia?

Se o profeta Isaías, em suas objurgatórias vergastava os cultuadores dos deuses pagãos que, de um pedaço de madeira, tiravam uma parte para esquentar o forno de assar o pão e com a outra parte faziam uma imagem de seu deus, em cuja presença se ajoelhavam, como não haveria hoje de ridicularizar e cobrir do máximo sarcasmo o ignóbil culto da hóstia?

O católico adora uma pequena bolacha de trigo, sujeita ao mofo, à corrupção e ao apodrecimento.

De certa feita, quando vigário em Orlândia (Estado de São Paulo), fui rezar, na ausência de um colega, missa numa cidade vizinha. Ao abrir o sacrário, exalou-se nauseabundo mau cheiro. As hóstias, por descuido do colega, haviam-se deteriorado e formado uma massa asquerosa dentro da âmbula a fervilhar de vermes.

E os pobres a se ajoelharem diante do sacrário...

O católico adora a hóstia que ele próprio vai engolir e que lhe entra no processo natural de digestão. Eucaristívoro, é ele idólatra.

E pensar-se que pessoas cultas se submetem à irracionalidade da eucaristolatria!

Se o culto eucarístico é posto pela teologia católica nesses termos, por acaso terá cabimento um evangélico tomar parte nele? A que pretexto for?

Não há circunstância, não há etiqueta social, não há amizade, não há nada, absolutamente nada que possa mover um evangélico esclarecido a se submeter à desgraça inaudita de assistir a uma missa.

DOCUMENTAÇÃO:

(1) *“Si quis dixerit, peracta consecratione in admirabili eucharistiae sacramento non esse corpus et sanguinem Domini Nostri Iesu Christi, sed tantu in usu, dum sumitur, non autem ante vel post, et in hostiis seu particulis consecratis, quae post communionem reservatur vel supersunt, non remanere verum corpus Domini: anathema sit”.* “Se alguém disser que, terminada a consagração no admirável sacramento da eucaristia não se conserva o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, mas ele se encontra somente enquanto se dá a cerimônia quando é consumido (que ele não se encontra nem antes e nem depois), e que não permanece o verdadeiro corpo do Senhor nas hóstias ou partículas consagradas que, depois da comunhão, sobram ou se reservam: seja excomungado” (Concílio de Trento, Sess. XIII, com. 4 – D. 886).

“Si quis dixerit, non licere sacram eucharistiam in sacrario reservari, sed statim post consecrationem adstantibus necessario distribuendam; aut non licere, ut illa ad infirmos honorifice deferatur: anathema sit”. “Se alguém disser não ser lícito conservar a sagrada eucaristia no sacrário, mas ser preciso distribuí-la aos presentes imediatamente após a consagração; ou não ser lícito leva-la com dignidade aos enfermos: seja excomungado” (Concílio de Trento, Sess. XIII, cn. 7 – D. 889).

(2) “Este culto latrêutico ao sacramento eucarístico, professou-o e professa-o a igreja católica não só durante a missa, mas também fora dela, conservando com o maior cuidado as hóstias consagradas, expondo-as à solene veneração dos fiéis, e levando-as em procissão vitorizadas por grandes multidões” (Paulo VI, Encíclica *Mysterium Fidei*, § 56).

(3) *“Nullus itaque dubitandi locus relinquitur, quin omnes Christi fideles pro more in catholica ecclesia semper recepto latriae cultum, qui vero Deo debetur, huic ss. sacramento in veneratione exhibeant”.* “Não há lugar a dúvidas de que todos os fiéis devem prestar a este sacramento, segundo o costume sempre admitido na igreja, o culto de latria, que é devido ao verdadeiro Deus” (Concílio de Trento, Sess. XIII, cap. 5 – D. 878).

.oOo.

PASMEM!!!

DE CERTA FEITA adoeceu gravemente um evangélico de muita influência em sua cidade. Grangeara-lhe o prestígio muitas amizades, que porfiavam em visitá-lo durante sua longa enfermidade.

O próprio vigário local se sentiu na obrigação de chegar até sua casa. A recepção por parte do enfermo e de seus familiares fora mui cordial porque os evangélicos são sempre muito educados. Nenhuma referência se fez a qualquer tema religioso.

Propagou-se, contudo, a notícia de que o vigário queria converter ao catolicismo o protestante de saúde combalida. E, como resultado da boataria, acendeu nos miolos do clérigo a idéia de mover o seu “paroquiano herege” a receber os “últimos sacramentos”. Constituir-se-ia o fato em estupenda vitória a carrear-lhe aumento de atenções por parte do bispo diocesano e em invencível argumento a se opor ao trabalho insistente dos evangélicos sempre pertinazes em pregar o Evangelho aos seus fiéis.

Recorreu aos préstimos do juiz de direito da comarca local, católico fervoroso e sempre pronto às suas solicitações.

Em visita ao evangélico enfermo, o doutor juiz falou-lhe amigavelmente sobre a necessidade de se receberem os sacramentos da “igreja”, sobretudo o da eucaristia.

O enfermo retrucou-lhe estar preparado para a eternidade. Elucidou-o sobre o significado da morte para o crente em Jesus Cristo e a inutilidade dos tais sacramentos.

O juiz, porém, persistiu em asseverar-lhe aquela necessidade também sob o aspecto social, pois o visitado era pessoa influente e sempre respeitada. Deixar de receber os sacramentos diminuir-lhe-ia o crédito à consideração social.

Enquanto o juiz arrazoava e argumentava, o doente, cansado, cochilou.

E por instigação da autoridade judiciária, o vigário, em pessoa, decidiu tratar do assunto com o evangélico. De certo, supunha ele que os seus argumentos e a sua dialética convenceriam o doente e derrubariam suas objeções.

Maneioso, amável, sorridente, diplomata, entra quarto a dentro o pároco.

Sem se surpreender, o enfermo, que já presumia a visita do clérigo e, por isso, imaginara um plano de dar-lhe uma lição, interceptou lá pelas tantas o discurso do vigário, afirmando-lhe ser o seu cavalo aquele travesseiro que tinha nas mãos.

Um pomposo alazão!

Passava as mãos sobre o travesseiro e dizia estar alisando as crinas do seu fogoz corcel. Enrolava as pontas da franha e afirmava serem as orelhas do animal e pedia ao clérigo que olhasse as vigorosas patas do seu cavalo, capaz de ganhar qualquer corrida em qualquer hipódromo do mundo.

Demonstrava-se compadecido o clérigo e, com voz macia, tentava dissuadir o enfermo:

– Olhe bem! É um travesseiro; não um cavalo.

O doente, todavia, teimava na sua opinião e insistia com o sacerdote que examinasse a galhardia do seu alazão, a pujança do seu pescoço e o brilho de suas crinas.

O pároco, sempre condoído, do evangélico, supondo-o débil da razão, procurava demovê-lo daquela idéia de ser o travesseiro um cavalo.

– Meu filho, examine o objeto. Examine-o direito. Onde a cauda? O pescoço? As patas? As crinas? Apalpe-o devagar. Vai observar que é um travesseiro.

Com a argumentação do vigário, o enfermo se tranqüilizou e, demonstrando-se convencido, anuiu ser um travesseiro aquele objeto e não um cavalo. Alegou que alguém lhe afirmara ser aquilo um cavalo e, por se tratar de uma boa pessoa, não havia prestado a atenção ao assunto, admitindo a informação sem maiores exames.

Convencido de haver logrado êxito, o pároco passou às exortações religiosas. A tudo o doente ouvia sem esboçar qualquer dúvida ou objeção.

Falou-lhe intensa e pormenorizadamente sobre a eucaristia e propôs-lhe aceitasse receber a hóstia em comunhão.

Presente, a esposa, surpresa, admitia que seu marido, sempre piedoso crente evangélico, agora delirasse.

Ao vê-lo aceder à proposta do vigário, decidiu interceptá-lo. O enfermo, contudo, se revelou resoluto:

– Mulher, quero que o vigário traga a hóstia.

Correu o clérigo à sua matriz paroquial. Telefonou a várias pessoas, inclusive ao juiz de direito, contando-lhe o sucesso e

convidando-as a acompanhá-lo para verem como um protestante abjura sua religião e, comungando, aceita o catolicismo. Preparou todos os petrechos. Foi ao sacrário de onde retirou uma partícula “consagrada”, colocou-a na píxide e se foi para a residência do “novo convertido”.

De bom grado observou que os seus telefonemas surtiram resultados além da sua expectativa. Havia ali muito mais gente do que imaginava encontrar.

Seria o seu sucesso? Um pertinaz protestante que muitas vezes o desafiara e o deixara silencioso, agora iria comungar.

No interior do quarto valeu-se da cômoda para improvisar um pequeno altar. Acendeu as duas velas por ele próprio conduzidas, revestiu-se de sobrepeliz, impôs-se a estola, estendeu o corporal e iniciou suas rezas, observando o espanto dos seus amigos ali presentes.

Quando o sacerdote, cumprindo as rubricas litúrgicas, ergueu nas extremidades de seus dedos a hóstia, interrompeu-o o enfermo:

– Vigário, que é isso?

– É nosso Senhor Jesus Cristo, como lhe expliquei. O senhor agora vai receber Jesus Cristo com o Seu Corpo, com a Sua Alma, com o Seu Sangue e com a Sua Divindade, tão real como Ele está no céu.

– Isso é Jesus Cristo, vigário?

Aturdira-se o pároco. Espantaram-se os presentes. E o enfermo, alegre e triunfante, gozava da situação tragi-cômica em que se encontrava o clérigo.

– Isso é Jesus Cristo? Vigário, isso não passa de uma bolachinha de farinha de trigo e água.

Armou-se de paciência o pobre vigário. Depositou outra vez a hóstia na píxide posta sobre o corporal e voltou-se para o evangélico a fim de explicar-lhe de novo a doutrina católica da eucaristia.

– Não, vigário! Aquilo é uma bolachinha. Veja bem, vigário. Verifique. O senhor diz que é o corpo inteiro de Jesus Cristo. Mas, onde estão as orelhas, os olhos, os cabelos? Onde o nariz? E a boca? Onde os braços? E o tórax?

– Ah! Agora ninguém me engana mais. Disseram que o travesseiro era um cavalo. Acreditei. E o reverendo me dissuadiu. Agora o senhor também quer me enganar, dizendo que isso aí é Jesus Cristo? Essa não! Se o senhor teima em dizer que aquela bolachinha é Jesus Cristo o senhor está sofrendo das faculdades mentais. Apalpe toda a hóstia. Se estiver em seu juízo perfeito vai concluir que ela não é Cristo coisa alguma. Perdeu o juízo o homem capaz de crer em um assunto tão contrário ao bom senso!

Cabisbaixo, o vigário juntou todos os seus objetos e irritado com os sorrisos mal reprimidos dos seus convidados, retirou-se amaldiçoando o instante em que afirmara o propósito de “converter” aquele evangélico.

Atinge as raias do ridículo a doutrina eucarística.

Ridículas as determinações impostas pela teologia romana para se resolverem certas situações.

É assombroso que se admita a transubstanciação com a possibilidade de o vento levar o Cristo ou um animal engulindo. O missal romano, em seu capítulo *DE DEFECTIBUS*, prevê essa situação e preceitua: “No caso do desaparecimento da hóstia consagrada, durante a celebração da missa, ou por causa de uma lufada de vento ou por milagre, ou por tê-la algum animal comido, e não puder ser encontrada, o celebrante consagre outra” (1).

O absurdo das normas do capítulo chamado *DE DEFECTIBUS* atinge as culminâncias do escárnio: “Se uma aranha, ou uma mosca, ou qualquer outro animal cair no cálice *antes da consagração*, lance-se o vinho em um lugar apropriado, e ponha-se outro vinho no cálice. Se, porém, algum inseto cair no cálice *depois da consagração* e o sacerdote celebrante sentir náuseas, tire-se o inseto e lave-se com vinho e, acabada a missa, queime-se o inseto e as cinzas sejam lançadas na piscina. Se, contudo, o sacerdote não sentir náuseas, nem temer qualquer perigo, engula-o junto com o sangue” (2).

“Se o padre ou qualquer fiel vomitar depois da comunhão, e no vômito aparecer a hóstia consagrada, deverá o sacerdote engolir o vômito. Mas, no caso de sentir muita repugnância para semelhante

ação, deverá separar o corpo de Cristo do restante do vômito, até que se corrompa totalmente e, depois, depositará na piscina” (3).

Sob a influência da casuística vaticana, a Pastoral Coletiva dos Bispos do Brasil estatui: “§ 211 – Como, apesar de Nossas repetidas advertências, apesar dos avisos da S. Sé Apostólica e das vozes que por sai mesmo dá essa matéria, ainda se encontram sacerdotes que celebram com vinho que acham em qualquer casa de negócio, Nós, para cortar a ocasião de tão horrendo sacrilégio, declaramos suspenso “*ipso facto*” o sacerdote que, por qualquer razão ou pretexto, celebrar com vinho tomado no comércio, sem nenhum cuidado de sua idoneidade para o sacrifício, suspensão esta reservada a Nós, e a Nossos Vigários Gerais respectivamente”.

“§ 214 – Mandamos que os Revds. Párocos renovem as partículas consagradas, todos os oito dias, ou ao menos de quinze em quinze dias, porque não se pode demorar sem culpa mais de duas semanas.

As hóstias e partículas, que se há de consagrar, devem ser novas; e, seguindo S. Calos Borromeu, não devem passar de vinte dias feitas. O mesmo se diga da hóstia da exposição.

Haja muito cuidado de não misturar as partículas consagradas novas com as velhas, devendo ser estas consumidas, caso não sejam todas distribuídas aos fiéis, e purificada a âmbula antes de receber as novas, que se hão de conservar”.

A teologia sacramentária romanista se alonga em soluções para uma infinidade de ocorrências desagradáveis como as mencionadas. Prevê, inclusive, a hipótese de se congelar sob frio intenso o “sangue” do cálice, quando o celebrante deverá envolver a taça em panos ou colocá-la dentro de uma vasilha com água quente para o “sangue” descongelar (4).

“Se, por descuido, alguma parte do sangue de Cristo cair na terra ou sobre o tampo do altar, o lugar sobre que cair deve ser lambido com a língua e depois raspado, e as raspas devem ser queimadas e as cinzas lançadas na piscina” (5).

Tantas normas a insultarem o bom senso, pois chegam ao cúmulo do ridículo.

Se o vinho, de fato, se convertesse no sangue de Jesus Cristo, correria o risco de azedar?

Ora, o vinho “consagrado”, se conservado a descoberto, com o tempo azeda, como acontece com o vinho comum.

No caso, então, azedaria o sangue de Cristo?

Bebido, outrossim, em larga profusão, embriaga como qualquer bebida alcoólica. Imagine-se o sacerdote que toma em certa porção a sair cambaleante do altar! Bêbado com o sangue de Cristo!?

Se do vinho restam só as aparências, como faz ele girar a cabeça?

Isaiás, mordaz, satirizava os deuses de pau. Elias, de uma mordacidade formidável ridicularizava os sacerdotes de Baal. Imagine-se Isaiás ou Elias diante de uma missa... Cobririam-na do mais vigoroso sarcasmo...

É, outrossim, um acinte ao bom senso a presunção de uma criatura comer o seu Criador – a Cristofagia –, de Jesus Cristo ser engolido e entrar no processo de digestão num estômago e nos intestinos.

E um clérigo chegar numa padaria e com as palavras consagratórias transubstanciar todos os pães em Cristo?

Recorde-se ainda a assertiva de que é nula a “consagração” no caso de não ter o sacerdote a intenção de fazê-la ou na circunstância de ser impura a farinha ou adulterado o vinho. O católico que recebe a hóstia nestas oportunidades não comunga Cristo.

Prolongar-nos-íamos “*ad infinitum*” se desejássemos enfileirar tantos casos previstos pela casuística vaticana.

Os expostos demonstram o ridículo da eucaristia, que afronta o bom senso.

DOCUMENTAÇÃO:

(1) “*Si hóstia consecrata dispareat, vel casu aliquo, ut vento aut miraculo, vel ab aliquo animali accepta, et nequeat reperiri; tunc altera consecratur*”.

(2) “*Si musca, vel aranea, vel aliquis aliud ceciderit in calicem ante consecrationem, projiciat vinum in locum decentem, at aliud ponat in calice, misceat parum aquae, offerat, ut supra, et prossequatur missam; si post consecrationem ceciderit musca aut aliquid eiusmodi, et fiat náusea sacerdoti, extrahat eam, et lavet cum vino, finita missa comburat, et combustio ac lotio huiusmodi in sacrarium projiciatur. Si autem non fuerit ei náusea nec ullum periculum timeat, sumat cum sanguine*”.

(3) “*Si sacerdos vel fidelis aliquid evomat eucharistiam, si species integrae appareant, reverenter suantur, nisi náusea fiat: tunc enim species consecratae caute separentur, et in aliquo loco sacro reponantur, donec corrumpantur, et postea in sacrarium projiciantur. Quod si species non appareant, comburatur vomitus, et cineres in sacrarium mittantur*”.

(4) “*Si in hiemes sanguis congeletur in calice, involvatur calix pannis calefactis: si id non proficeret, ponatur in ferventi aqua prope altare, dummodo in calicem non intret, donec liquefiat*”.

(5) “*Si per negligentiam aliquid de sanguine Christi ceciderit, si quidem super terram seu super tabulam, lingua lambatur, et locus ipse*

radatur quantum satis est, et abrasio comburatur; cinis vero in sacrarium recondatur”.

oOo.

A EUCHARISTIA É ATENTATÓRIA À RAZÃO

EM SENDO o homem um ser espiritual, a inteligência é a sua faculdade mais nobre.

Criou-o Deus assim e não será Ele a tripudiar sobre a Razão.

O próprio milagre, que só Deus realiza, está dentro dos limites do racional.

Recheia-se a Bíblia de portentosos prodígios operados por Deus com a instrumentalidade dos Seus servos e constatados por milhares de pessoas.

Através de Moisés, o Senhor realizou maravilhas. E todas presenciadas por muita gente.

Jesus Cristo, em pessoa, as fez em farta profusão que, se alguém alvitrasse registrá-las todas, **“nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos”** (João 21.25).

As Suas curas foram testemunhadas por quem quisesse. A ressurreição do filho da viúva de Naim foi assistida pela multidão dos acompanhantes do préstito fúnebre. A de Lázaro de Betânia até por Seus contumazes adversários. A multiplicação dos pães favoreceu a milhares de pessoas presentes.

Invocar-se para a transubstanciação eucarística o fator milagre é a astúcia da sofismática vaticana quando se vê acuada pela lógica e pela Bíblia.

Quem até hoje verificou a realidade da transubstanciação? Se fosse milagre, todos o constatariam!

Os sacerdotistas inventam lendas acontecidas sempre lá bem longe e “já faz muito tempo”. E cada uma mais absurda do que a outra. Contam eles que, de certa feita, o chamado “santo” Antonio se defrontou com um descrente da hóstia “consagrada”. Desafiou-o o incrêu a provar-lhe e a demonstrar-lhe estar Cristo na eucaristia.

Aceito o desafio, mandou-se buscar o burro que, de propósito, fora obrigado a ficar em absoluto jejum durante três dias. Aproximaram o pobre animal famélico de um monte de tenro capim. E quando o burrico se inclinava para se apropriar do seu alimento, eis que o “santo” Antonio exhibe um ostensório com a hóstia “consagrada”. Deixa o animal o seu apetitoso alimento e se roja aos pés do frade santo com o Cristo hostializado!

Essa história, própria para mistificar papalvos, causa risos a quem usa o crânio...

Deus, a Infinita Inteligência, não acoberta absurdos com milagres!

Em agosto de 1964, já convertido a Jesus Cristo, preparava-me para deixar o sacerdócio romanista quando, em visita pastoral, estive em minha paróquia (Orlândia, Estado de São Paulo), o arcebispo Agnelo Rossi.

Conversamos numa noite sobre a eucaristia, enfocando este aspecto. O meu arcebispo se viu em sérios embaraços.

Na manhã seguinte, levei-o a visitar, dentre outras instituições, o Instituto de Educação. Ao satisfazer a praxe de ir de sala em sala de aula, a cada classe dizia uma rápida palavra.

Às normalistas do terceiro ano, porém, estendeu-se um pouco mais. Falou-lhes sobre a eucaristia. Sua arenga denotava a preocupação procedente da nossa conversa na noite anterior. E saiu-se com este sofisma:

– Jesus Cristo está realmente presente na hóstia “consagrada” como a Inteligência está no cérebro do homem. Se partirmos a hóstia, não vemos Jesus Cristo, da mesma maneira como o médico não vê a Inteligência quando abre um cérebro numa intervenção cirúrgica.

Tornei-me lívido com o argumento do meu arcebispo. E pensei cá com os meus botões:

– É o cúmulo da sandice! É a burrice elevada à milésima potência!

De soslaio, olhei para o professor. Embora se dissesse católico, rejeitava um punhado de dogmas. Enrubesci-me de vergonha ao ver em seus lábios um sorriso de sarcasmo com o artifício do prelado.

Uma aluna mais afoita, dessas pessoas de alto espírito crítico, observou ao antístite:

– É verdade, senhor arcebispo, que o médico não apanha a Inteligência na ponta do bisturi. Mas existe a Inteligência porque facilmente nós verificamos os seus efeitos e os resultados de sua realidade. Ora, onde estão os resultados da eucaristia? Quando lhe constatamos os efeitos?

Desapontado e cabisbaixo, ergueu as mãos o arcebispo em sinal de que parasse.

Retiramo-nos da sala. Faces afogueadas, comentou para o diretor:
– Essa mocidade materialista!

Em alguns tópicos verificaremos a IRRACIONALIDADE da eucaristia.

A empáfia romanista exclama: “*Christus totus est sub utraque specie sacramenti et totus in qualibet specierum post et ante separationem*”. “Cristo todo Se encontra sob uma e a outra espécie do sacramento e encontra-Se todo em qualquer parte das espécies”.

Cristo todo! Com o Seu Corpo (cabeça, ossos, nervos, unhas,...), com o Seu Sangue, com a Sua Alma (em todas as suas faculdades: inteligência, memória, vontade,...) e com a Sua Divindade (em todos os Seus atributos: onipotência, santidade, amor,...).

Ele completo, todo, íntegro, está sob a espécie do pão.

Ele completo, todo, íntegro, está sob a espécie do vinho.

“*Caro, cibus, sanguis potus; manet tamen Christus totus sub utraque specie*”. “A carne é alimento, o sangue bebida; Cristo, porém, permanece todo sob ambas espécies”.

A supor-se a tese vaticana, surge, racional, a pergunta: Por que Cristo usou as espécies do pão e do vinho?

Se o sangue se contém todo inteiro no pão, por que encontrar-se também no vinho? Não bastaria uma das duas espécies?

A exposição dogmática eucarística, contudo, prossegue: “Cristo todo e íntegro Se encontra sob a espécie do pão e também sob todas as partes dessa mesma espécie quando partida. Todo ainda Se encontra sob a espécie do vinho e sob todas as suas partes se dividida” (1).

E, contra o ousado negador do seu dogma, o Tridentino fulmina a excomunhão, a pena máxima da hierocracia vaticana (2).

Expliquemos! Se, ao rezar missa, após a “consagração”, o celebrante repartir o vinho (“o preciso sangue”) em vários cálices ou taças, Cristo todo, completo, passa, automaticamente, a estar em todas e em cada uma dessas porções. Se, ainda, dividir e subdividir toda a quantidade do vinho consagrado em minúsculas gotas, em cada gota Cristo Se encerrará todo inteiro.

Durante a celebração da missa, o sacerdote parte a hóstia “consagrada” com a qual está celebrando e a qual irá comungar. Incontinenti, Cristo passa a estar todo inteiro em cada uma das partes da hóstia partida.

Se, ao distribuir a comunhão aos fiéis, desprender-se algum fragmento de alguma partícula, nesse fragmento Cristo está todo completo. Aquele leve e minúsculo pó contém o Cristo total, sujeito a ser levado pela mais leve brisa ou calcado aos pés do sacerdote que caminha de um lado para o outro ao longo da fila dos comungantes.

Se, ainda, ao distribuir a comunhão para os fiéis, verificar a insuficiência da quantidade das partículas para atender a todos, elas podem ser partidas em dois, quatro ou mais pedaços. E, em cada pedacinho, Cristo se faz, por inteiro, presente (3).

A cabeça tem várias serventias. Serve para se usar chapéu ou peruca. Serve para completar o pescoço. Serve para sustentar os cabelos, que são o “charme” de muita gente boa. Serve para separar as orelhas.

E serve também – às vezes!!! – para raciocinar.

Usá-la-emos agora para esta última e a mais importante utilidade!

A teologia romana dogmatiza que nas espécies “está Cristo completo, presente a Sua realidade física, mesmo corporalmente” (Paulo VI, *Mysterium Fidei*, § 46), com a “consagração” da missa. Em outras palavras, para que essa presença se efetive, o sacerdote devidamente ordenado, o ministro legítimo, há de, sobre os elementos pão e vinho, pronunciar clara e distintamente a forma sacramental, ou seja, as palavras rituais estabelecidas pela “igreja”.

Prolata a forma, zás! “*Ex opere operato*” (= infalivelmente, por forçosa decorrência do rito feito), Cristo Se torna presente sob aquelas espécies.

Se o sacerdote deixar de pronunciar com clareza as palavras sacramentais ou se da forma omitir algum vocábulo essencial, resulta nula a celebração. Não ocorreu a transubstanciação. Cristo deixou de Se tornar presente. Não aconteceu a missa. O pão continua pão e o vinho permanece como vinho.

Ora, e como ao dividir e subdividir a quantidade de vinho e ao partir e subpartir as hóstias em pequeninos pedaços, em cada uma destas porçõezinhas Cristo Se faz real corporalmente e por inteiro, em cada uma delas, presente?

Se o celebrante mandar o seu acólito, o sacrificulo, à sacristia buscar mais partículas para atender a inesperada afluência de comungantes, essas partículas, pelo simples contacto com as hóstias “consagradas”, não se tornam também “consagradas”. Nesta hipótese, Cristo não Se multiplica.

Agora, pelo fato de partir e subpartir, dividir e subdividir os elementos “consagrados”, Cristo multiplica a Sua presença eucarística.

E esta multiplicação acontece sem a prolação repetida da forma sacramental.

Se um simples diácono, portanto, uma pessoa destituída de credenciais para “consagrar” a eucaristia, estiver distribuindo a comunhão e ocorrer a necessidade de partir as partículas para contentar os comungantes, Cristo multiplica o sacramento, a Sua

presença, sob o efeito da ação mecânica, física, de alguém que não é ministro legítimo da eucaristia?

Se, em sendo depositada a hóstia na língua do comungante, este a comprimir contra os dentes, ou mordê-la, e ela se quebrar em várias partes, multiplicou-se a presença real e corpórea de Cristo por um simples cidadão destituído de credenciais?

E, pior ainda! Se um camundongo (pequeno rato) carregar uma hóstia “consagrada” e for roê-la? Cada fragmento dela terá Cristo em Corpo, Sangue, Alma e Divindade? Mesmo que os fragmentos cheguem a cem ou a duzentos? Sob o efeito da ação do pequeno rato multiplicar-se-á a presença eucarística de Cristo?

Onde fica a imprescindibilidade da forma consecratória a ser proferida por ministro legitimamente ordenado para que haja a eucaristia?

II

Ao analisarmos qualquer objeto distinguimos nele duas realidades: a substância e os acidentes.

A SUBSTÂNCIA é aquilo do objeto que existe em si (*es in se*) e em razão de si, ou seja, é aquilo que não necessita de nenhuma outra coisa à qual se uma para existir.

Aliás, etimologicamente, o vocábulo “substância” procede de *sub stat* (= sub está ou subjaz).

Se se modificar substância, concomitantemente, modifica-se o objeto.

A pedra é pedra como resultado de sua substância. Pode ser clara ou preta, grande ou pequena, mais pesada ou mais leve, de forma retangular ou redonda. É pedra.

A água é água como resultado de sua substância de água. Pode ser límpida ou barrenta. Em maior ou menor quantidade. Em estado sólido ou líquido. Quente ou fria. Estar em copo ou a correr no leito do rio. É água. Distingue-se dos outros objetos por sua própria e característica substância.

O pão é pão como resultado de sua substância de pão. Em tamanho maior ou menor. Bem claro ou tostado. De duzentos gramas ou de meio quilo. De fora comprida ou redonda. Que o chamem de francês, sovado d’água, bengala ou vara. É pão. Distingue-se da pedra e da água por causa de sua substância de pão.

A substância, por conseguinte, é o substrato contínuo e permanente, nas modificações e fenômenos múltiplos e variáveis.

Com efeito, se numa coisa tudo absolutamente mudasse, haveria, sim, aniquilamento e criação. Deixaria de haver mudança.

Esse sujeito, o substrato, que necessariamente persistir na existência, apesar de oculto pelas mutações constantes e sucessivas, é a substância.

O ACIDENTE, em contrapartida, é o ser que só pode existir noutra (*“eins in alio”*).

Só existe enquanto adere, inere, em outro ser. Por exemplo, o calor, o movimento, a quantidade, o cheiro, a cor.

O acidente é o que existe só no sujeito já existente. A cor de si mesma não pode existir. Ela sempre adere a ou inere em outro sujeito.

Enquanto a substância permanece sempre a mesma e idêntica, os acidentes podem variar. Um pedaço de pão pode, ao ser partido, mudar de forma, de temperatura, sem deixar de ser pão.

Os acidentes são as aparências ou qualidades sobrepostas à substância.

Os acidentes jamais podem prescindir da substância. Assim como não pode haver modificação sem objeto modificado, também não pode haver acidente sem substância.

Por conseguinte, podemos enunciar o princípio da substancialidade com as seguintes palavras: **É PRÓPRIO DO ACIDENTE ESTAR NO SER OU INERIR AO SER.** *“Accidentis esse est inesse”*.

O princípio da substancialidade se constitui na própria natureza ou propriedade do acidente: inserir ou inerir (*INESSE* ou *INHAERERE*). É a sua característica de estar aderido (4).

Um exemplo ilustra. O peso não pode existir por si ou de si mesmo. Como um acidente, é de sua natureza inerir a uma substância. O peso não está no vácuo, mas em alguma coisa.

Os acidentes, portanto, são insubsistentes em si mesmos.

Se substância (*sub stat* = sub está, subjaz) é imperceptível e invisível aos nossos sentidos externos (vista, olfato, tacto, gosto e ouvido), os ACIDENTES se constituem em MANIFESTAÇÕES EXTERNAS, VISÍVEIS da substância.

Eu sei que determinado objeto é pedra em consequência de suas características externas, suas aparências, que chamamos de acidentes.

Por essas aparências ou acidentes é que distingo a substância chamada pedra da substância chamada pão.

A dogmática romanista, a tripudiar sobre a Inteligência, exhibe a sua grande descoberta: a transubstanciação, produzida pelos delírios mefistofélicos de sua sofismática.

Ao completar o sacerdote celebrante – o *“alter Christus”* (!!!???) – a prolação das palavras consecratórias, *“ex opere operato”*, infalivelmente, o pão deixa de ser pão e o vinho deixa de ser vinho. A

substância de cada um desses elementos se converte milagrosamente em Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo.

Com a transubstanciação acontece a mudança no íntimo do ser essencial desses elementos.

Não ocorre, segundo a doutrinação vaticana, a destruição ou aniquilamento da substância do pão e do vinho. A substância do pão e do vinho é convertida (*trans* – substanciada) na substância do Corpo completo de Cristo (5).

É assim uma espécie de instantânea evolução da substância do pão e do vinho para a substância do corpo de Cristo todo, inclusa a Divindade.

A Razão repele a hipótese evolucionista das espécies. A espécie macaco (IRRACIONAL) jamais poderá evoluir para a espécie homem (RACIONAL).

Esta hipótese é rejeitada pela RAZÃO por ser anticientífica, antilógica e antifilosófica.

Os seus divulgadores, falsários e deturpadores do nome ciência, quando abordados, se afogam num palavreado oco.

Ora bem, se a evolução de uma espécie para outra espécie repugna à Razão por ser cientificamente absurda, como não repugnará à Razão a transubstanciação, que pretende se constituir na evolução instantânea, na conversão ou mudança, de uma substância material inanimada, numa substância espiritual?

É anticientífica a hipótese da mudança da espécie macaco para a espécie homem. Ora, se macaco, embora ao longo de um imenso processo evolutivo, jamais se transformará em homem, porque são duas espécies animais absolutamente diferentes em suas características biológicas, como poderá conceber-se a evolução instantânea, a transubstanciação, da matéria inerte e inanimada, com é o pão, num ser animado, vivo, espiritualizado como é agora o Corpo glorificado de Cristo?

A transubstanciação é, pois, irracional e antirracional!

Ainda mais! Como poderá conceber-se a conversão da matéria criada na Divindade?

O catolicismo é um materialismo muito pior do que o dos antigos pagãos. Estes criam no sol e nos outros astros e forças da natureza como deuses e os adoravam. Para eles, o sol em si era um deus.

A teologia católica vai muito além em sua materialização da Divindade. Quer transubstanciar a matéria, o pão e o vinho, na Divindade.

Vimos! Os acidentes (*“ens in alio”*) são insubsistentes em si mesmos.

Retiradas a substância do pão e a substância do vinho, sem o substrato que lhes é essencial, os acidentes desses elementos ficam a boiar no vácuo? A cor, o tamanho, a forma redonda da hóstia, o sabor, a consistência, o cheiro, ficam a vacuonavegar?

Os teólogos romanos diante dessa conclusão absurda a que nos leva a sua transsubstanciociolatria, apelam, como num subterfúgio, para o milagre.

Os acidentes, asseveram os cristoforocratas, permanecem contra toda a lógica, suportados por um milagre espetacular de Deus. Invisível, incontestável aos nossos sentidos, mas um grande prodígio.

Deus, porém, quando permite milagres, realiza-os exatamente para chamar os nossos sentidos.

Milagre incontestável foge aos planos de Deus.

Todo milagre pode ser examinado por quem o queira examinar.

A ciência atual está capacitada para análises químicas e eletrônicas, fornecendo os mais exatos e minuciosos resultados. Se levarmos a um laboratório químico uma hóstia “consagrada”, oferecer-nos-á como resultado absoluto ser a substância do pão ou de vinho, se submetemos esses elementos à mesma análise após a “consagração”.

Se, de fato, houvesse ocorrido a transsubstanciação preconizada pela teologia católica, a análise revelaria o milagre de encontrar a substância de carne e de sangue humanos.

Ouviu-se já alguém dizer que se alimentou de qualquer cor, de qualquer sabor, de qualquer cheiro? De qualquer ou de todos os acidentes normais do pão? Acidentes são aparências. E quem pode sustentar-se com aparências?

Ora, se alguém, com fome, comer certa quantidade de hóstias “consagradas”, duzentos gramas, por exemplo, saciar-se-á.

Estará com o organismo alimentado como se houvesse ingerido pão mesmo, em cujo conteúdo se destacam os carboidratos.

De certa feita, ainda quando o jejum eucarístico era de completo rigor, fui celebrar missa numa região da zona rural da minha paróquia. Um colega, na véspera, havia ido confessar os devotos da padroeira, cuja festa se celebrava. Não sei porque, mas informou-me que levasse uma grande quantidade de partículas, porque tinha ouvido cerca de 400 confissões.

Recomendei ao sacristão que reforçasse o estoque de hóstias e deixei, como era de costume e da alçada do meu auxiliar, que preparasse tudo. O sacristão levou a âmbula maior e a encheu até à boca e a deixou bem recalçada de hóstias. Cerca de 1.000.

Celebrando, nem me apercebi do exagero, quando destampeei a âmbula para a “consagração”. Agravou-se a situação em decorrência do exagero do meu colega. Nem 200 pessoas se apresentaram na mesa

da comunhão. E porque precisava ficar até a noite para tanta programação, inclusive para presidir a procissão, e por não dispor de lugar conveniente no tosco altar, fui obrigado a consumir umas 800 hóstias. Depois de demorados minutos a comer aquela quantidade enorme de hóstias, sentia-me entalado e precisei reforçar a água das abluções dos vasos “sagrados” para me facilitar.

A senhora da casa que me hospedava ficou muito desapontada quando recusei o lauto desjejum. Comer? Impossível! Sentia-me mais do que satisfeito por longas horas.

Fui alimentado pelos acidentes das hóstias? Pelo formato? Pela cor? Pelo cheiro?

Foi pelo pão ázimo mesmo!

Se o sacerdote tomar respeitável quantidade de vinho “consagrado” ele se embriaga. Embriagar-se com o cheiro, ou com a cor ou com o sabor do vinho?

Com o sangue de Cristo, não! Sangue não embriaga ninguém.

Embriagar-se-á com o vinho, que permanece o mesmo de antes da “consagração”, com igual dosagem alcoólica.

Não há por onde escapar a sofismática vaticana! Encantoá-la-á a Razão em suas próprias contradições e absurdos.

Quando na celebração da missa, o sacerdote transcristidificador parte a hóstia e deposita um pedacinho no cálice, onde está o vinho “consagrado” e ele fica flutuando. A ciência diz que são dois corpos, um mais leve do que o outro, e o menos denso flutua sobre o mais denso. E que explicação nos pode dar a sofismática clerical?

Será inútil ao celebrante tentar colocar uma outra hóstia no lugar em que se encontra a que foi “consagrada”, a não ser que retire esta. Ora, com a sofistaria se sai dessa, visto que ela mesma ensina que não existe mais a substância do pão, e que o corpo de Jesus Cristo sob as espécies sacramentais não ocupa lugar?

Ao partir a hóstia durante a missa, o celebrante sente resistência sob seus dedos e quem estiver próximo do altar pode ouvir o estalido da hóstia que se quebra. São os acidentes que resistem e se partem?

Ao católico sincero só há um meio de se libertar de tão emaranhado labirinto. Se for inteligente, preferirá ficar do lado da Ciência e da Razão e abandonará o embuste.

III

Perfila-se sobre os sapatos, alça a frente e, trajado de roupagens litúrgicas, clama o teólogo católico, o idologerocrata e idolatrogerocrata: Como sacramento, a eucaristia produz “*ex opere operato*” a graça.

Pergunte-se-lhe o significado dessa expressão em língua morta e ele elucidará. Literalmente, “*ex opere operato*” quer dizer “por causa da obra, do serviço feito”. Pronunciadas as palavras rituais na administração dos sacramentos sobre a matéria válida e, pronto, com absolutas certeza e segurança, infalivelmente, se confeccionou o sacramento.

Ao despejar as gotas de água na fronte da criança e proferindo concomitantemente as palavras da forma ritual, a criança “*ex opere operato*”, infalivelmente, recebe a graça da regeneração e se torna filha adotiva de Deus com todas as regalias desta situação.

De semelhante modo, recitando as palavras próprias da “consagração” na missa sobre o pão e o vinho, “*ex opere operato*”, com absolutas certeza e segurança, acontece a transubstanciação mediante a qual Cristo Se torna real e fisicamente presente.

Recebida a eucaristia, “*ex opere operato*”, infalivelmente, ela produz graça no comungante.

A frase latina demonstra bem a mentalidade de magia reinante na sacramentática romanista.

É um contra-senso, é irracional, supor-se que elementos materiais envoltos em palavras cabalísticas tenham o condão de conferir a graça.

A graça e a matéria são coisas absolutamente distintas em sua essência, tornando-se impossível ser a primeira produzida pela segunda.

Os teólogos católicos sob a pressão de ameaças anatematórias aceitam que a eucaristia confere ao comungante a graça “*ex opere operato*”.

Por ser ululantemente absurdo o dogma eucarístico em todas as suas implicações e conclusões, atinge a comicidade.

Seria jocosa a pergunta ao teólogo, ao idologerocrata e idolatrogocrata, perfilado sobre os sapatos e de frente alçada: EM QUE INSTANTE DA SUA MANDUCAÇÃO A EUCARISTIA CONFERE A GRAÇA?

Com efeito, a manducação demanda, por se constituir num processo, diversidade de tempos e de operações. Deposita-se o alimento na boca, passa pelo esôfago e chega ao estômago, onde é digerido.

Eis a pergunta: Em que momento desta operação a eucaristia produz o seu resultado sacramental?

Pchiii!!!

A pergunta é cômica? Causa risos?

O teólogo plantado nos sapatos e de frente erguida informa: Os teólogos se dividem em várias opiniões.

Por desejarmos revelar até onde chega a irracionalidade da irracional dogmática eucarística exibiremos as quatro correntes que disputam seguidores:

1) Becano (De Euchar., XXII, 6) e Vasques (*In 3 p. S. Thom.*, disc. 203, 19) afirmam que a graça é logo conferida quando o comungante a recebe na boca.

2) Suarez (*In 3 p. S. Thom.*, disp. 63, sect. 4) ensina que a graça é causada em favor do fiel no instante da deglutição, isto é, quando o indivíduo engole a hóstia; produz a graça “*ex opere operato*” enquanto estiver a hóstia passando-lhe pelo esôfago.

3) Muitos teólogos, sobretudo os mais antigos, afirmam ocorrer a produção da graça pelo sacramento da eucaristia durante a digestão ou corrupção das espécies sacramentais.

4) Outros opinam que os benefícios do sacramento se produzem quando as espécies chegam ao estômago. Iniciada a decomposição das espécies, cessou a eucaristia.

Afinal, o dogma eucarístico com todas suas teses, implicações, conclusões, disputas e definições, se reduz a um crime de LESA-INTELIGÊNCIA com as agravantes de tripudiar sobre Jesus Cristo, o nosso amável Redentor, de paganizar a Ceia do Senhor, a tocante cerimônia comemorativa instituída por Jesus, e de fabricar o mais horrendo idolatrismo.

DOCUMENTAÇÃO:

(1) “*Totus enim et integer Christus sub panis specie et sub quavis ipsius speciei parte, totus item sub vini specie et sub eius partibus existit*”. (Concílio de Trento, Sess. XIII, Cap. 3 – D. 876).

(2) “*Si quis negaverit in venerabili sacramento eucharistiae sub unaquaque specie et sub singulis eiusque speciei partibus separatione facta totum Christum contineri, anathema sit*”. “Se alguém negar que no venerável sacramento da eucaristia, debaixo de cada uma das espécies e debaixo de cada uma das espécies, quando elas se dividem, se encerra todo o Cristo, seja excomungando” (Concílio de Trento, Sess. XIII, cap. 3 – D. 885).

(3) “*Facta divisione specierum, sub singulis partibus totus Christus invenitur*”. “Cristo todo Se encontra em cada uma das partes se se fizer a divisão das espécies”.

(4) “*Accidens est tale ens, seu talem habitudinem eius essentia habet ad esse, ut natura sua exigat esse seu existere in alio*”.

(5) “*Quae tamen desitio non dicenda est fieri per ANNIHILATIONEM stricte dictam, quia non est transitus in nihilum simpliciter, sed in corpore Christi*”. “Aquele desaparecimento (da substância do pão e do vinho) não ocorre por um ANIQUILAMENTO estritamente dito porque

não é a passagem, o trânsito, para o nada, mas é a conversão no corpo de Cristo”.

.oOo.

A EUCHARISTIA E O TESTEMUNHO DOS SENTIDOS

O **HOMEM** é um composto substancial de matéria e espírito. Em sendo espiritual, é inteligente. Move-se, portanto, para o conhecimento, cujos objetivos são três: o mundo externo (sensível), a alma com os seus fenômenos e o absoluto e as relações necessárias das coisas.

Em consequência desses três objetivos do conhecimento, também três são as funções fundamentais da vida cognitiva:

a) A percepção externa;

b) A consciência ou senso íntimo, que conhece o eu, os seus atos e modificações;

c) A Razão, que apreende as relações necessárias das coisas, tais como a identidade, a casualidade, a finalidade, a lei, o princípio, numa palavra, o elemento absoluto, que se encontra em todos os conhecimentos, bem como em todos os seres e fenômenos.

À vista dessas elementares observações da psicologia humana, podemos estabelecer o seguinte quadro panorâmico sobre as FACULDADES DO HOMEM:

São elas: intelectuais e sensitivas.

As faculdades intelectuais, por sua vez, se dividem em Inteligência ou apetite cognitivo (entendimento, razão, consciência intelectual e memória intelectual) e vontade ou apetite racional.

A inteligência é a faculdade mais nobre do ser humano a iluminar-lhe o espírito.

As faculdades sensitivas, de sua parte, se dividem em cognitivas ou perceptivas, apetitivas, locomotiva e vocal.

As faculdades sensitivas cognitivas ou perceptivas agem pelos sentidos externos (vista, audição, olfato, gosto e tacto) e pelos sentidos internos (sentido comum, imaginação, força estimativa e memória sensitiva).

E as faculdades sensitivas apetitivas atuam pelo apetite concupiscível (amor, desejo, alegria, paixões atrativas, ódio, abominação, tristeza, paixões repulsivas) e pelo apetite irascível

(desespero, medo, paixões deprimentes, esperança, audácia, ira, paixões excitantes).

É evidente que tudo isso forma um conjunto. Um complexo. Tudo age ou funciona sob uma admirável coesão e dentro de um harmonioso ritmo desde que haja saúde psíquica no indivíduo.

Na complexidade substancial ou na substancialidade complexa do seu ser como ente espiritual, o homem conhece e apreende o mundo exterior, sobretudo através dos sentidos externos (vista, audição, olfato, gosto e tacto) aos quais correspondem órgãos especiais, sem se confundir o sentido com o órgão.

Assim, ao sentido da vista correspondem os olhos; ao da audição, o ouvido; ao do olfato, as fossas nasais; ao do gosto, a língua; e ao tacto, a pele e, sobretudo, as mãos.

A importância dos sentidos corporais externos é tão destacada por ser imprescindível em nosso processo cognoscitivo que Anaxágoras dizia que o homem pensa porque tem mãos. E Aristóteles afirmava: “O homem não é superior aos animais porque tem mãos, mas tem mãos porque é superior aos animais”.

Desprovidos destes sentidos externos, quase nada poderíamos conhecer, porquanto eles são os instrumentos que levam informações do mundo exterior às nossas faculdades intelectuais.

Os sentidos externos, por conseguinte, se constituem em meios seguros para a apropriação da Verdade. Como leríamos e estudaríamos sem o sentido da vista? Sem ele inutilizar-se-iam os microscópios e os telescópios de grande alcance. E o que seria da astronomia? E da medicina?

Atrofiado o sentido do ouvido, progrediria, porventura, a música? Nem teria existido!

A ciência em todos os seus ramos e a arte em todos os seus aspectos jamais teriam existido e se desenvolvido sem o concurso dos nossos cinco sentidos.

Nem a nossa vida seria possível sem eles. Até para dirigir um automóvel entram eles em exercício.

“Se os sentidos externos não fossem meios seguros para a aquisição da Verdade, dar-se-ia o engano, porque os sentidos, ou não podem receber a impressão dos objetos externos, ou porque esses objetos não existem realmente. Ora, nenhuma dessas duas hipóteses pode admitir-se. Não pode admitir-se a primeira, pois a fisiologia, examinando o organismo e a disposição dos sentidos, reconhece-os aptos para receber a impressão dos seus objetos. Não pode admitir-se a segunda porque os sentidos, sendo, por si, indiferentes para receberem a impressão de muitos corpos, não poderiam acusar a impressão recebida de um dado corpo, se este realmente não existisse. Logo, os sentidos externos são meios seguros para a aquisição da Verdade” (Sinibadi, Lóg., Vol. I, pg. 83).

Em assunto de fé, o testemunho dos sentidos também é fundamental. Se os apóstolos não tivessem o sentido da vista e do ouvido, não poderiam ter visto e ouvido a Cristo. Como resultado, o Cristianismo baseia-se na evidência dos sentidos.

O que são os milagres senão apelos aos sentidos corporais?

Deus chamou a atenção de Moisés pela visão da sarça ardente. Nem precisou apurar o ouvido porque o Senhor o chamou pelo nome.

Para que o povo israelita aceitasse a liderança de Moisés, Deus fez os prodígios da vara transformar-se em serpente, de cobrir-se de lepra a mão do convocado, retornar ao estado anterior de vara a cobra e limpar a mão leprosa.

Para convencer o Faraó da Sua vontade no sentido de libertar os hebreus do jugo egípcio, Deus providenciou uma série de prodígios espetaculares.

A viagem de libertação daquele povo se constituiu numa epopéia rica de tantos milagres a apelarem para os sentidos daquela gente vocacionada a ser eleita do Senhor e a nEle confiar.

Revestiu Deus de credibilidade a missão dos Seus profetas com inúmeros e portentosos prodígios, como aconteceu a Elias e a Eliseu.

A Bíblia, por isso, se recheia deles.

E a própria encarnação do Filho de Deus não é um apelo aos nossos sentidos?

Para Se nivelar em tudo conosco – exceto no pecado (Hebreus 4.15) – Jesus, ao Se encarnar, adotou, para usá-los, os sentidos externos.

Jesus Cristo recorreu aos sentidos do povo propiciando-lhes milagres inauditos. **“Quando João ouviu, no cárcere, falar das**

obras de Cristo, mandou por seus discípulos perguntar-lhe: És tu aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres está sendo pregado o Evangelho” (Mateus 11.2-5).

Após anunciar aos discípulos a Sua futura morte, levou Pedro, Tiago e João a um alto monte e Se transfigurou diante deles. VIRAM-NO no esplendor da Sua glória. OUVIRAM a Sua voz: **“Este é o Meu Filho, o Meu eleito”**. E soou clara a determinação: **“A Ele ouvi”** (Lucas 9.35).

A ressurreição de Cristo é o fato mais importante da história e o acontecimento fundamental do Cristianismo.

Permitiu o Senhor que os Seus discípulos, apesar de antecipadamente informados, duvidassem e descresem dela, chegando a lançar-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração.

Permitiu que duvidassem a fim de eles mesmos Lhe oferecerem oportunidade de provar e comprovar o fato transcendente.

“Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco. Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito. Mas Ele lhes disse: Por que estais perturbados? E por que sobem dúvidas ao vosso coração? VEDE as

Minhas mãos e os Meus pés, que sou Eu mesmo; APALPAI-ME e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como VEDES que Eu tenho. Dizendo isto, MOSTROU-LHES as mãos e os pés” (Lucas 24.36-40).

Três dos sentidos dos discípulos foram por Cristo postos à prova: a vista, o ouvido e o tacto.

Tomé, nessa oportunidade, encontrava-se ausente. Retornado ao convívio dos condiscípulos, desacreditou-lhes a notícia sobre a aparição do Mestre ressuscitado e quis provas através dos sentidos da vista e do tacto: **“Se eu não VIR nas Suas mãos o sinal dos cravos, e ali não PUSER o meu dedo, e não PUSER a minha mão no Seu lado, de modo algum acreditarei”** (João 20.25).

Atendeu-lhe o Senhor a exigência. Pôs-lhe à prova os sentidos quando, no domingo seguinte, ao aparecer, de novo, interpelando o discípulo exigente, disse-lhe: **“Põe aqui o teu dedo e vê as Minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no Meu lado; não sejas incrédulo, mas crente”** (João 20.27).

Pelo fato da demonstração e da experiência dos sentidos físicos, a verdade da ressurreição deixou de nos exigir fé? De modo algum!

Os apóstolos, cuja precípua missão foi a de serem testemunhas da ressurreição, alegaram a prova dos seus sentidos corporais da vista e do ouvido. **“A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, APARECENDO-LHES durante quarenta dias e FALANDO das coisas concernentes ao reino de Deus”** (Atos 1.3).

Destaca-se Paulo dentre os apóstolos. Apareceu-lhe e falou-lhe também o Senhor. **“Afinal, depois de todos, foi VISTO também por mim”** (1ª Coríntios 15.8). **“Caindo por terra, OUVIU uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que Me persegues?”** (Atos 9.4).

O testemunho dos apóstolos baseia-se em sólidos motivos de credibilidade fundamentados nos sentidos corporais. **“ O que era desde o princípio, o que temos OUVIDO, o que temos VISTO com os nossos próprios olhos, o que CONTEMPLAMOS e as nossas mãos APALPARAM, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos VISTO, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos VISTO e OUVIDO anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo”** (1ª João 1.1-3).

Os se tidos se envolvem também no processo de conversão e de salvação do pecador. **“Em verdade, em verdade vos digo: Quem OUVI a Minha palavra e crê nAquele que Me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida”** (João 5.24). **“Como, porém, invocarão Aquele em Quem não creram? E como crerão nAquele de Quem nada OUVIRAM? E como OUVIRÃO, se não há quem pregue?”** (Romanos 10.14). **“Aprove a**

Deus salvar aos que crêm, pela loucura da pregação” (1ª Coríntios 1.21).

É pelo sentido corporal da vista que eu leio a Revelação Divina nas Escrituras. E se nas Escrituras leio o registro da instituição da Ceia do Senhor, esses mesmos sentidos físicos são capazes de determinar se o pão “consagrado” é realmente pão ou realmente Cristo e se o vinho “consagrado” é realmente vinho ou realmente sangue de Cristo.

Quando Jesus transformou a água em vinho nas bodas de Caná da Galiléia, os convivas sentiram a qualidades do bom vinho e até protestaram: **“Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora”** (João 2.10).

O romanismo, que reconhece a valiosa contribuição dos nossos sentidos externos no nosso processo cognoscitivo e o haver Jesus Cristo deles Se valido e a eles apelado, o romanismo, apesar das mistificações dos seus sofismas, admite o uso desses mesmos sentidos ao exigir fé em seus dogmas.

Ensina ele que o sacramento é um SINAL SENSÍVEL.

Por ser um dos sete sacramentos, a eucaristia é também um SINAL SENSÍVEL. “No santíssimo sacramento da eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, Nosso Senhor Jesus Cristo, Verdadeiro Deus e Homem, verdadeira, real e substancialmente está contido sob as espécies daqueles elementos SENSÍVEIS”. (*In almo sancto eucharistiae sacramento, post panis et vini consecrationem, Dominum Nostrum Iesum Christum, Verum Deum et Hominem, vere, realiter et substantialiter, sub specie illarum rerum SENSIBILIUM contineri*” – Concílio de Trento, Sess. XII, cap. 1 – D. 874).

No mesmo diapasão dos ensinamentos tridentinos, o papa Paulo VI, em sua encíclica *Mysterium Fidei*, § 46, assegura: “Depois da transubstanciação, as espécies do pão e do vinho tomam nova significação e nova finalidade, deixando de pertencer a um pão usual e a uma bebida usual, para se tornarem SINAL duma coisa sagrada e SINAL dum alimento espiritual”.

Vamos fazer a prova!

Antes da missa, olho e distingo a cor característica do vinho posto no cálice. Saboreio-o. Sinto-lhe a umidade. Observo-lhe o peso e as dimensões. Pela análise química, constato todos os seus componentes como vinho.

Pronunciam-se as palavras consagratórias. Logo volto a exercitar os meus sentidos. Minha vista contempla idêntica cor, a mesma conformação e quantidade do líquido no fundo da taça. O meu paladar experimenta o mesmo sabor. O meu tacto, a umidade e peso anteriores. A análise química revela os mesmos componentes de antes da “consagração”.

Falharam meus sentidos ou nada ocorreu?

Tomo a hóstia. Observo-lhe a alvura, a redondez de sua conformação. Sinto-lhe o sabor e o peso. Apalpo-lhe a consistência.

Dá-se a “consagração” e retorno ao exame. O que constata meus sentidos corporais? Algo diferente? Não! Tudo permanece na mesma.

A mesma alvura a se confundir com a brancura do corporal. O mesmo sabor de farinha de trigo assada. Na sua consistência nada se alterou. A redondez permanece. O seu peso continua tão pequeno como antes, ao ponto que um camundongo pode carregá-la.

Mas, na eucaristia não “está Cristo completo, presente na Sua REALIDADE FÍSICA, mesmo CORPORALMENTE”? Não é, porventura, esse o ensino do papa Montini em sua encíclica *Mysterium Fidei* (§ 46)?

Chamam-se SINAIS os milagres de Jesus (João 20.30; 21.25). SINAIS do Seu poder infinito. SINAIS da Sua Messianidade.

SINAIS a fecundarem de credibilidade o Seu ministério.

SINAIS SENSÍVEIS. Todos, pelos seus sentidos externos, os constatavam.

Ora, ao exercitar os meus sentidos corporais para com a hóstia, eles reconhecem e constata a presença contínua dos mesmos acidentes de pão.

Se na eucaristia Se tornasse “presente na Sua REALIDADE FÍSICA, mesmo CORPORALMENTE”, os meus sentidos veriam nas espécies sacramentais todos os acidentes próprios de um corpo humano.

Se não for assim – como, de fato, não é – que espécie de SINAL é a eucaristia? SINAL de quê?

Seria um SINAL que meus sentido na constata e não apreendem?

Ou sinal e sentidos externos corporais não são correlatos?

Ah! Mas a teologia católica sai-se com uma elucidação.

Ela sempre se esgueira pelos desvãos dos labirintos de sua sofismática ou artificiática.

Não! O que ocorreu na “consagração” foi a conversão da substância do pão em substância do corpo de Cristo e da substância do vinho na substância do Seu sangue. Os acidentes: a cor, o peso, a forma, a consistência, o gosto, os chamados pela filosofia aristotélico-tomista de acidentes, permanecem inalterados. Neles nada se modifica. São propriedades ou qualidades das coisas ou são propriedades de coisa alguma?

Serão, porventura, meras aparências? Fantasmas?

Se tudo continua na mesma, então a eucaristia é SINAL de quê?

Na conformidade deste sofisma, a hóstia é ou não é redonda? É branca ou não é branca? Se são simples aparências, fantasmas, esses acidentes nada significam, porquanto são distintos da realidade.

O Cristo da hóstia católica é um fantasma?

Mas Jesus jamais quis ser tido como fantasma. Quando, ao caminhar por cima do mar, os assustados discípulos O divisaram com fantasma, retrucou-lhes: **“Sou Eu. Não temas!”** (Mateus 14.27). E aos

discípulos atônitos, na tarde do domingo da ressurreição: **“Vede as Minhas mãos e os Meus pés, que sou Eu mesmo; apalpai-Me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho”** (Lucas 24.39).

As espécies do pão e do vinho, contudo, são realidades. Ao invés de aparências imaginárias, são realidades subsistentes. Antes e depois da “consagração”!

Tão realidades que podem apodrecer, serem distinguidas, levadas e roídas por um rato ou pelas baratas. Fantasmas não alimentam vermes...

Os acidentes são realidades subsistentes na substância, como em seu natural substrato. Retirado este, aqueles desaparecem.

Se, depois da “consagração”, persistem os acidentes das espécies, conforme testificam os meus sentidos corporais, é porque a substância do pão e a substância do vinho continuam inalteradas.

* * *

Portentosas forças desbaratam o amontoado de sofismas da eucaristia católica.

A Bíblia, a infalível Palavra de Deus!

A Inteligência do Homem!

O Bom Senso das pessoas equilibradas e esclarecidas!

E os nossos próprios sentidos externos!!!

.oOo.

EUCARISTIA - - SACRIFÍCIO

MISSA

**“O Senhor imola-Se de modo incruento
no sacrifício da missa”**

(Paulo VI, em *Mysterium Fidei*, § 34).

**“Na realidade, qualquer missa celebrada
oferece-se não apenas pela salvação de alguns,
mas pela salvação do mundo inteiro”**

(Id. ib., § 32).

NOÇÕES PRELIMINARES

IMPOSSÍVEL REFUTAR-SE uma doutrina falsa sem lhe conhecer por completo a exposição.

Estes enunciados da missalogia, em vista das contradições e dos desencontros dos sofismas, já por si revela fragilidade do dogma eucaristolátrico também em seu enfoque sacrificial.

Por isso alvitramos estender-nos na demonstração da doutrina romanista tanto quanto julgamos conveniente, pois este livro objetiva aluir a fé no suposto sacrifício da missa, crença esta sedimentada nas almas sinceras em camadas ao longo das heranças familiares.

Aluída a fé missólatra, estamos certos, essas almas se desabrocharão para a genuína fé em Jesus Cristo, único e todo-suficiente porque TODO-EFICIENTE Salvador.

A doutrinação romanista sobre a missa é contraditória, absurda, horripilante. Se intentamos esclarecer consciências, cabe-nos documentar a exposição por nós feita sobre a matéria.

I - NOÇÃO E CARACTERÍSTICAS DO SACRIFÍCIO

Postula o dogma católico ser a missa, de sua própria natureza, um SACRIFÍCIO.

O que é um sacrifício?

A) Em sentido etimológico, o vocábulo procede do latino “*sacrum facere*”, ou seja, “realizar uma coisa sagrada”.

B) Em sentido lato, designa qualquer ação boa feita em honra de Deus. Daí Paulo chamar de sacrifício o culto racional pela apresentação dos corpos dos crentes (Romanos 12.1).

C) No sentido estrito, define-se o sacrifício como “a oblação de um objeto sensível, com a sua destruição, feita pelo sacerdote a Deus para reconhecer-Lhe o supremo domínio e a nossa submissão” (*Est oblatio rei sensibilis a sacerdote Deo facta per eius destructionem, ad recognoscendum supremum Dei dominium et nostram subiectionem*).

Ao enfoque desta definição, depreendem-se do sacrifício as seguintes características essenciais:

a) A oblação ou oferta de uma vítima em honra de Deus;

b) Vítima destrutível ou mutável mediante a passagem do estado normal de vida para outro consideravelmente inferior;

c) Oblação realizada por ministro legitimamente autorizado: mediador entre Deus e os homens;

d) A finalidade suprema do sacrifício: adoração a Deus, ação de graças, súplica de Suas bênçãos e impetração do perdão dos pecados.

II – MISSA

Vejamos a origem do vocábulo e sua definição!

A PALAVRA MISSA

A origem dessa palavra foi assunto de muitos debates entre liturgistas e teólogos católicos.

As opiniões divergentes se dispuseram em três posições:

Primeira: Esse vocábulo se origina do hebraico: **MISSAH**, que em Deuteronômio 16.10 significa **SACRIFÍCIO**. “**E celebrarás a festa das semanas ao Senhor teu Deus, com ofertas voluntárias** (tributo = oblação = **MISSAH**) **da tua mão, segundo o Senhor teu Deus te houver abençoado**”.

O texto hebraico que se exprime por **MISSAH**, a Vulgata Latina traduz por “*oblationem expontaneam*” (= oblação, oferta espontânea).

Com efeito, Jesus Cristo espontaneamente ofereceu-Se na cruz (João 10.17).

Assim é que o sacrifício do Calvário, continuado, renovado na eucaristia é a “oblação espontânea” de Cristo (**MISSAH**) que deu origem ao vocábulo **MISSA**.

Segunda: Na conformidade da opinião desta segunda corrente, o termo **MISSA** procede do latim **MISSA**, participio passado feminino do verbo **MITTERE** (enviar).

Ao pé da letra, no caso, missa quer dizer “mandada, enviada”.

Adotou-se esse nome para o sacrifício eucarístico, tendo em vista ser Jesus Cristo a vítima “enviada – **missa** – por Deus” (1).

Sob o aspecto humano, o sacrifício eucarístico denomina-se missa (enviada) porque nele os fiéis enviam as suas próprias orações a Deus por intermédio do sacerdote que, fazendo as vezes de Cristo, exerce as funções de mediador de Deus e dos homens.

Esta segunda opinião invoca em seu abono a palavra de Tomás de Aquino: O sacrifício eucarístico “é chamado missa porque as preces que o acompanham são **enviadas** a Deus pelo sacerdote, Cristo, no mesmo passo que os fiéis Lhe enviam preces mediante o sacerdote celebrante, ou ainda, porque Jesus Cristo é a vítima **enviada** por Deus em favor dos homens” (*Sum. Theol.*, P. III, Q. 83, a. 4, ad. 9) (2).

Terceira: O terceiro grupo recorre também ao latim no intuito de elucidar a origem da palavra missa adotada para a eucaristia. Recusam, contudo, a sua procedência de **MISSA**, participio passado feminino de **MITTERE**. Dizem que o termo provém do substantivo **MISSIO**: gesto de despedida, de mandar embora.

Esta opinião se prende à antiga disciplina de se impedir a assistência à missa do ofertório em diante dos catecúmenos, pagãos e penitentes. Estes permaneciam no recinto da celebração até a pregação e depois eram despedidos em atendimento à determinação: “Se alguém é catecúmeno, retire-se” (“*Si quis est catecumenus exeat foras*”).

Todas estas opiniões, contudo, se reduzem a meras hipóteses, permanecendo em obscuridade a origem etimológica da palavra **MISSA**.

DEFINIÇÃO

A missa é o sacrifício do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo sobre os altares debaixo das espécies de pão e de vinho para representar, renovar e continuar o Sacrifício da Cruz e aplicar os méritos da Morte de Cristo.

À luz dessa definição, quer a dogmática vaticana encontrar na missa:

- 1) O sacrifício real e verdadeiro da Nova Lei;
- 2) A repetição incruenta do sacrifício da cruz;
- 3) O meio pelo qual a igreja aplica os méritos da morte de Cristo;
- 4) O culto (latrêutico, eucarístico, propiciatório e impetratório) perfeito a Deus.

DOCUMENTAÇÃO:

(1) “*Eucharistia, ut sacrificium, missa nuncupatur a verbo mittere quia Christus est hostia a Deo missa*” (Gury, *Trat. De Euchar.*, n° 346).

(2) “*Et propter hoc etiam “missa” nominatur. Quia per angelum sacerdos preces ad Deum “mittit”, sicut populus per sacerdotem, vel quia Christus est hostia nobis missa*” (T. Aquino, *Sum. Theol.*, P. III, Q. 83, a. 4, ad. 9).

.oOo.

A MISSA, DE SUA PRÓPRIA NATUREZA, É SACRIFÍCIO

NÃO SE CONSTITUI apenas em um conjunto de orações e cerimônias religiosas como as devoções populares do rosário, das novenas ou da via sacra que comemora e lembra, através de suas estações, a paixão e a morte de Jesus Cristo.

A sua ação sacrificial, essencialmente, a diferencia das outras fórmulas de preces litúrgicas, como o breviário, e dos ritos sacramentais, como o batismo, a crisma e a confissão (1).

Ressalta-lhe este aspecto fundamental de sacrifício o papa Pio XII, em sua encíclica *Mediator Dei (Acta Apostolicis Sedis, 1947, pg. 563)*: “O augusto sacrifício do altar não é, pois, uma pura e simples comemoração da Paixão e Morte de Cristo, mas um VERDADEIRO E PROPRIAMENTE DITO SACRIFÍCIO...”

O pontífice vaticano, sem ameaças anatematizadoras, todavia – e porque também o dogma eucarístico persiste sem quaisquer mutações e variações *per omnia saecula saeculorum* – Pio XII repetiu a definição do Concílio Ecumênico de Trento (2).

“O sacrifício pertence à essência da missa”, proclama, na rota da velha missaloga, o papa Montini, Paulo VI, em sua encíclica *Mysterium Fidei*, § 5.

A doutrina romana vai buscar das Sagradas Escrituras dois textos. E, como sempre faz, isola-os do contexto e de todo o teor da Bíblia, senão quando também corrompe a sua versão para, diante dos seus fiéis, justificar o seu dogma, ilusionando-os com a impressão de uma base bíblica a ilaquear-lhes a fé.

Neste caso, na diligência de demonstrar com a Bíblia constituir-se a missa um sacrifício, arrola duas passagens: Gênesis 14.18 e Malaquias 1.11.

Consideremo-las!

GÊNESIS 14.18

Dela transcreveremos várias versões católicas:

A Vulgata Latina assim apresenta este texto: **“At vero Melchisedech rex Salem proferens panem et vinum (erat ENIM**

sacerdos Dei altissimi) benedixit ei et ait: Benedictus Abram Deo excelso, qui creavit caelum et terram”.

A do pe. Matos Soares: **“E Melquisedec, rei de Salém, trazendo pão e vinho, PORQUE era sacerdote do Deus Altíssimo”.**

A do pe. Antonio Pereira de Figueiredo: **“Mas Melquisedec, Rei de Salém, oferecendo pão e vinho, PORQUE era sacerdote do Deus Altíssimo”.**

A do Pontifício Instituto Bíblico de Roma (tradução feita durante o Concílio Ecumênico Vaticano II) traduz: **“E Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho, POIS era sacerdote do Deus Altíssimo”.**

Os teólogos romanistas sofismam: Melquisedeque, rei de Salém, **“ofereceu pão e vinho”, indubitavelmente** em sacrificio **“PORQUE”** ou **“POIS”**, isto é, na qualidade de **“sacerdote do Deus Altíssimo”.**

Melquisedeque tipifica Cristo. Com efeito, o Salmo 110. é messiânico e, em seu versículo 4, diz: **“O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”.**

Paulo Apóstolo, em sua Epístola aos Hebreus, tem diante de si estas passagens bíblicas veterotestamentárias, ao ver em Melquisedeque um tipo de Jesus Cristo. **“Assim também Cristo a Si mesmo não Se glorificou para se tornar sumo sacerdote, mas glorificou Aquele que Lhe disse: Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei; como em outro lugar também diz: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”** (5.5-6), **“tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”** (5.10), **“porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”** (7.17).

Ora, se Melquisedeque tipifica Cristo, como demonstra Paulo, ao oferecer o sacrificio sob as espécies de pão e de vinho, este episódio preanunciava a missa, que é um sacrificio com as espécies de pão e de vinho (3).

Obstaculizemos com a Verdade o ilidível porque iludente supositício escriturístico!

Contra um documento legítimo podem-se cometer dos crimes: o da interpretação falsificada por sofismas e o da corrupção do texto por rasuras.

Pois bem, contra Gênesis 14.18 a doutrinação católica pratica esses dois crimes.

A) É verdade que Melquisedeque obsequiou a Abrão e seu séquito quando voltava do conflito contra Quedorlaomer com um refrigério de pão e vinho. É falso, porém, que os haja oferecido como sacrificio.

a) Ofereceu-os, sim, como alimento para Abrão e seus homens após a batalha em defesa de Ló (Hebreus 7.1).

Entender-se esse obséquio como sacrifício é exorbitar com a intenção sofisticada de iludir.

b) Ademais, Gênesis 14.18 não só não sugere, nem à distância, qualquer idéia de sacrifício, como também Paulo, na Carta aos Hebreus, recorrendo ao Salmo Messiânico, ao reconhecer Melquisedeque como tipo de Jesus Cristo, deixa de mencionar a palavra sacrifício.

Cristo é antítipo de Melquisedeque, **“sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote perpetuamente”** (Hebreus 7.3). Mas o sacrifício da cruz não é na mente do apóstolo tipificado pela oferta de pão e vinho feita a Abrão e seus companheiros por Melquisedeque.

c) À luz das informações de Paulo quanto a Melquisedeque, **“sacerdote do Deus Altíssimo”** (Hebreus 7.1), oferecer pão e vinho a Abrão seria o auge do absurdo haver ocorrido um sacrifício feito em favor de Abrão.

No caso do sacrifício (se houvesse acontecido) feito a Abrão, Jesus Cristo tipificado por Melquisedeque ofereceria um sacrifício a quem? A quem tipificaria Abrão?

Impossível ser aí Abrão um tipo de Deus.

Aliás, Abrão se admitiu tão inferior que a Melquisedeque deu o dízimo de tudo (Gênesis 14.20).

Ocorre, ainda que, abençoado por Melquisedeque (Gênesis 14.19), Abrão se colocou em posição inferior, haja vista a conclusão: **“é fora de qualquer dúvida que o inferior é abençoado pelo superior”** (Hebreus 7.7).

Se, portanto, Abrão, num preito de submissão, ofereceu dízimos a Melquisedeque e se por este foi abençoado, como poderia tipificar Deus, a quem, com absoluta exclusividade, se dedicam os sacrifícios?

d) A Epístola aos Hebreus enfoca o personagem Melquisedeque como tipo de Jesus Cristo, considerando-o sob vários aspectos. Exalta Melquisedeque para exaltar Jesus Cristo. Nada além desses preciosos ensinamentos se pode descobrir nessas passagens.

e) Em Hebreus, Paulo Apóstolo compreende e esclarece a postura de Melquisedeque e o seu gesto obsequioso, sem – nem por vislumbre – sem mencionar o sentido eucarístico ou missático cobiçado pela sofistaria romanista.

Abstraindo-se da assertiva de Tertuliano (*Adv. Iudeos* III), favorável à compreensão do obséquio do rei de Salém como refrigério aos exaustos guerreiros de Abrão, a teologia cristicida se esgueira pelos meandros da tradição à procura dos depoimentos da patrística

que lhe abonem a fantasiosa interpretação. E invoca Clemente de Alexandria (*Strom.*, 6, 161, 3) e Cipriano (*Ep.*, 63, 4).

Refuge do contexto bíblico por nele faltar-lhe apoio e refugia-se na remendada patrística.

É, portanto, fantasmagórica a pretensão vaticana de buscar na oferta de manjares a Abrão um vaticínio do sacrifício da missa.

B) Além da interpretação deteriorada por sofismas, a exegese romana comete ainda o crime de rasurar o texto.

Segundo o original hebraico, a tradução correta de Gênesis 14.18 é a seguinte: **“E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho. E era este sacerdote do Deus Altíssimo”**.

Em lugar da partícula **E**, a ilusionária vaticana colocou **PORQUE** ou **POIS** (da Vulgata **ENIM**) a fim de sugerir a idéia de que o rei de Salém entregou pão e vinho a Abrão com a finalidade de exercer o seu sacerdócio. Constituiu-se, portanto, aquela oferta em uma função sacerdotal, como querem os sofistas vaticanos.

O texto demonstra os encargos de Melquisedeque: rei e sacerdote, porque figura de Jesus Cristo, Rei e Sacerdote.

O seu oferecimento a Abrão não aconteceu na sua qualidade nem de rei e nem de sacerdote.

O **PORQUÊ** ou o **POIS** (da Vulgata **ENIM**) das versões católicas rasuram o documento bíblico).

É um criminoso acréscimo!

Criminoso acréscimo sustentado pela versão “Concílio-Vaticano II): **“E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho, POIS era sacerdote do Deus Altíssimo”**.

A palavra hebraica **VAV** deve ser traduzida **E** como fez João Ferreira de Almeida: **“E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; E era sacerdote do Deus Altíssimo”**. Aliás, aquela mesma palavra **VAV**, que neste lugar os tradutores romanistas vertem **PORQUE** ou **POIS**, em outras lugares do contexto eles próprios traduzem certo por **E**.

São uns criminosos! Onde não se lhes toca a tradução correta, eles a admitem. E onde a rasura facilita-lhes o sofisma, cometem-na com a mais deslavada sem-cerimônia.

E o pobre católico, vítima dessas perfidias, aceita a missa como sacrifício.

MALAQUIAS 1.11

É o outro texto catalogado que as versões católicas assim apresentam:

A Vulgata de Jerônimo: **“Ab ortu enim solis usque ad occasum magnum est nomen meum in gentibus, et in omni loco sacrificatur et offertur nomini meo oblatio munda, quia magnum est nomen meum in gentibus, dicit Dominus exercituum”**.

O pe. Mato Soares: **“Porque desde o nascer do sol até ao poente, o Meu nome é grande entre as nações, e em todo o lugar se sacrifica e se oferece ao meu nome uma oblação pura; porque o Meu nome é grande entre as nações, diz o Senhor dos exércitos”**.

O Pontifício Instituto Bíblico de Roma: **“Porque desde onde o sol desponta até onde se põe, grande é o Meu nome entre as nações, e em todo o lugar se oferece ao Meu nome o perfume do incenso com uma oblação pura; sim, grande é o Meu nome entre as nações, diz o Senhor dos exércitos”**.

Os intérpretes católicos querem ver nessa passagem outra demonstração bíblica de ser a missa um sacrifício. “Esta nova oblação do Novo Testamento, que Malaquias profetizara, sempre a ofereceu a igreja...”, declara o papa Paulo VI (*Mysterium Fidei*, § 29), na senda tridentina (4).

Com efeito, é muito comum, tenciona o artifício vaticano, é muito comum entre os profetas o uso do verbo no presente quando se fala de coisas e acontecimentos futuros, porquanto falam como se estivessem já contemplando o que anunciam a ser sucedido depois.

Malaquias usou os verbos no presente porque ele via aquilo que aconteceria no futuro.

Os ilusionistas romanos alegam, outrossim, que os vocábulos **OBLAÇÃO** e **SACRIFÍCIO**, bem como outros a eles relacionados devem ser entendidos como *ações estritamente* sacrificais.

E concluem que esse sacrifício profetizado por Malaquias só pode ser o da missa.

A conclusão, contudo, exorbita e argumentos vigorosos a ilidem.

A) O termo **MIN’HA** (do hebraico) empregado no texto não deve forçosamente significar sacrifício no sentido estrito.

a) Muitas vezes, como em Isaías 66.19-20, tem sentido metafórico e significa um sacrifício espiritual, como um presente (**min’ha**) para o Senhor.

Nessa passagem, Malaquias alude aos tempos messiânicos e ao sacrifício em sentido figurado, místico ou tropológico. Refere-se ao culto puramente espiritual que consiste nas orações, nos louvores, nas invocações, na fé, na esperança e caridade como acontece em muitas outras passagens da Bíblia onde a palavra sacrifício não tem o sentido estrito.

No Salmo 51.15-17 se lê: **“Abre, Senhor, os meus lábios e a minha boca manifestará os Teus louvores. Pois não Te comprazes**

em sacrifícios, do contrário eu Tos daria e não Te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado...”

Em Hebreus 13.15-16 encontra-se outro exemplo: **“Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o Seu Nome. Não negligencieis igualmente a prática do bem e a mútua cooperação; pois com tais sacrifícios Deus Se compraz”**.

E Romanos 12.1, Paulo emprega o vocábulo em sentido amplo: **“Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que APRESENTEIS O VOSSO CORPO POR SACRIFÍCIO VIVO, SANTO E AGRADÁVEL A DEUS, que é o vosso culto racional”**.

O sacrifício profetizado por Malaquias, portanto, é esse sacrifício vivo mencionado pelo apóstolo, em contraposição ao sacrifício de animais mortos oferecido em Jerusalém.

Ademais, o **INCENSO** que Malaquias 1.11 releva é figurativo das orações. **“Suba a minha oração”,** clama Davi, **“perante a Tua face como INCENSO, e seja o levantar das minhas mãos como o sacrifício da tarde”** (Salmo 141.2).

João, o prisioneiro de Patmos, contemplou o céu e registrou: **“Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono”** (Apocalipse 8.3).

b) Deus, através de Malaquias, recrimina os sacerdotes levíticos por seus sacrifícios mesquinhos (Malaquias 1.6-14) e, em contraposição ao sacerdócio falido da Velha Dispensação, anuncia o sacerdócio espiritual da Dispensação Evangélica, quando diz: **“Minha aliança com ele foi de vida e de paz; ambas lhe dei Eu para que temesse; com efeito, ele Me temeu, e tremeu por causa do Meu Nome. A verdadeira instrução esteve na sua boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios: andou comigo em paz e em retidão, e da iniquidade apartou a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos”** (Malaquias 2.5-7).

Pedro, em sua Primeira Epístola, vê nos crentes evangélicos, **“como pedras vivas”,** edificadas **“casa espiritual”,** o cumprimento desse vaticínio do **“sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo”** (2.5).

O sacerdócio levítico se extinguiu com o rasgar do véu do Templo no instante da morte de Jesus. Na Dispensação do Evangelho, no

sentido estrito, só existe um Sacerdote Sacrificial, cujo sacrifício é de valor infinito e, por isso, único. O sacerdócio dos crentes é o sacerdócio santo para oferecer sacrifícios espirituais.

c) Jamais o Evangelho pretendeu restaurar o sacerdócio caduco da Velha Dispensação.

Na Dispensação da Igreja são absolutamente alheios os sacerdotes sacrificantes. Em seu lítico contexto, prescindiu-se de qualquer sacrificatura clerocrata.

Em parte alguma a palavra **IEREU**, que quer dizer **sacrificador**, é empregada para os ministros do Evangelho. São eles despenseiros e embaixadores (1ª Coríntios 4.1; 2ª Coríntios 5.20). Nunca sacerdotes sacrificantes!

B) A compreender-se o vocábulo hebraico malaquiano **MIN'HA** no sentido estrito, há de ser-se coerente e tomar-se em sentido igualmente estrito as dimensões geográficas: **“em todo o lugar”**.

a) E virá, em conseqüência lógica, a pergunta: Entre a morte de Cristo e o descobrimento do Continente Americano medeiam 14 séculos bem completos e a promessa durante tanto tempo deixou de cumprir-se em uma parte imensa do orbe?

Antes da descoberta deste Continente aqui não havia sacerdotes cristicidas.

E será que hoje em todas as partes do orbe há sacrificantes de missas?

b) Em Malaquias 1.11 sublinham-se duas expressões que explicam a universalidade do culto perfeito a acontecer na Dispensação da Igreja: **“Desde o nascente do sol até ao poente”** e **“e todo lugar”**.

Contrariando a teologia vaticana que na primeira expressão quer ver a permanência cronológica da celebração da missa em todos os instantes do dia e da noite, **“desde o nascente do sol até ao poente”** metaforiza a extensão da terra como ocorre em outras passagens das Sagradas Escrituras. **“Fala o Poderoso, o Senhor Deus, e chama terra desde o levante até ao poente”** (Salmo 50.1). **“Para que se saiba até ao nascente do sol e até ao poente, que além de Mim não há outro; Eu sou o Senhor e não há outro”** (Isaiás 45.6). **“Temerão, pois, o Nome do Senhor desde o poente, e a Sua glória desde o nascente do sol”** (Isaiás 59.19).

Com aquela expressão, Deus, em Malaquias 1.11, menciona toda a terra, desde o levante até ao poente, opondo a amplitude do mundo à pequena terra de Jerusalém, onde se centralizava o culto.

A expressão **“em todo o lugar”** precisa a frase anterior e exclui uma interpretação hiperbólica.

Jesus, o Mestre, na linha de Malaquias 1.11, postula, em Sua conversa com a samaritana, a universalidade do culto, relevando-lhe com destaque a perfeição: **“Mulher, podes crer-Me, que a hora vem, quando nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai... Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade”** (João 4.21-24).

É evidente, por conseguinte, que Malaquias 1.11 não menciona qualquer sacrifício em sentido estrito a ser celebrado materialmente, sem interrupção, dia e noite, em todos os lugares do orbe.

Alude, sim, ao sacrifício em sentido místico, tropológico, a ser prestado a Deus em qualquer parte da terra (não mais circunscrito à pequena Palestina) e por qualquer pessoa, independentemente de raça, tribo ou nação.

c) Os exegetas e comentaristas católicos *“intra muros”* discutem muito e polemizam acirradamente sobre o sentido das palavras de Malaquias 1.11.

Suas opiniões em extremo discordantes deveriam influenciar os pregadores no sentido de honestizá-los a fim de não mais ilaquear os seus fiéis com a citação deste texto como prova bíblica de se constituir a missa um sacrifício.

d) De resto, a própria conceituação de missa rejeita a noção de sacrifício, que exige a destruição da vítima.

Se **MIN’HA** de Malaquias 1.11 deve ser tomada em sentido estrito, a missa não é, de fato, sacrifício porque nela a vítima não é destruída.

Entre os hebreus havia duas espécies de sacrifícios. Uma consistia na oferta de manjares (pão, óleo, por exemplo). A outra consistia na imolação efetiva de animais, com derramamento de sangue. A estes sacrifícios, sim, vinculava-se a ideia de expiação do pecado.

Estes eram os verdadeiros e genuínos sacrifícios, porquanto neles havia as características essenciais do sacrifício: o derramamento de sangue (a cruentidade) e a resultante morte da vítima. Falta à missa o essencial do sacrifício, isto é, a CRUENTIDADE. Aliás, a própria doutrina romana ensina ser ela incruenta.

Portanto, a missa não é sacrifício!

DOCUMENTAÇÃO:

(1) *“Quoniam in divino hoc sacrificio, quod in missa peragitur, idem ille Christus continetur et incruente immolatur, qui in ara crucis semel ipsum cruenta obtulit...”* (Concílio de Trento, Sess. XXII, cap. 2, D. 940).

“MISSA EST VERUM ET PROPRIAE DICTUM SACRIFICIUM NOVAE LEGIS” (Ad. Tanquerey, *De Sacram.*, p. 524).

(2) “*Si quis dixerit in missa non offerri Deo VERUM et PROPRIUM SACRIFICIUM; aut quod offerri non sit aliud, quam nobis Christum ad manducandum dari; anathema sit*”. “Se alguém disser que na missa não se oferece a Deus um VERDADEIRO E PRÓPRIO SACRIFÍCIO, ou que o que se oferece a Deus nada mais é do que dar a Cristo para ser por nós comido: seja excomungado” (Concílio de Trento, Sess. XXII, cn. 1 – D. 948).

(3) “*Quoniam sub priori Testamento (teste Paulo Apostolo) propter Levitici sacerdotii imbecilitatem consummatio non erat, oportuit (Deo Patre misericordiarum ita ordinante) sacerdotem alium secundum ordinem Melchisedeche (Gn. 14,18; Ps. 109,4; Hebr. 7,11) surgere, Dominum Nostrum Iesum Christum, qui posset omnes, quotquot sanctificandi essent, consummare (Hebr. 10,14) et ad perfectum adducere. Is igitur Deus et Dominus Noster, etsi semel seipsum in ara crucis, morte intercedente, Deo Patri oblaturus erat, ut aeternam illis redemptionem operaretur: quia tamen per mortem sacerdotium eius extinguendum non erat (Hebr. 7, 24 et 27), in cena novíssima, qua nocte tradebatur, ut dilectae sponsae suae. Ecclesiae visibile (sicut hominum natura exigit) relinqueret sacrificium (can. 1), quo cruentum illud semel in cruce peragendum repraesentaretur eiusque memória in finem usque saeculi peraneret (I Cor. 11, 23 sqq.), atque illius salutaris virtus in remissionem eorum, quae a nobis quotidie committuntur, peccatorum applicaretur: sacerdotem secundum ordinem Melchisedech se in aeternum (Os. 109.4) constitutum declarans, corpus et sanguinem suum sub speciebus panis et vini Deo Patri obtulit...*” (Concílio de Trento, Sess. XXII, cap. 1 – D. 938).

(4) “*Et haec quidem illa munda oblatio est, quae nulla indignitate aut malitia offerentium inquinari potest, quam Dominus per Malachiam nomini suo, quod magnum futurum esset in gentibus, in omni loco mundam offerendam praedixit (Mal. 1,11)*” (Concílio de Trento, Sess. XXII, cap. 1 – D. 939).

.oOo.

A MISSA E A CEIA DO SENHOR

O CATOLICISMO, no contexto do seu ritual, persiste em conservar reminiscências do vencido cerimonialismo judaico. Na circuncisão enraíza o seu batismo. Nos gestos dos sacerdotes levíticos busca gestos para a administração de seus sacramentos. Na Páscoa dos hebreus, via Ceia do Senhor, vê a sua missa.

Se a Páscoa israelita consistia na imolação de um cordeiro, asseveram os teólogos católicos, ela foi substituída pela Ceia, quando Cristo, em Sua última Páscoa, a instituiu.

Como resultado, portanto, a Ceia, por ser a primeira missa, se constituiu em sacrifício.

Se a Ceia foi um sacrifício, ao ser instituída antes da cruz, segue-se que os sacrifícios do sacerdócio levítico, além de tipificarem o sacrifício da paixão e morte de Jesus Cristo no Calvário, vaticinava a Ceia.

A identificar a Ceia do Senhor com a missa católica, o Concílio de Trento declara: “Na última Ceia, na própria noite em que fora entregue,... declarando-se constituído eternamente sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, ofereceu a Deus Pai Seu Corpo e Sangue sob as espécies do pão e do vinho e, sob os sinais destes mesmos objetos, os deu a tomar a Seus Apóstolos (que constituía então sacerdotes do Novo Testamento) e lhes ordenou a eles e a seus sucessores no sacerdócio que os oferecessem, por estas palavras: Fazei isto em memória de Mim, conforme a igreja católica sempre entendeu e ensinou” (1).

Três ideias se destacam desta definição tridentina:

- a) A missa é uma reprodução da Ceia;
- b) A mesma Ceia foi um sacrifício;
- c) A missa é, como a Ceia, uma representação real do sacrifício da cruz.

A terceira ideia será mais longamente examinada e rebatida nos capítulos subsequentes.

A) Será, outrossim, a missa uma reprodução da Ceia do Senhor, como quer o Tridentino? Leiam-se as perícopas do registro da instituição do Memorial da morte do Salvador: Mateus 26.26-29; Marcos 14.22-25; Lucas 22.17-20; 1 Coríntios 11.23-26.

Assista-se a uma missa. Solene ou simples Rezada por um sacerdote só ou cocelebrada por doze. Por um bispo, pelo papa ou por um sacerdote comum. Por alma de algum finado ou de festa do “padroeiro”. Numa catedral ou numa humilde capela rural.

Procurem-se as semelhanças. Os pontos de contacto.

Encontrar-se-á algum?

O rito católico celebra-o o sacerdote de pé. Jesus e os apóstolos estavam reclinados segundo o costume.

Traja-se o clérigo com vestes de procedência pagã e não com as roupas semelhantes às de Jesus, então, comumente usadas ou às do costume atual?

A hóstia delgada é de forma redonda como a usada no culto pagão do antigo Egito (cf. Wilkson in *“Los Egipcios”*, Tom. V, pg. 353), enquanto Jesus usou pão ázimo comum para a Páscoa e preparado normalmente pelas famílias hebréias.

Na Ceia ninguém se ajoelhou diante do pão e do cálice. Na missa, genuflexos, os fiéis adoram em culto de latria as espécies “consagradas”.

O vinho empregado era o palestiniiano, mui diferente das misturas alcoolizadas de hoje. Aquela bebida judaica era ingerida em três partes de água e correspondia ao nosso simples suco de uva. E o vinho da missa? Se o celebrante o beber em maior dose, embriaga-se.

A missa vai chegando ao fim. Observe-se! Jesus determinou: **“Bebei dele [do cálice] todos”** (Mateus 26.27). O cálice do rito católico é participado por todos?

Bebe-o o sacerdote. E o povo, na postura passiva dos “desligados”, olha.

A fórmula consagratória é a pronunciada por Jesus na Ceia. E daí? Nos capítulos da primeira parte deste livro concluímos que essa prolação nada significa e nem assemelha a missa à Ceia, precisamente porque a intenção do celebrante católico é oposta à de Jesus quando proferiu aquelas palavras na noite anterior à Sua morte.

B) A segunda idéia apreendida da definição do Concílio de Trento é a da identificação entre a missa e a Ceia porque ambas são sacrifício.

A Ceia, assim quer a teologia vaticana, aparece naquela como sucessão e substituição do banquete pascal: o cordeiro, que os judeus imolavam era o símbolo do autêntico Cordeiro de Deus vindo ao mundo a fim de imolar-se pelos pecados. Antes de ser imolado na cruz de modo cruento, ofereceu-Se na Ceia como uma vítima, uma hóstia votada de antemão à morte. As Suas palavras: **“Isto é o Meu corpo, que por vós é dado”, “este cálice é o Novo Testamento no Meu sangue, que é derramado por vós”** (Lucas 22.19-20) assinalam o Seu estado de vítima, de hóstia.

“Por vós é dado”, “entregue...”, “é derramado por vós”, “que é derramado por muitos, para a remissão dos pecados” (Mateus 26.28).

Os verbos aí estão no presente. Não no futuro. O presente do indicativo significa que se verifica uma ação naquele momento. Por conseguinte, concluem os exegetas católicos, já naquele instante da

prolação das palavras de Jesus na Ceia sobre os elementos de pão e vinho, Ele Se ofereceu como vítima, aceitando com plena liberdade a morte a Lhe ser infligida no dia seguinte. Ele ofereceu dum modo ritual a imolação a ser, no dia imediato, consumada dum modo real e cruento. Então, a Ceia constituiu-se num verdadeiro sacrifício.

O latim é um belo idioma. E nele os teólogos romanos enunciam o seu sofisma: *“Non est dubium, quin his verbis declaretur verum ac proprie dictum sacrificium. Atqui hoc peragitur iam in ipsa Coena. Ergo, ipsa Coena est sacrificium”* (J. Mors, op. cit., pg. 237).

Em nosso vernáculo, o sofisma se traduz: “Não há dúvida de que, por aquelas palavras, declara-se um verdadeiro e próprio sacrifício. Ora, aquelas palavras ocorreram na Ceia. Portanto, a própria Ceia é um sacrifício”.

Este raciocínio da exegese romanista é um sofisma. Um artifício. E como sofisma incoerente com um sofisma anterior.

Quanto aos verbos postos no presente, lá no texto de Malaquias 1.11, no capítulo anterior examinado, os exegetas vaticanos afirmam equivalerem ao futuro porque é próprio da índole dos profetas escreverem coisas do futuro como se estivessem vendo no presente deles.

Ora, aqui, quando Jesus Se refere a um fato futuro, pois ocorreria no dia seguinte àquele momento pascal, o presente do indicativo é presente mesmo a revelar uma ação a ocorrer no mesmo instante de pronunciar aquelas expressões.

Essa incoerência da sofismática romana força-nos a admitir a insinceridade dessa teologia também quando deseja ver na Ceia do Senhor um sacrifício.

O cálice do sangue ao qual aludiu Jesus Cristo na Ceia não se pode aplicar literalmente à cena do Gólgota. Literalmente, era vinho de uso daquela Ceia.

E repisamos a tecla: para que haja verdadeiro sacrifício é imprescindível que a vítima seja aniquilada. Para que a Ceia fosse, de fato, sacrifício de Cristo deveria deixar-Se aniquilar no próprio instante de proferir as palavras “consecratórias”.

Ao determinar a repetição da Ceia como lembrança da Sua morte, **“faça isto em MEMÓRIA de Mim”** (Lucas 22.19), evidentemente declarou não constituir-se a Ceia em sacrifício.

Se é MEMÓRIA, lembrança, não é um verdadeiro e real sacrifício.

A Ceia do Senhor é, sim, na conformidade evidente de Suas claras palavras, a MEMÓRIA da Sua morte que os crentes evangélicos, com piedade e devoção, celebram.

DOCUMENTAÇÃO:

(1) *“In coena novíssima, qua nocte tradebatur... sacerdotem secundum ordinem Melchisedech se in aeternum constitutum declarans, corpus et sanguinem suum sub speciebus panis et vini Deo Patri obtulit ac sub earundem rerum symbolis Apostolis (quos tunc Novi Testamenti sacerdotes constituēbat), ut sumerent, tradidit, et eisdem eorumque in sacerdotio successoribus, ut offerrent, praecipit per haec verba: ‘Hoc facite in meam commemorationem’, uti semper catholica ecclesia intellexit et docuit”* (Concílio de Trento, Sess. XXII, cap. 1 – D. 938).

.oOo.

A MISSA E O CALVÁRIO

O TEÓLOGO VATICANO, perfilado sobre os sapatos e de frente alçada, do alto da ribalta eucaristiolátrica, exclama: Cristo dá o Seu Corpo PARA os fiéis como SACRAMENTO e PELOS fiéis como SACRIFÍCIO.

Ao examinarmos na primeira parte deste livro a eucaristia como sacramento estudamos e pulverizamos a fantasmagoria da presença real causada pela mais fantasmagórica transubstanciação.

No momento culminante da missa, a “CONSAGAÇÃO”, quando o celebrante sobre as espécies pronuncia as palavras mágicas, aqueles elementos materiais se convertem em Corpo, Sangue, Alma, Nervos, Ossos, Unhas, Cabelos, Inteligência, Memória, Vontade e Divindade de Cristo.

Num zás o pão deixa de ser pão e o vinho de ser vinho e tudo se converte em Jesus Cristo. Hostializa-se Cristo!

Sob as espécies-fantasmas, porque perderam sua realidade, sua individualidade e sua substancialidade naturais e próprias, “está Cristo completo, presente na Sua REALIDADE FÍSICA, mesmo CORPORALMENTE”, brada o pontífice reinante, Paulo VI (*Mysterium Fidei*, § 46).

Resultante dessa presença física de Cristo, dá-se o sacrifício da missa (1).

No decurso de muitos séculos, os teólogos romanistas disputaram sobre em que consista a essência da missa como sacrifício.

Pio XII, em sua encíclica *Mediator Dei (Acta Apostolicis Sedis, 1947, p. 563)*, dirimiu a velha questão ao dogmatizar que ela acontece no instante da “consagração” pela separação das duas espécies (2).

Para o Concílio de Trento, a conclusão se impõe: o sacrifício da missa é o mesmo que foi realizado por Cristo na cruz, em face da identidade numérica de sacerdote e vítima.

Uma e a mesma vítima, o mesmo que outrora se ofereceu na cruz, é quem a oferece agora pelo ministério dos sacerdotes variando apenas a maneira de oferecer-se” (*eademque est hostia, idem nunc offerens sacerdotum ministerio, qui seipsum tunc in cruce obtulit sola offerendi ratione diversa*) (Concílio de Trento, Sess. XXII, cap. 2 – D. 940).

Missa e Calvário são idênticos. A única vítima de ambos é a mesma. O único sacerdote sacrífice é o mesmo (3).

A vítima única é o próprio Cristo que Se oferece na cruz e Se oferece em todas as missas. Em contínuo estado de vítima diante do Pai, no sacrifício celeste, ao vir, pela transubstanciação, ao altar é a vítima divina da missa. As palavras da “consagração” trazem sobre o altar um Cristo realmente imolado!

A fórmula consecratória O pôs sob o véu das espécies. Ali está com as mesmas disposições que na cruz. Ali adora o eterno Pai, confessando, como Homem, a Sua total dependência para com Ele, pedindo perdão do pecado, e disposto ainda a ser obediente até a morte de cruz.

O sacerdote, no sentido literal e pleno da palavra, como oferente principal, o sacrificador, também é único e é o próprio Jesus Cristo, segundo a natureza humana (4).

O sacerdote humano, o chamado padre, é, na celebração do sacrifício da missa, o vigário de Cristo. Ele faz as vezes de Cristo ao sacrificar a vítima. Ele é o sacrificante visível do sacerdote invisível, que é Jesus Cristo. Cristógero é, outrossim, cristicida!

Pelo ministério dos sacerdotes, Cristo Se imola na missa.

No sacrifício eucarístico, Cristo é o sacerdote principal de modo idêntico como o foi no sacrifício da cruz, cuja vítima, Jesus Cristo, Se ressacrifica na eucaristia tantas vezes quantas os sacerdotes humanos rezarem a missa. Em cada missa há um cristicídio.

Aquele clérigo plantado em cima dos sapatos psicodélicos e andrógenos, alçada a cabeça coberta de vasta, comprida e tumultuada cabeleira, brama: quando virdes o padre a oferecer o sacrifício da missa não o considereis o celebrante, mas é Cristo que o faz de modo invisível.

A atuação do sacerdote humano é a de, pela sua palavra, trazer sobre o altar Jesus Cristo. Escondido Este sob as aparências das espécies sacramentais, é Ele o sacerdote principal e a vítima ao mesmo tempo. *“IDEM EST SACERDOS ET HOSTIA”*.

Vítima é sinônimo de hóstia. Por isso a obréia se dá nome de hóstia. Se ela é o próprio Cristo, Cristo vítima, então é a hóstia.

Em sendo único e o mesmo sacerdote e também a única e a mesma vítima, Jesus Cristo, na cruz e na missa, o sacrifício eucarístico se identifica com o da cruz.

E quem recusar submeter-se à definição dogmática do Concílio de Trento será excomungado e amaldiçoado: “Se alguém disser que o sacrifício da missa é somente de louvor e de ação de graças ou mera comemoração do sacrifício da cruz...: seja excomungado” (5).

Submeter-nos-emos aos inócuos anátemas romanistas e lucraremos, em troca, as bênçãos da Verdade.

Contraporemos a Verdade ao enfatuado Tomás de Aquino, que assevera com a sua habitual empáfia de plagiador aristotélico: *“Eucharistia est sacramentum perfectum dominicae passionis continens in se ipsum Christum passum”* (A eucaristia é o sacramento perfeito da paixão do Senhor por conter o próprio Cristo padecente”) (*Summa Theol.*, P. III, q. 75, a. 6, ad 1). *“Proprium est huic sacramento quod in eius celebratione Christus immoletur”* (“É próprio desse sacramento que na sua celebração Cristo seja imolado” (op. cit., P. III, q. 83, in respondeo) (6).

É o Cristo de Tomás de Aquino, o arquiteólogo vaticano. É o Cristo do catolicismo. Cristo padecente. Cristo em estado de vítima. Cristo morto!!!

Preferimos a Verdade estupenda, magnífica, do Cristo vivo. Aleluia!

Exclamamos em êxtase diante de Cristo ressuscitado: “Sei que o meu Redentor vive”!!!

“HAVENDO CRISTO RESSUSCITADO DENTRE OS MORTOS, JÁ NÃO MORRE: A MORTE JÁ NÃO TEM DOMÍNIO SOBRE ELE” (Romanos 6.9).

A João, o vidente de Patmos, apareceu o Senhor no esplendor da Sua glória e Se identificou: **“Eu sou o primeiro e o último, e AQUELE QUE VIVE; estive morto, mas eis que ESTOU VIVO PELOS SÉCULOS DOS SÉCULOS”** (Apocalipse 1.17-18).

Ele, Jesus Cristo, está vivo e vivo para sempre (Apocalipse 4.9; 5.13).

Impassível, Ele está glorificado nos céus, onde João O contemplou cercado de milhares, milhões e milhões de adoradores a clamar: **“Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza,**

e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor... Àquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos” (Apocalipse 5.12-13).

Aceitar-se a missa como sendo o mesmo sacrifício do Calvário é supor-se um Cristo em condições de padecer e morrer continuamente. (“*Proprium est huic sacramento quod in eius celebratione Christus IMMOLETUR*”, afirma Aquino). A conclusão é rejeitada pelas Santas Escrituras, que proclamam, com os termos mais exaltados, estar Jesus Cristo vivo. E vivo para todo o sempre.

Se o sacrifício da missa é a contra-Verdade de Cristo ressuscitado e glorioso é, outrossim, a contra-Razão.

Com efeito, a dogmática romana identifica a missa com o Calvário, valendo-se da expressão “*unum idemque*”, “um e o mesmo” – a mais enérgica, a mais incisiva para exprimir a idéia de identidade absoluta. Não se trata, segundo a teologia clerical, de outro sacrifício. Nem de semelhante. Nem de uma encenação. Nem de um memorial.

Trata-se do mesmíssimo sacrifício – “*unum idemque*” = “um e o mesmo” – que Jesus Cristo ofereceu na cruz.

Entretanto, o sacrifício do Gólgota se deu há quase 20 séculos. E o da missa ocorre em nossos dias.

Um se ofereceu no Calvário e a missa se celebra sobre altares de madeira, de pedra, de tijolos, e mármore; altares recobertos de toalhas, enfeitados com flores.

O sacrifício da cruz foi oferecido pelo próprio Cristo, em Pessoa, e o da missa por sacerdotes humanos.

O primeiro foi cruento. E o da missa é incruento

No Calvário, por haver sido sacrificado de verdade, morreu a vítima; na missa é impossível Cristo morrer.

Existem, por conseguinte, entre o Calvário e a missa diferenças profundas de tempo, de lugar, de agentes, de substância e de forma. E, diante dessas diferenças, como dizer-se que a missa é um sacrifício idêntico – “*unum idemque*” = “um e o mesmo” – ao do Calvário?

A assertiva quanto à identidade da missa com o Calvário é ilógica, aberrante e desacreditada por se achar em flagrante conflito com a Verdade objetiva do Cristo ressuscitado, impassível, porque a morte não tem mais domínio sobre Ele!

DOCUMENTAÇÃO:

1) “*Essentia missae ut veri sacrificii in sola utriusque speciei, consecratione consistit*”. “A essência da missa, como verdadeiro sacrifício, consiste só na consagração de ambas espécies” (J. Mors, op. cit., p. 264).

(2) “Nunca se deixe de advertir que o sacrifício eucarístico é, pela sua mesma natureza, a imolação incruenta da vítima divina, que fica patente pela separação das sagradas espécies e pela oblação das mesmas feita ao Eterno Pai” (Pio XII, *Mediator Dei*, 1947, in *Acta Apostolicis Sedis*).

(3) “No diapasão tridentino, pois Roma é sempre a mesma, a Instrução *Eucharisticum Mysterium*, produto das resoluções do Concílio Ecumênico Vaticano II, afirma: “Na missa, Cristo, perpetuando-Se de modo incruento pelos séculos o sacrifício consumado na cruz, a Si mesmo Se oferece ao Pai, através do ministério dos sacerdotes, para a salvação do mundo” (§ 3 c.).

(4) “*Idem ipse sacerdos est sacrificium Iesus Christus, cuius corpus et sanguis in sacramento altaris sub speciebus panis et vinis veraciter continentur*”. (“O mesmo sacrifício é o próprio Jesus Cristo, cujo corpo e cujo sangue encontram-se verazmente no sacramento do altar sob as espécies do pão e do vinho” (Concílio Ecumênico IV de Latrão, cap. 1 – D. 430).

(5) “*Si quis dixerit, missae sacrificium tantum esse laudis et gratiarum actiones, aut nudam commemorationem sacrificii in cruce peracti...: anathema sit*” (Concílio de Trento, Sess. XXII, cn. 3 – D. 950).

(6) “*Sacrificia Veteris Legis illud verum sacrificium passionis Christi continebant solum in figura... Et ideo oportuit ut aliquid plus haberet sacrificium Novae Legis a Christo institutum, ut scilicet contineret ipsum Christum passum, non solum in significatione, sed etiam in rei veritate*”. “Os sacrifícios da Antiga Lei continham apenas em figura o verdadeiro sacrifício da paixão de Cristo... Tornou-se oportuno, todavia, que o sacrifício da Nova Lei, por Cristo instituído, tivesse algo mais, isto é, que contivesse o próprio Cristo PADECENTE, não apenas como significação, mas na realidade objetiva” (T. Aquino, op. cit., P. III, q. 75, a. 1, ad. 4).

.oOo.

O CALVÁRIO NO ALTAR DA MISSA DOCTRINA CATÓLICA

A EXPRESSAR A IGUALDADE do sacrifício eucarístico, apesar das diferenças profundas de tempo, de lugar, de agente, de forma e de essência, com o Calvário, a teologia romana recorre a vários vocábulos. Assegura que a missa **REPETE, REPRESENTA, RENOVA, PROLONGA, ATUALIZA** o sacrifício de Cristo na cruz.

Por isso, como o sacrifício da cruz, a missa é, em si mesma, de **VALOR INFINITO**.

A eucaristia, obstina o arrazoado sofista, é o prolongamento do Calvário porque, pela “consagração”, se repete, se representa, se renova o sacrifício de Cristo. Prolonga-se. Atualiza-se.

No Gólgota, Jesus Cristo consumou uma única vez o sacrifício que, através dos séculos, pela missa, vai sendo sempre atualizado. Não são sacrifícios distintos, diversos, diferentes. São idênticos porque a eucaristia prolonga e sempre atualiza até ao fim do mundo aquele primeiro.

No intento de demonstrar a igualdade preconizada pela dogmática dos dois sacrifícios, o da cruz e o da missa, os teólogos se expressam com os vocábulos acima enunciados a cujo respeito favoreceremos sucintas explicações à luz da doutrina vaticana.

O sacrifício eucarístico **REPETE**, toda vez que é celebrado, o sacrifício da cruz.

O enunciado poderá implicar em contradição, pois, se ambos se identificam, “*unum idemque*” = “um e o mesmo” – como a missa pode repetir a cruz?

Procuram explicar os teólogos.

A identidade é substancial. De ordem. A vítima e o sacerdote principal são o mesmo Cristo. “Uma e a mesma é a vítima e Aquele que Se oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que, outrora, Se ofereceu na cruz” (Concílio de Trento, Sess. XXII, cap. 2 – D. 940).

Há, contudo, diferença REAL de NÚMERO e de ESPÉCIE. “*Sacrificium crucis et missae sunt duo sacrificia distincta et completa*”. “O sacrifício da cruz e o da missa são dois sacrifícios distintos e completos” (J. Mors, op. cit., p. 264).

A diferença numérica ocorre porque, com a multiplicação das missas, multiplicam-se as oblações.

E a diferença específica porque na cruz Cristo Se oferece por uma ação cruenta e no altar pela “consagração”, ou seja, por uma ação incruenta, de índole diversa.

Por conseguinte, a missa se constitui na REPETIÇÃO do sacrifício da cruz.

REPETIR é sinônimo de RENOVAR.

Neste sentido, pois, a dogmática romanista aprecia, em seu Tratado *De Eucharistia*, o emprego do verbo RENOVAR.

A seguir deste capítulo o leitor lerá afirmações pontificias deste teor (1).

Pelo fato de REPETIR e RENOVAR, a missa REPRESENTA o sacrifício do Calvário. O sacrifício da missa é essencialmente REPRESENTATIVO do sacrifício da cruz. *“Ita altare est REPRESENTATIVA passionis Christi crucis ipsius in qua Christus in propria specie immolatus est”* (T. Aquino, op. cit., P. III, q. 83, a. 1, ad 2).

O teólogo de pés plantados nos sapatos e de fronte de vasta e esvoaçante cabeleira surge defronte do pano de boca do seu teatro a nos impingir catequese.

Na missa oferece-se um sacrifício propriamente dito, conforme a exposição católica. Portanto, a missa não se reduz a um símbolo, ou figura, ou comemoração de algum sacrifício passado. Tendo ela, em si, todos os elementos essenciais do verdadeiro sacrifício, então, é um sacrifício absoluto. É, outrossim, um sacrifício relativo porque, por uma relação essencial, se refere ao sacrifício cruento da cruz.

E, em consequência, dessa relação essencial, a missa REPRESENTA o Calvário.

Essa relação não consiste numa mera lembrança subjetiva da paixão e morte de Cristo, como querem alguns evangélicos, insiste o teólogo católico.

Essa relação consiste, sim, o fato de que a missa em si, de sua própria natureza e pelo modo de ser oferecida, constitui-se em REPRESENTAÇÃO real e objetiva e também instauração e renovação (2).

Esclareça-se, outrossim, o sentido do vocábulo REPRESENTAR no contexto da teologia vaticana.

Representar não é encenar, como se faz com as peças teatrais. Não é fingir. Não é um “faz de conta”. Não é ir alguém em lugar de outro.

Não se trata na eucaristia desta representação vácuca, inane ou de uma excitante recordação meramente subjetiva do Calvário.

A missalogia ou teologia da missa entende o termo REPRESENTAR no seu sentido lítico, puro, legítimo, primitivo. Então, **REPRESENTAR significa APRESENTAR DE NOVO, TORNAR PRESENTE DE NOVO.**

Nesse caso, a missa TORNA DE NOVO PRESENTE o sacrifício da cruz. Ela o faz PRESENTE OUTRA VEZ. *“Iterum PRAESENS fit”*.

O aretólogo romano e “doutor angélico” Tomás de Aquino, em sua *Summa Theologica* (P. II, q. 79, a. 7, *in respondeo*), oferece essa explicação do verbo representar usado na eucaristologia.

A eucaristia representa o sacrificio da cruz por ser o “sacramento perfeito da paixão do Senhor de vez que contém o próprio Cristo padecente” (3).

Na estrutura eucarística, portanto, REPETIR ou RENOVAR implica em REPRESENTAR a presença de uma coisa ou de alguém.

Pode-se, de fato, fazer presente uma coisa de duas maneiras: enquanto é apresentada sob algum sinal, símbolo, figura ou imagem (a bandeira de um país, por exemplo) ou enquanto a mesma coisa em si própria se faz de novo presente.

No primeiro sentido, uma coisa é representação de outra na condição de seu símbolo, sinal ou figura como os sacrificios do Antigo Testamento eram representativos do sacrificio da cruz.

No segundo sentido, contudo, a representação é mais estrita e completa, posto que sob o sinal que significa a coisa contém-se a própria coisa.

Com efeito, prossegue o teólogo romanista, a missa é o sacrificio comemorativo ou memorativo do sacrificio da cruz porque e celebrada com as espécies eucarísticas.

Sob os acidentes, as aparências, os sinais, as figuras do pão e do vinho “está Cristo completo, presente na Sua realidade física, mesmo corporalmente” (Paulo VI, em *Mysterium Fidei*, § 46).

Por causa dos acidente do pão e do vinho que, aos nossos olhos, encobrem a realidade, o sacrificio da missa se diz comemorativo: **“Fazei isto em memória...”**.

Em resultado, porém, da presença corporal, real, de Cristo sob as espécies sacramentais, a missa é um sacrificio, em sua própria essência, REPRESENTATIVO do sacrificio da cruz pelo fato de TORNÁ-LO OUTRA VEZ PRESENTE (*“iterum PRAESENS fit”*) ou REPETI-LO. É uma representação viva, plena, objetiva, contendo Jesus Cristo, a hóstia da paixão nas espécies do pão e de vinho distintas e separadas que expressam realmente a morte (cf. Hoffmann, em *De Sacrif. Missae iusta S. Thom.*: Aug., abr., 1938).

Com efeito, as palavras da “consagração”, pondo de um lado o corpo de Cristo sob as aparências do pão e do outro lado o Seu sangue sob os acidentes do vinho, REPRESENTAM de maneira real e objetiva a imolação do Gólgota (4).

REPRESENTAR é, por conseguinte, apresentar outra vez a vítima, embora sob diferente vitimação, a incruenta.

Elucidado o sentido de REPRESENTAR no contexto eucarístico romanista, será de todo conveniente a leitura de algumas declarações

dogmáticas e oficiais dos supremos hierarcas vaticanos. Enfileiramo-las no final deste capítulo para onde reportamos o leitor (5).

A sintetizar o pensamento do moderno e atualizado catolicismo pós-Concílio Ecumênico Vaticano II, o pontífice Paulo VI escreve: “Convém recordar primeiramente aquilo que é, por assim dizer, a síntese e o ponto mais sublime desta doutrina: que no mistério eucarístico é REPRESENTADO de modo admirável o sacrifício da cruz” (*Mysterium Fidei*, § 27).

De certa feita, pregando numa cidade do interior paranaense, recebi a visita de pessoas gradas da sociedade local. Destacava-se, pela sua loquacidade, a esposa do promotor público. Discorria-se sobre as modificações promovidas no seio do catolicismo pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Observávamos serem apenas acidentais e superficiais essas mudanças e notávamos a permanência de todas as doutrinas e dogmas. Surgiu à baila, com exemplo, a missa. Sofreu ela apenas modificações acidentais no rito de sua celebração, que, em nada, afetaram sua estrutura doutrinal. O catolicismo persiste em crer na missa como a continuação do próprio sacrifício do Calvário.

A loquaz madame do defensor do ministério público se exaltou. Dizia-se de dentro da “igreja”, participe das atividades da sua paróquia, preletora nos encontros de noivos, cursilista, enfim, o máximo atualizada nos assuntos de sua seita católica.

- Em absoluto! Hoje – alegava ela – nós cremos na missa como simples símbolo da paixão e morte de Cristo. O papa mudou tudo. Não existe mais essa história de que a missa é a renovação ou repetição da morte de Cristo ou que ela perpetua o sacrifício da cruz.

Apanhei a encíclica *Mysterium Fidei* do papa Montini, Paulo VI, e no § 4, li: “Os padres do Concílio, CONFIRMANDO a doutrina sempre defendida e ensinada pela igreja e DEFINIDA SOLENEMENTE PELO CONCÍLIO DE TRENTO, julgaram dever iniciar a matéria do sacrossanto mistério eucarístico por esta síntese de verdades: o nosso Salvador, na última Ceia, na noite em que foi traído, instituiu o sacrifício eucarístico do Seu corpo e do Seu sangue, PARA PERPETUAR O SACRIFÍCIO DA CRUZ pelos séculos afora...”.

É isso! O catolicismo, também quanto à sua doutrina eucarística, continua inalterado.

Se a missa, também no cenário da atual teologia pós-Concílio Ecumênico Vaticano II, REPETE, RENOVA indefinidamente o sacrifício do Calvário, REPRESENTANDO-O sob as espécies de pão e de vinho transubstanciadas em Cristo todo, ela, a missa, ATUALIZA, PROLONGANDO e PERPETUANDO aquele mesmo holocausto da cruz.

A missa, é a pretensão vaticana, transpõe para o momento atual o Gólgota.

Cristo completo, presente em Sua realidade corporal, sob os véus eucarísticos em espécies distintas e separadas de pão e de vinho, pela fórmula da “consagração”, sobre o altar Se coloca em estado de vítima, de hóstia. Torna-se assim ATUAL o mesmo sacrificio de outrora.

O teólogo romano pós-Vaticano II, aquele “aggiornado” de cabeleira amarfanhada, assegura: Da maneira pela qual Cristo Se encontra presente em milhões de hóstias em muitos pontos do globo terrestre, de igual maneira ATUALIZA milhares e milhões de vezes o Seu ÚNICO sacrificio!!!

ATUALIZANDO-SE indefinidamente em cada missa celebrada, o sacrificio da cruz PROLONGA-SE ou PERPETUA-SE história em fora (6).

Em sendo o sacrificio da missa a REPETIÇÃO, a REPRESENTAÇÃO, a RENOVAÇÃO, a ATUALIZAÇÃO, o PROLONGAMENTO e a PERPETUAÇÃO do sacrificio da cruz, e sendo a missa tudo isso, segue-se que ela é, em si mesma, de VALOR INFINITO.

De valor infinito INTENSIVA E EXTENSIVAMENTE.

Intensivamente porque redime em absoluta profundidade qualquer pecado por maior que seja. **Extensivamente** porque seu poder redidor atinge todos os pecados por maior que seja a quantidade deles.

Inere-lhe este valor em razão de ser Jesus Cristo a vítima, a hóstia e o sacerdote na celebração da missa (7).

A EXALTAÇÃO DO SACRIFÍCIO REMIDOR DE JESUS CRISTO

Empenha-se a teologia católica num grande e gigantesco esforço para erguer a sua descomunal eucaristiática. Esgueira-se em subterfúgios e enreda-se por labirintos de sofismas encapuçados sob grandiloqüente palanfrório... Tanto esforço para escapar da luminosa e simples Verdade do Evangelho. Tanto papel, tanta tinta, tanta gente e tanto tempo mal empregados. Inúteis anseios e baldadas energias por uma intrincada missalogia, que, confrontada com as Sagradas Escrituras, se dilui e se dissipa como se dissipam as sombras à luz do sol radioso.

A) Com cerca de 700 anos de antecipação, Isaías já contemplava Jesus Cristo, o Servo sofredor, na infinitude e na unicidade de Sua

missão salvadora: **“Certamente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre Si; e nós O reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas Ele foi transpassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados.**

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, Ele não abriu a Sua boca.

Por juízo opressor foi arrebatado, e de Sua linhagem quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do Meu povo foi Ele ferido. Designaram-Lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na Sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum de achou em Sua boca.

Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-O enfermar; quando der Ele a Sua alma como oferta pelo pecado, verá a Sua posteridade e prolongará os Seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas Suas mãos. Ele verá o fruto do penoso trabalho de Sua alma, e ficará satisfeito; o Meu Servo, o Justo, com o Seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre Si. Por isso Eu Lhe darei muitos como a Sua parte e com os poderosos repartirá Ele o despojo, porquanto derramou a Sua alma na morte; foi contado com os transgressores, contudo levou sobre Si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu” (Isaías 53.4-12).

No tempo do profeta, o povo hebreu, ao cumprir determinações divinas, oferecia sacrificios cruentos. Repetiam-se estes holocaustos a cruentar milhares e milhares de hóstias em consequência de sua insuficiência e com o objetivo de chamar a atenção para o magno sacrifício da cruz, do qual eram sombras, figuras, tipos.

O apóstolo Pedro viu em Cristo o cumprimento da profecia de Isaías quando, em sua Primeira Epístola, escreveu: **“Carregando Ele mesmo em Seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por Suas chagas fostes sarados”** (2.24).

O próprio Jesus Cristo, de resto, apresentou-Se como ÚNICO e EXCLUSIVO ao declarar: **“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim”** (João 14.6) e **“Eu sou a porta. Se alguém entrar por Mim, será salvo”** (João 10.9).

Proclama-O Pedro ÚNICO e TODO-SUFICIENTE perante o supremo sinédrio jerosolimitano: **“E não há salvação em nenhum outro [a não ser em Jesus]; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”** (Atos 4.12).

Ele é ÚNICO e TODO-SUFICIENTE porque a Sua Obra redentora é, em si mesma, TODO-EFICIENTE. É de VALOR INFINITO.

B) De valor infinito, é IRREPETÍVEL ou IRRENOVÁVEL.

Obra infinitamente perfeita, completa, definitiva, recusa, dispensa, por absolutamente prescindíveis, quaisquer complementações, retoques ou auxílios humanos.

A IRREPITIBILIDADE ou a IRRENOVABILIDADE do sacrifício de Cristo é absoluta e reconhecida pelas Escrituras em Hebreus 9.24-28: **“Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, mas no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus; nem ainda para Se oferecer a Si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio. Ora, neste caso, seria necessário que Ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, Se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de Si mesmo o pecado.**

E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo, assim, também Cristo, tendo-Se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação”.

No Antigo Testamento as prescrições levíticas estabeleciam que o sumo sacerdote entrasse, para oferecer sacrifícios, no santuário muitas vezes.

Por quê?

Por causa da insuficiência daqueles sacrifícios, que eram sombra e tipo do verdadeiro e definitivo sacrifício, que é o de Jesus Cristo, consumado na cruz.

Tendo Jesus Cristo consumado no Calvário – **“TUDO ESTÁ CONSUMADO”** (João 19.30), exclamou Ele ao expirar – tendo Jesus Cristo consumado a Obra definitiva da redenção, entrou no céu, de que era figura o antigo santuário feito por mãos.

“O essencial das cousas que temos dito, é que possuímos tal sumo sacerdote, que Se assentou à destra do trono da Majestade nos céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” (Hebreus 8.1-2).

Basear-se no exemplo dos holocaustos da Velha Dispensação, como quer a teologia romana, é incorrer numa retroação do tempo, além da rejeição da absolutidade do Calvário.

C) A teologia vaticana, implicitamente, nega, outrossim, o céu, pois, se a missa repetisse o sacrifício da cruz, Cristo teria entrado, como o sumo sacerdote do Antigo Testamento, num santuário defectível.

A missalogia nega, em última análise, a própria Divindade de Cristo de vez que, se o Seu sacrifício precisasse ser repetido ou renovado, por não ser de valor infinito, Cristo não seria Deus. Se Ele padeceu como homem, como Deus, porém, elevou o Seu sacrifício à infinitude.

À luz da doutrinação sobre a missa, que cobiça, em cada vez que é celebrada, repetir ou representar o sacrifício do Calvário, significa que ela admite a insuficiência deste, porquanto só é passível de repetição ou renovação aquilo que é insuficiente.

Por ser insuficiente o meu passo de abarcar uma distância de 100 metros, é que preciso repeti-lo 120 ou 150 vezes.

O sacrifício de Cristo é TODO-SUFICIENTE por ser TODO-EFICIENTE e de VALOR INFINITO que efetuou, por Seu próprio sangue, uma ETERNA REDENÇÃO, jamais conseguida pelo sangue de bodes e bezerras (Hebreus 9.12).

D) De conformidade, aliás, com a sofismática romanista, ocorre diferença real de número e espécie nas missas. Com efeito, cada missa se constitui numa cerimônia distinta e separada. Cada uma tem princípio e fim. Entre uma e outra há, por conseguinte, um hiato de tempo. Cada cerimônia eucarística é completa em si mesma.

As missas são celebradas em horários diferentes. Em dias diversos. Em paróquias e países diversos, por sacerdotes diferentes e na presença de assistências diversas. Segundo a solenidade ou aplicação, o celebrante usa paramentos de cores diferentes. Uma é simplesmente rezada e outra cantada. Há as concelebradas. Umas são de devoção, outras de preceito.

São tão variadas como os sacrifícios do Antigo Testamento. Ou melhor, são mais variadas que aqueles sacrifícios que eram efetuados só no Templo de Jerusalém, num só local, e destituídos das inúmeras variações próprias das missas.

À vista de tantas diferenças e distinções das missas – diferenças reconhecidas pelo romanismo –, a lógica nos leva à inevitável e inarredável conclusão de que a missa não pode, em absoluto, constituir-se em prolongamento ou perpetuação do sacrifício da cruz.

Pelo fato de ser repetida, demonstra a sua insuficiência em si mesma e a sua incapacidade de prolongar o sacrifício da cruz.

A Bíblia e a Razão recusam a identidade entre a missa e o Calvário.

Se a missa se identificasse com o Calvário seria ela tão preciosa quanto este.

E, se tão preciosa, se de tão valor infinito, bastaria uma só e exclusiva missa celebrada por um só e único sacerdote.

Se a missa é uma blasfêmia assacada contra o sangue TODO-SUFICIENTE porque TODO-EFICIENTE de Cristo, é, outrossim, contraditória em si própria.

E) Por se supor colocar Cristo em estado de vítima sob as espécies sacramentais é, ainda, um escárnio a Jesus Cristo ressuscitado, vivo no céu, o glorioso santuário eterno.

A Bíblia recusa fé cega. Nada mais razoável e consentâneo com a Inteligência do homem do que as suas revelações.

Ressuscitado, Cristo tornou-Se impassível, é a conclusão lógica a que chega o raciocínio, preconizada, aliás, por Paulo Apóstolo: **“Sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre Ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus”** (Romanos 6.9-10).

Haverá possibilidade de maior clareza para se aniquilar o sofisma, a hedionda heresia romanista de um sacrificio repetível, renovável?

Como se poderá pretender, ao lume desta claríssima palavra de Paulo, o Apóstolo inspirado por Deus ao escrever estes dois versículos, como se poderá pretender submeter Jesus Cristo ao sacrificio sobre os altares, todos os dias, por milhares e milhares de clérigos?

A missa, ao querer ressacificar Cristo, trazendo-O da glória celeste, onde Se encontra, para encerrá-LO corporalmente sob as espécies sacramentais, um milhão de vezes cada dia, a missa é tamanho absurdo que só o concebê-la raia à insanidade. Portanto, raia aos paroxismos da demência a assertiva herética de Tomás de Aquino: **“Proprium est huic sacramento quod in eius celebratione CHRISTUS IMMOLETUR”**. “É próprio da celebração desse sacramento que CRISTO SEJA IMOLADO” (op. cit., P. III, q. 79, a. 4, ad 3).

O Apóstolo jamais supôs a possibilidade remotíssima sequer de que alguém, algum dia, pudesse engendrar tão descomunal fantasmagoria. Com clareza, ao registrar a instituição da Ceia **Memorial** da morte do Salvador, destaca Sua gloriosa estada no céu.

“O Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o Meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de Mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no Meu sangue; fazei isto, todas as vezes

que o beberdes, em memória de Mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, ANUNCIAIS A MORTE DO SENHOR, ATÉ QUE ELE VENHA” (1ª Coríntios 11.23-26).

“ATÉ QUE ELE VENHA”!

Até que Ele venha de onde?

De onde Se encontra atualmente Jesus!

E onde Se encontra Ele?

No céu! VIVO! IMPASSÍVEL!!!

Senhor Tomás de Aquino, Jesus Cristo está VIVO. IMPASSÍVEL! A sua afirmação mefistofélica de que na missa Ele Se encontra SOFRENDO, PADECENTE, não em figura, mas na realidade do vocábulo, é falsíssima. *“Sacrificium Novae Legis a Christo institutum, ut scilicet contineret ipsum Christum PASSUM, non solum in significatione, sed etiam in rei veritate”* (op. cit., P. III, q. 75, art. 1, in respondeo).

A morte não tem mais domínio sobre Ele!

A Ceia, ao ser, por decreto de Jesus, celebrada pelos Seus discípulos, não pode, em absoluto, constituir-se em sacrifício. É uma simbólica comemoração. Sob os elementos do pão e do vinho, Ele não Se encontra sofrendo. Esses elementos não O contêm espiritualmente.

Se Jesus está, com o Seu corpo glorioso, impassível, espiritualizado, no céu – é evidente – Ele, em corpo, está ausente desta terra. Por isso, aliás, na celebração da Ceia anuncia-se que Ele voltará no fim do mundo : **“ATÉ QUE ELE VENHA”**.

Como se pode, portanto dizer que, ao se fazer a MEMÓRIA, COMEMORAÇÃO da morte de Cristo, e ANUNCIANDO-SE que Ele virá à terra, sacrificar o mesmo Jesus corporalmente presente, ou seja, já vindo à terra?

DOCUMENTAÇÃO:

(1) Leão XIII, em sua encíclica *Mirae Caritatis*, observa: “Na eucaristia, de modo admirável, se RENOVA o supremo sacrifício do Calvário”. *“In eucharistia supremum in Calvária sacrificium admirabili modo RENOVATUR... Hanc ipsam virtutem... voluit Christus integram permanere in eucharistia, quae mortis ipsius non ianis quaedam nudaque commemoratio, sed vera et mirabilis, quamquam incruenta et mystica, RENOVATIO est”*.

O papa Achilles Ratti (Pio XI) emprega o mesmo verbo para esse assunto em sua encíclica *Miserentissimus Redemptor*: “É preciso que sempre recordemos que toda a virtude da expiação depende do único sacrifício cruento de Cristo, que, sem interrupção de tempo, se RENOVA de modo incruento em nossos altares”. *“Semper meminerimus oportet, totam expiationis virtutem ab uno Christi cruento sacrificio*

pendere, quo, sine temporaria intermissione, in nostris altaribus incruento modo RENOVATUR”.

(2) *“Nihilominus (missa) est etiam sacrificium relativum, quod essentiali relatione refertur ad cruentum sacrificium crucis. Haec relatio non tantum in eo consistit, quod missa sit mera subiectiva recordatio passionis Christi, sed in eo, quod missa in se ex natura sua est modo oblationis sit sacrificii crucis obiectiva et realis repraesentatio et quodammodo instauratio et renovatio”.*

(3) *“Eucharistia est sacramentum perfectum Dominicae passionis, tanquam continens ipsum Christum passum”.* “A eucaristia é um sacramento perfeito da paixão do Senhor por conter o próprio Cristo padecente” (T. Aquino, op. cit., P. III, q. 73, art. 5, ad 2).

(4) *“Quamvis totus Christus sit sub utraque specie, non tamen frustra. Nam primo quidem, hoc valet ad REPRAESENTANDAM passionis Christi, in qua seorsum sanguis fuit a corpore”.* “Não é vão que todo o Cristo esteja sob cada uma das espécies, pois este fato serve para REPRESENTAR a paixão de Cristo, na qual o sangue se separou do corpo” (T. Aquino, op. cit., P. III, q. 76, art. 2. ad 1).

“Celebratio autem huius sacramenti... imago est quaedam REPRAESENTATIVA passionis Christi, quae est VERA IMMOLATIO”. “Poder-se-á chamar a celebração deste sacramento como REPRESENTATIVA da paixão de Cristo, por ser uma VERDADEIRA IMOLAÇÃO” (Id. ib., Pars. III, q. 83, art. 1, in respondeo).

“Sicut celebratio huius sacramenti est imago REPRAESENTATIVA passionis Christi, ita altare est REPRAESENTATIVUM crucis ipsius, in qua Christus in propria specie IMMOLATUS est”. “Assim como a celebração deste sacramento se constitui numa REPRESENTAÇÃO da paixão de Cristo, assim também o altar é REPRESENTATIVO da mesma cruz na qual Cristo em Sua própria espécie foi imolado” (Id., ib., P. III, q. 83, a. 1, ad 2).

(5) *“Is (Iesus Christus) igitur Deus et Dominus noster, etsi semel se ipsum in ara crucis, morte intercedente, Deo Patri oblaturus erat, ut aeternum illis redemptionem operaretur: quia tamen per mortem sacerdotium eius exstinguendum non erat, in coena novíssima, qua nocte tradebatur, dilectae sponsae suae Ecclesiae visibile (sicut hominum natura exigit) relinqueret sacrificium, quo cruentum illud semel in cruce peragendum repraesentaretur eiusque memoria in finem usque saeculi permaneret, atque illius salutaris virtus in remissionem eorum, quae a nobis quotidie committuntur, peccatorum applicaretur: sacerdotem secundum ordinem Melchisedech se in aeternum constitutum declarans, corpus et sanguinem suum sub speciebus panis et vinis Deo Patri obtulit ac sub earundem rerum symbolis Apostolis (quos tunc Novi Testamenti sacerdotes constituebat), ut sumerent,*

tradidit, et eisdem eorumque in sacerdotio successoribus, ut offerent, praecepit per haec verba: Hoc facite in meam commemorationem etc, uti semper catholica ecclesia intellexit e docuit. “Ele (Jesus Cristo), nosso Deus e Senhor, posto que havia de Se oferecer uma só vez a Deus Pai, morrendo no altar da cruz, para nele operar a redenção eterna; contudo... para deixar à Igreja, sua diletta esposa, um sacrifício visível (como exige a natureza dos homens) pelo qual fosse REPRESENTADO aquele sacrifício cruento que devia efetuar uma só vez na cruz... na última Ceia, na própria noite em que era entregue, declarando-Se constituído eternamente sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, ofereceu a Deus Pai Seu corpo e sangue, sob as espécies do pão e do vinho e, sob os símbolos destes mesmos objetos, os deu a tomar a Seus Apóstolos (que constituía então em sacerdotes do Novo Testamento) e lhes ordenou a eles e a seus sucessores no sacerdócio que os oferecessem por estas palavras: Fazei isto em memória de Mim, conforme a igreja católica sempre entendeu e ensinou”.

O papa Pio XII, em sua encíclica *Mediator Dei (Acta Apostolicis Sedis, 1947)*, enfatiza: “O sacrifício eucarístico REPRESENTA e RENOVA (*“repraesentat et innovat”*) todos os dias o da cruz”.

(6) “Pelo sacrifício eucarístico PROSEGUE (continua) o sacrifício da cruz, porquanto é determinação diviníssima do Redentor que o sacrifício consumado uma vez na cruz se tornasse PERPÉTUO e PERMANENTEMENTE na igreja; e que a razão desta perenidade se encontra na sagrada eucaristia, a qual oferece, não a simples semelhança ou memória, porém a mesma realidade verdadeira (*“rei veritatem ipsam”*), embora em forma ou espécie diferente” (Leão XIII, na encíclica *Charitatis Studium*).

A instrução da Sagrada Congregação dos Ritos, *Eucharisticum Mysterium*, elaborada ao lume do Concílio Ecumênico Vaticano II, na trilha da tradicional eucaristia, acentua: “Sacrifício (a missa) pelo qual se PERPETUA o sacrifício da cruz” (§ 3 a). “Na missa, Cristo PERPETUANDO de modo incruento pelos séculos o sacrifício consumado na cruz, a Si mesmo Se oferece ao Pai, através do ministério dos sacerdotes, para a salvação do mundo” (§ 3 c).

E o papa Montini, Paulo VI, definidor infalível (?) em memória de fé, agarra-se à antiga doutrina quando afirma haver Jesus Cristo instituído a missa “para PERPETUAR o sacrifício da cruz pelos séculos afora “ (Encíclica *Mysterium Fidei*, § 4).

(7) “*Ex hoc etiam explicatur VALOR INFINITUS sacrificii missae; etenim quo dignior est persona praestans obsequium, eo maioris pretii esse censetur eius obsequium*” (J. Mors, op. cit., p. 255).

.oOo.

E SERÁ A MISSA UM SACRIFÍCIO EXPIATÓRIO?

ADMITINDO-SE A MISSA como sendo, de sua própria natureza, um sacrifício e identificada com o holocausto da cruz, o qual ela repete, representa, renova e prolonga, a missa também, de acordo com a conceituação católica, expia e remite pecados.

Dentre os outros fins da missa (latrêutico, eucarístico e impetratório), o catolicismo destaca o PROPICIATÓRIO (1).

É de eficácia propiciatória, podendo ser oferecido pelos vivos e pelos defuntos, pelos pecados, pelas satisfações e pela penas inerentes ao pecado (2).

O Concílio de Trento, como é de sua praxe, comina a pena de excomunhão aos que negam o valor expiatório do holocausto eucarístico (3).

Como **sacrifício propiciatório**, nela se obtém expiação dos pecados E, como **sacrifício satisfatório**, ela remite infalivelmente, por ser, em si mesma, de valor infinito, as penas temporais devidas ao pecado.

Com efeito, no pecado há duplo aspecto: o da malícia e o da pena ou castigo merecido pelo pecado.

Volta à ribalta de sua teologia o clérigo perfilado sobre seus sapatos psicodélicos e de frente alçada para se manifestar:

A missa, como sacrifício de Cristo, é PROPICIATÓRIA para a malícia do pecado e também SATISFATÓRIA para a remissão da pena.

Esta remissão da pena aplica-se não somente aos vivos, senão também às almas do purgatório. Quando se manda celebrar a missa ou a ela se assiste por intenção das almas detidas no purgatório, elas são refrigeradas, suas penas aliviadas e reduzido o seu tempo de expiação.

A Instrução *Eucharisticum Mysterium*, elaborada pela Sagrada Congregação dos Ritos, de acordo com a mente do Concílio Ecumênico Vaticano II, o sintetizador de toda a tradicional eucaristiologia, assegura que na missa Cristo “Se oferece em sacrifício por nós ao Pai” (§ 3 b). Oferece-Se “para a salvação do mundo” (§ 3 c).

Sendo REPETIÇÃO do sacrifício da cruz, em cada missa Ele Se oferece pela expiação dos nossos pecados e pela satisfação das penas a eles atribuídas.

O papa João Batista Montini, Paulo VI, em sua encíclica *Mysterium Fidei*, condensou a dogmática sobre a missa e, sobre esse assunto, escreve: “Esta nova oblação do Novo Testamento que Malaquias profetizara, sempre a ofereceu a igreja, ensinada pelo Senhor e pelos Apóstolos, não só pelos pecados, penas, expiações e outras necessidades dos fiéis vivos, mas também em sufrágio dos defuntos em Cristo, ainda não de todo purificados” (§ 29). “Na realidade, qualquer missa celebrada oferece-se não apenas pela salvação de alguns, mas pela salvação do mundo inteiro”(§ 32).

Paulo VI, em seu arrazoado, invoca o testemunho do Senhor e dos Apóstolos.

Lendo-se os relatos de Mateus, Marcos, Lucas e Paulo sobre a fundação da Ceia não se vislumbra nas palavras de Jesus nenhuma referência, sequer remotíssima, de se constituir ela em sacrifício expiatório e satisfatório. Ao longo deste livro, “*ad nauseam*”, constatamos resumir-se a Ceia a um memorial, a um símbolo da morte de Jesus Cristo.

Os Apóstolos, de sua parte, afirmam o oposto dos desejos pontifícios.

Paulo Apóstolo, em sua Epístola aos Hebreus (?), discorre sobre a todo-suficiência do sacrifício de Cristo, em contraste com a inocuidade dos holocaustos do Antigo Testamento: **“É isto uma parábola [o Tabernáculo do Templo de Jerusalém] para a época presente; e, segundo esta, se oferecem assim dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto. Os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas e bebidas e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.**

Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo Seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção. Portanto, se o sangue de bode e de touros, e a cinza de uma novilha, aspergida sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo que, pelo Espírito eterno, a Si mesmo Se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus vivo!”(Hebreus 9.9-14).

Os sacrifícios da Velha Dispensação requeriam repetição diária decorrente de sua insuficiência. Na estrutura teológica da missa requer-se sua repetição constante, diária. A inocuidade da missa, por conseguinte, equivale à dos antigos holocaustos.

“Entretanto, nesses sacrifícios [inclusive no da missa] faz-se recordação de pecados todos os anos, porque é impossível que sangue de touros e de bodes [inclusive o vinho] remova pecados” (Hebreus 10.3-4).

Se esses sacrifícios que exigem repetição ou renovação fossem expiatórios, **“teriam cessado de ser oferecidos, porquanto os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados”** (Hebreus 10.2).

Na palavra do Apóstolo, a suficiência de Cristo é absoluta, plena, a dispensar quaisquer retoques em Sua Obra redentora: **“Aproveu a Deus que nEle residisse toda a plenitude, e que havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio dEle reconciliasse consigo mesmo todas as cousas, que sobre a terra, quer nos céus. E a vós outros também, que outrora éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da Sua carne, mediante a Sua morte, para apresentar-vos perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis”** (Colossenses 1.19-22).

E o Senhor “nos destinou”, sublinha Paulo Apóstolo, **“para Ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de Sua vontade, para louvor da glória de Sua graça, que Ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de Sua graça”** (Efésios 1.5-7).

O testemunho de Pedro secunda o depoimento de Paulo em contraposição à assertiva do pontífice vaticano: **“Sabendo que não foi mediante cousas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”** (1ª Pedro 1.18-19).

Onde o suposto valor da missa intensiva e extensivamente considerado quando o testemunho do apóstolo João é de que o sangue de Jesus nos purifica de TODO o pecado? (1ª João 1.7).

Purifica-nos o sangue de Jesus **INTENSIVAMENTE** de todo o pecado, inclusive das penas a ele atribuídas. E **EXTENSIVAMENTE** pela sua suficiência em nos lavar de todos eles por maior que seja a quantidade.

A OBRA EXPIATÓRIA e SATISFATÓRIA de Cristo é INFINITA em sua perfeição e de VALOR INFINITO em seus métodos – TODO-

SUFICIENTES – para nos expiar e remir de todo o pecado, sendo executada uma ÚNICA vez.

Dispensa repetição aquilo que é suficiente.

Se uma alimentação só me fosse suficiente para todo um mês, eu não a repetiria ou renovaria duas ou três vezes por dia.

Por ser TODO-EFICIENTE o holocausto de Cristo, É TODO-SUFICIENTE. Em sendo TODO-SUFICIENTE, ou seja, de VALOR INFINITO, absolutamente desnecessária, inútil, inócua, absurda, impossível, inconcebível a Sua repetição.

O depoimento bíblico põe-se, como sempre, ao lado da lógica!

“Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus; NEM AINDA PARA SE OFERECER A SI MESMO MUITAS VEZES, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio. Ora, neste caso, seria necessário que Ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, Se manifestou UMA VEZ POR TODAS, para aniquilar pelo sacrifício de Si mesmo o pecado. E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, vindo depois disso, o juízo, assim também Cristo, tendo-Se oferecido UMA VEZ PARA SEMPRE para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação” (Hebreus 9.24-28).

“Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado...Então acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a Tua vontade... Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a OFERTA do corpo de Jesus Cristo, UMA VEZ POR TODAS. Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados; Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, UM ÚNICO SACRIFÍCIO pelos pecados, assentou-Se à destra de Deus... Porque com UMA ÚNICA OFERTA aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados. E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito: Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz Senhor: Porei no seu coração as Minhas leis, e sobre as suas mentes as inscreverei. Acrescenta: Também de nenhum modo Me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre. Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado” (Hebreus 10.8-18).

O perdão, a expiação e a satisfação são definitivas, plena e irreversíveis que Deus promete esquecer-Se dos pecados de quem confiar no sacrifício de Jesus Cristo: **“DE NENHUM MODO ME**

LEMBRAREI DOS SEUS PECADOS E DAS SUAS INIQUIDADES, PARA SEMPRE... POIS PARA COM SUAS INIQUIDADES USAREI DE MISERICÓRDIA, E DOS SEUS PECADOS JAMAIS ME LEMBRAREI!”
(Hebreus 10.17; 8.12).

Ora, se o testemunho dos Apóstolos e do Senhor Jesus opõem-se em definitivo à teologia romana também quanto ao valor expiatório e satisfatório da missa, recorramos à lógica.

Será que, pelo menos a lógica, estará do lado do pontífice?

Em sendo a Bíblia, como Palavra de Deus, coerente, a lógica forçosamente tem que estar do seu lado.

Senão, vejamos!

Se o holocausto do Gólgota é pleno, perfeito, todo-eficiente e, por isso, todo-suficiente para o perdão completo, definitivo, de todos os pecados – e, em consequência, ocorrido uma só vez –, não temos necessidade alguma de mais sacrifício. Por conseguinte, o suposto sacrifício da missa é inútil. Se o sacrifício da cruz nos purifica de todos os nossos pecados, não há mais pecados a serem purificados pela missa.

Dogmatizar-se que a missa expia os pecados e satisfaz por suas penas com a mesma eficácia do sacrifício de Cristo a cruz ou ensinar que o sacrifício eucarístico é necessário depois de consumado o do Calvário, é o mesmo que afirmar a inutilidade do sangue de Jesus Cristo vertido na cruz por necessitar do concurso, do auxílio ou do retoque da missa.

Admitir-se a eucaristia como sacrifício é, portanto, uma blasfêmia contra a morte de Cristo e um acinte ao Seu precioso sangue.

Há, outrossim, outro protesto da lógica contra a missalatria!

Se cada missa, pelo fato de repetir o sacrifício do Calvário, é, em si mesma, de valor infinito e é um sacrifício satisfatório pelas penas e castigos devidos ao pecado, bastará uma única missa para libertar do purgatório todas as almas que lá se encontram.

Aliás, as penas são finitas. Do contrário, aquelas almas estariam no inferno e não no purgatório, de acordo com os ensinamentos romanistas.

Por muitas penas ou castigos que uma alma deva pagar no purgatório, jamais chegariam a se tornarem infinitos. A soma de todos os finitos nunca perfaz o infinito.

Em sendo, na conceituação católica, de valor infinito a missa, uma só bastaria para saldar todas as dívidas de todas as pobres almas padecentes nas chamas purgatoriais, libertando-as de uma vez por todas do purgatório.

Ora bem! Porque o sacerdote celebra tantas missas por uma só alma?

DOCUMENTAÇÃO:

(1) *“Missa non solum sacrificium latreuticum et eucharisticum, sed etiam propitiatorium et impetratorium est”*. “A missa é, não só sacrifício latrêutico e eucarístico, mas também propiciatório e impetratório” (J. Mors, op. cit., p. 277).

(2) *“Et quoniam in divino sacrificio quod in missa peragitur, idem ille Christus continetur, et INCRUENTO immolatur, qui in ara crucis semel ipsu CRUENTE obtulit, docet sancta synodus sacrificium istud vere PROPITIATORIUM esse... eadequem est hostia, idem nunc offerens sacerdotum ministerio, qui seipsum tunc in cruce obtulit sola offerendi ratione diversa... Quare non solum pro fidelium vivorum peccatis, poenis, satisfactionibus, et aliis necessitatibus, sed et pro defunctis in Christo, nondum ad plenum purgatis, rite, iuxta apostolorum traditionem, offertur”*. “E porque no divino sacrifício que se faz na missa, contém-se e é imolado INCRUENTAMENTE o mesmo Cristo que, no altar da cruz, Se ofereceu uma só vez em sacrifício CRUENTO, o santo sínodo ensina que este sacrifício é verdadeiramente PROPICIATÓRIO... e a mesma é a vítima, e o mesmo oferente no ministério dos sacerdotes, que a Si mesmo ofereceu na cruz, diferindo apenas na razão diversa de oferecer... Pelo que se oferece não somente a favor dos pecados, penas, satisfações e outras necessidades dos fiéis vivos, mas também a favor dos mortos em Cristo, que ainda não estão plenamente purificados, segundo os ritos e a tradição dos Apóstolos” (Concílio de Trento, Sess. XXII, cap. 2 – D. 940).

(3) *“Si quis dixerit missae sacrificium tantum esse laudis, et gratiarum actionis, aut nudam commemorationem sacrificii in cruce peracti, non autem PROPITIATORIUM; vel soli prodesse sumenti; neque pro vivis et defunctis, pro peccatis, poenis, satisfactionibus, et aliis necessitatibus offerri debere: anathema sit”*. “Se alguém disser que o sacrifício da missa é somente de louvor e de ação de graças, ou simples comemoração do sacrifício consumado na cruz, e não também de PROPICIAÇÃO; ou que só vale a quem o recebe; e que não deve ser oferecido pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades dos vivos e dos mortos: seja excomungado” (Concílio de Trento, Sess. XXII, cn. 3 – D. 950).

.oOo.

O PULO PELA JANELA!

COLHIDO EM FLAGRANTE pelo marido traído, se lhe for possível, o sedutor salta pela janela e se enfia nas trevas da noite...

Surpreendida pela lógica bíblica e desmascarados os seus arrazoados eucarísticos, a teologia vaticana estrebucha, contorce-se, enrosca-se e desenrosca-se nos estertores do malicioso e desvairado antievangelho e, astuta, enganadora, dá um pulo pela janela de sua sofismática.

O sacrifício CRUENTO de Cristo, de fato, não pode ser repetido. É um evento histórico localizado no tempo passado. Impossível, outrossim, a sua repetição porque de valor infinito. A Bíblia tem toda a razão e nós da teologia vaticana assim também admitimos. Eis a falação, entre estrebuchos, da artificiática pontificia.

Mas – e aqui ela abre a janela para o pulo da fuga! – mas, a missa é um sacrifício INCRUENTO. Então, pode repetir-se.

E lá vem o papa Montini, Paulo VI, a empurrar o pulo janela a fora: “O Senhor imola-Se de modo INCRUENTO no sacrifício da missa” (*Mysterium Fidei*, § 34).

Ele, para que o empurrão seja mais vigoroso, se planta na definição do Concílio de Trento: “Neste divino sacrifício [a missa] encontra-se contido e imolado INCRUENTAMENTE aquele mesmo Cristo que na ara da cruz Se ofereceu uma vez CRUENTAMENTE... É, na verdade, uma só e a mesma hóstia, um mesmo sacerdote que Se oferece agora pelo ministério dos sacerdotes depois de haver oferecido a Si mesmo outrora na cruz; SÓ É DIVERSO O MODO DE OFERECER-SE” (Sess. XXII, cap. 2).

A palavra de seu antecessor, Pio XII – Pio XII é o apelido do sr. Eugênio Paccelli, morto em 1958 – ajuda-o no arremesso: “Nunca se deixe de advertir que o sacrifício eucarístico é pela mesma natureza, a imolação INCRUENTA da Vítima Divina, que fica patente pela separação das sagradas espécies e pela oblação das mesmas feita ao Eterno Pai” (*Mediator Dei, in Acta Apostolicis Sedis*, 1947, p. 563).

Cruento, diz qualquer dicionário, significa sanguinolento, ou seja com derramamento de sangue. E incruento, o contrário. Isto é, sem derramamento ou espargimento de sangue

Afinal de contas, onde o catolicismo foi encontrar essa terminologia?

Na Bíblia?

Nunca!

Encontrou-a nos cueiros de sua própria origem. Reencontrou-a, ao final da Idade Média, no paganismo antigo, o seu manancial inexaurível. À deusa Vênus, conforme noticia o historiador Tácito, só era lícito oferecerem-se sacrifícios incruentos (cf. *Hist.*, lib. II; Bryant, Tom. III, p. 226). O profeta Jeremias, ademais, menciona o sacrifício incruento à rainha dos céus com hóstias de farinha (44.15).

Ora bem, a missa e o Gólgota são “um e mesmo sacrifício”, afirma o Vaticano. A diferença, contudo, reside no modo de ser oferecido um e outro – “*sola offerendi ratione diversa*”. Ocorre esta diferença em razão da oferta ou oblação, porquanto é impossível ser repetido como sucedeu no Calvário, cruentamente, ou seja, sem os véus do mistério. Então, no altar o mesmo sacrifício se repete de modo incruento, ou seja, Cristo Se imola sob os véus sacramentais.

“*Idem ille Christus in hoc divino sacrificio continetur et INCRUENTE immolatur, qui in ara crucis semel seipsum CRUENTE obtulit*”. “Neste divino sacrifício [a missa] encontra-se contido e imolado, INCRUENTAMENTE, Aquele mesmo Cristo que na ara da cruz Se ofereceu uma vez CRUENTAMENTE” (Concílio Ecumênico de Trento, Sess. XXII – cap. 2 – D. 940).

Assim sofisma a teologia romana. Sim! O sacrifício de Cristo, segundo as Escrituras, só foi efetuado cruentamente uma única vez. Na eucaristia a repetição do único holocausto da cruz, a Vítima Invisível é imolada CRUENTAMENTE tantas vezes quantas permitir Deus aos sacerdotes.

Diz-se que a avestruz, quando açodada pelo caçador, enterra a cabeça na areia, pensando escapar do perigo.

A teologia vaticana comporta-se como a avestruz.

O seu salto pela janela a fez complicar-se ainda mais.

Em tantos documentos bafejados com a infalibilidade (?) proclamou constituir-se a missa em sacrifício expiatório ou propiciatório e satisfatório. Ora, é impossível a expiação ou remissão de pecados sem sangue.

A Bíblia, a bendita Palavra de Deus, é claríssima! **“Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma: porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida”** (Levítico 17.11). **“E sem derramamento de sangue não há remissão”** (Hebreus 9.22).

À luz da Bíblia, pois, expiação e perdão são fatos íntima e essencialmente relacionados com o espargimento ou efusão do sangue de uma vítima.

“Sine effusione sanguinis non fit remissio!”

Ao tempo de estudante no Seminário Católico ouvi “*ad nauseam*” essa frase. Repetiam-na os preletores com o propósito de nos

incutirem a necessidade da penitência sacramental e a física para se obter o perdão dos pecados.

De tanto ouvir essa esdrúxula hermenêutica dessa sentença bíblica, nunca a ligara ao conceito de sacrifício. Só mais tarde, ao estudar a eucaristia em confronto com as Escrituras, durante o doloroso processo de minha conversão, é que entendi que não pode haver expiação ou remissão de pecados e satisfação pelas penas quando não há derramamento de sangue no sacrifício.

Portanto, se INCRUENTO quer dizer SEM SANGUE, a própria teologia romana, mais uma vez, reconhece ser a missa um arremedo imperfeito, uma caricatura blasfema do Divino Holocausto.

SACRIFÍCIO INCRUENTO! Jamais este último vocábulo poderá adjetivar o primeiro. Há entre ambos uma “*contradictio in terminis*”. São contraditórios. A cruentidade é característica essencial do sacrifício, que requer o aniquilamento da vítima. No caso de ser um animal ou um homem a vítima, seu sangue será evidentemente efundido. Incorreu, apesar de sua propalada infalibilidade, em ululante obtusidade o papa Pio XII ao considerar a missa como “imolação incruenta da Vítima Divina”.

Complica-se a situação da sofismática eucaristiólatra do romanismo com a agravante de ser o “sacrifício incruento” absoluta e inteiramente incompatível com o dogma da transubstanciação. Este consiste, de conformidade com a doutrina vaticana, na conversão do pão e do vinho em Corpo, SANGUE, Alma e Divindade. Se, sob as duas espécies, “está Cristo completo, presente na Sua realidade FÍSICA, mesmo CORPORALMENTE”, como ensina Paulo VI (*Mysterium Fidei*, § 46), de modo especial o VINHO se transubstancia em SANGUE de Cristo.

Ora, se o vinho, de fato, se convertesse pela transubstanciação em SANGUE de Cristo, a missa seria um sacrifício CRUENTO, pois em sua celebração haveria efusão de SANGUE.

Se, porém, é ela um sacrifício INCRUENTO, como quer a missalatria, o vinho continua VINHO sem se transubstanciar em SANGUE.

Afinal, como há o católico sincero de, ao se esclarecer sobre as doutrinas de sua eucaristia, sair-se dessa? Se crê na transubstanciação, a sua fé na missa se transforma num insulto ao holocausto de Cristo por admiti-lo insuficiente e ineficaz. Se crê na INCRUENTIDADE da missa há de rejeitar a transubstanciação, incorrendo assim na excomunhão, ou seja, a expulsão de sua seita religiosa.

E agora, clérigo plantado sobre os sapatos e de viseira petulante, que mistificação urdirás?

Dever-se-ia levantar uma barreira à desfaçatez. Esta atinge o auge e transborda pelos labirintos confusos da sofistaria vaticana a tresandar nauseabundos miasmas que intoxicam e embrutecem as mentes dos seus fervorosos fiéis.

Perdido nos meandros labirínticos da sua seita, o clérigo de topeira esvoaçante ainda geme: A missa é o sacrifício expiatório e satisfatório porque APLICA os méritos de valor infinito de Cristo, adquiridos em Sua imolação do Calvário.

Eis aí outra diferença entre os sacrifícios da missa e o do Calvário sublinhada pelos teólogos modernos.

Lá, no Gólgota, Cristo conseguiu, dada a Sua Divindade, méritos infinitos, que não no sacrifício da missa, sem conseguir novos méritos e sem operar nova satisfação, apesar de ser Ele mesmo o Sacerdote e a Vítima, APLICADOS às almas (1).

É o que o pontífice Montini, Paulo VI, lembra quanto à missa “a oferecer-se a si mesma como sacrifício universal, e APLICA, pela salvação do mundo inteiro, a única e infinita eficácia redentora do sacrifício da cruz” (*Mysterium Fidei*, § 32).

A emenda torna-se pior do que o soneto!

Se a missa simplesmente aplica os frutos satisfatórios e meritórios do sacrifício da cruz, então não pode ser reconhecida como sacrifício. Reduz-se apenas a um veículo, um instrumento.

De novo invocamos o testemunho do Senhor e dos Apóstolos. O depoimento deles também se opõe a esta suposição da teologia romanista.

O veículo pelo qual Deus comunica a Sua graça e os méritos de Jesus Cristo é exclusivamente a FÉ.

Jamais o Senhor atribuiu a qualquer objeto sensível (água, óleo, pão ou vinho) a incumbência de comunicar ao pecador os frutos sacrossantos do Calvário consubstanciados superlativamente no dom da vida eterna. **“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, PARA QUE TODO O QUE NELE CRÊ não pereça, mas tenha a vida eterna”**, diz Jesus em João 3.16.

Na serpente levantada por Moisés no deserto encontra-se o tipo e a figura de Jesus Cristo alçado na cruz **“para que todo O QUE NELE CRÊ tenha a vida eterna”** (João 3.15).

A FÉ, o instrumento único estabelecido por Deus na transmissão dos frutos satisfatórios e meritórios do Calvário, é, para significar a sua importância e a sua indispensabilidade, comparada, pelo próprio Mestre, aos atos fundamentais da vida humana, como o beber, o ver, o ir, o comer (cf. João 4.14; 6.37, 54, dentre muitos outros).

A fé, SOMENTE a fé, EXCLUSIVAMENTE a fé, é o veículo na aplicação dos méritos salvíficos da cruz. **“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna”**, assegura Jesus em João 6.47.

Magnífico é, outrossim, o testemunho de Paulo Apóstolo em sua Epístola aos Romanos: **“Ao qual [Jesus Cristo] Deus propôs para PROPICIAÇÃO pela FÉ no Seu SANGUE para demonstrar a Sua justiça pela REMISSÃO dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus”** (3.25).

O depoimento de Pedro também se sintoniza com o do Mestre e o de Paulo, quando afirma: **“Sois guardados pelo poder de Deus MEDIANTE A FÉ, para salvação para revelar-se no último tempo”** (1ª Pedro 1.5). Aos que nEle crêem garante, com as expressões mais claras e incisivas, a salvação completa: **“Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão eternamente, e ninguém as arrebatará da Minha mão”** (João 10.28). Por isso, **“bem-aventurados os que não viram, e creram”** (João 20.29).

O crente evangélico em Cristo Jesus tem segurança inamovível, inabalável, de sua salvação eterna por que, pela FÉ, – esse único e exclusivo veículo da graça estabelecido pelo Senhor – concedeu-lhe Deus a vida eterna.

O católico, em contrapartida, vive na incerteza e na insegurança. E, quanto mais fervoroso for, mais angustiado é.

Quanto mais recebe a hóstia em comunhão nas missas que assiste, mais sua alma se imerge na angústia.

Que paz poderá oferecer-lhe uma religião caracterizada, desde seus fundamentos, pela rebeldia acintosa contra a luminosa Verdade do Evangelho?

A Verdade do Evangelho nos apresenta Cristo como ÚNICO e EXCLUSIVO REDENTOR, porque o Seu sacrifício de VALOR INFINITO, TODO-EFICIENTE, é TODO-SUFICIENTE para salvar, conceder vida eterna ao pecador que, arrependido, O aceita pela fé – EXCLUSIVAMENTE PELA FÉ – nessas condições de exclusividade e todo-suficiência.

“Justificados, pois, mediante A FÉ, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de Quem obtivemos igualmente acesso, PELA FÉ, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriemo-nos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5.1-2).

DOCUMENTAÇÃO:

(1) *“Et ideo effectum quem passio Christi fecit in mundo, hoc sacramentum fecit in homine”*. “Por isso, os efeitos que a paixão de

Cristo fez no mundo, esse sacramento faz no homem” (T. Aquino, op. cit., P. III, q. 79 art. 1, ad 2).

“*Per hoc sacramentum participes efficimur fructus Dominicae passionis*”. “Por este sacramento tornamo-nos participantes do fruto da paixão do Senhor” (Id. ib., P. III, q. 83, art. 2, *in respondeo*).

.oOo.

ENFIM, CAVOU O SEU PRÓPRIO ABISMO

ENFOQUE DA DOCTRINA CATÓLICA

A EUCHARISTIÁTICA PROCLAMA a presença real, física, corpórea de Cristo (o mesmo Cristo nascido da Virgem Maria e que foi pendurado na cruz) sob as espécies do pão e do vinho, efetivada pela transubstanciação.

Essa presença, que começa na “consagração” da missa (*in fieri*), é permanente no sacramento (*in facto esse*).

A hóstia, o sacramento da presença permanente de Cristo completo (Corpo, Sangue, Alma e Divindade) deve receber o culto latrêutico, que só a Deus se tributa.

A presença real, corpórea, física de Cristo sob os acidentes do pão e do vinho, pela transubstanciação, dá à missa o caráter de sacrifício idêntico ao sacrifício de Cristo.

Como sacrifício idêntico ao sacrifício de Cristo, a missa é a repetição, a renovação, a representação (apresenta de novo) do holocausto do Gólgota.

São teses da eucaristolatria definidas como dogmas de fé pela hierocracia do Vaticano. Definidas *ex cathedra* são impostas à crença dos fiéis com severas ameaças de anátemas e excomunhões.

Acuados pelo testemunho da Bíblia, Palavra de Deus, e pela lógica, os hierarcas, embora proclamem a identidade entre a missa e o Calvário – “*unum idemque*” = um e o mesmo – ao preconizarem residir a única diferença entre ambos no modo cruento ou incruento de serem oferecidos, no Concílio de Trento, fenderam uma brecha e sempre, inclusive no Concílio Ecumênico Vaticano II, a têm conservado aberta para que lhes sirva de válvula de escape.

Colhidos em flagrante tergiversação com a sua própria dogmática, resolveram sofismar outra diferença entre o Calvário e a missa ao explicarem que a segunda aplica às almas os frutos do primeiro.

A clareza incontestável das Sagradas Escrituras e o vigor inamolgável da lógica forçam os hierarcas romanistas, porque rejeitam a honestidade da submissão à Verdade, a ilaquear a credulidade dos seus fiéis com outra panacéia.

É da essência do sacrifício a imolação da vítima, reconhecem os teólogos vaticanos. E, em sendo a missa um sacrifício, por conseguinte, a imolação de Cristo é essencial. E esta imolação acontece na “consagração” sob as espécies SEPARADAS do pão e do vinho (1).

Em outras palavras! A imolação da Vítima Divina se efetiva porque Jesus Cristo se torna presente sob as duas espécies separadas. De um lado, o Seu corpo sob a espécie de pão. E, de outro lado, o Seu sangue escondido nas aparências do vinho.

Ora, dá-se a morte da vítima no sacrifício exatamente quando o sangue se separa do corpo.

Eis a elucidação sobre a missa como sacrifício!

E assim ela repete, renova, representa (apresenta de novo), pereniza a imolação do Gólgota.

A explicação católica é contestada vigorosamente pela Bíblia e pela Razão como constatamos em capítulos anteriores. Não se dão por vencidos os hierarcas clericais e estabeleceram à revelia da Bíblia e da Inteligência a mefistofélica diferença entre CRUENTIDADE e INCRUENTIDADE nos sacrifícios (2).

Recalcitrantes ainda numa ululante pertinácia, recorreram ao sofisma de ser a missa o instrumento de aplicação dos méritos e frutos propiciatórios e satisfatórios do sacrifício da cruz.

Enquanto seus fiéis se submetem com docilidade, seguem afirmando que sobre o altar da missa está Jesus padecente. Impressionam aos seus auditórios citando campanudas frases latinas dos “luminares” da seita como Tomás de Aquino: *“Proprium est huic sacramento quod in eius celabratione Christus immoletur”*. “Ser Cristo imolado neste sacramento é próprio de sua celebração” (Op. cit., P. III, q. 79, art. 4, ad 3).

Se alguém, contudo, lhes retruca com a notícia bíblica sobre a atual e gloriosa impassibilidade de Cristo, posto à destra do Pai, objeção esta nesse livro já desenvolvida, recorrem eles à panacéia de uma imolação MÍSTICA.

Sim, dizem eles, Cristo é impassível. Por isso, não pode mas ser imolado física ou corporalmente.

A Sua imolação no altar da missa é MÍSTICA. Acontece, prossegue, na “consagração” eucarística o verdadeiro sacrifício de Cristo com a separação das espécies que, de modo incruento e MÍSTICO, renova Sua imolação cruenta na cruz. Salva-se assim a identidade entre os dois sacrifícios porque na missa também acontece a MORTE MÍSTICA de Cristo.

O sacrifício único de Cristo – que inclui a Sua morte – por um prodígio do poder divino se torna presente sob os SÍMBOLOS sacramentais, perenizando-se e atualizando-se misticamente.

“*Repetitur enim in missa MYSTICE id quod in cruce REALITER peractum est*”. “Repete-se, portanto, MISTICAMENTE, na missa aquilo que se consumou REALMENTE na cruz” (J. Mors, op. cit., p. 259) (3).

É A CONFISSÃO DA DERROTA!

Agrava-se o impasse da eucaristiática!

A) Apesar da ênfase de Pio XII dada ao “modo admirável” (?) encontrado pela “Divina Sabedoria”, a exegese romana, por muito que vasculhe os versículos das Sagradas Escrituras, nem com o hábito de isolar um verso do seu contexto, é capaz de descobrir algum que, mesmo de longe, favoreça um tênue vislumbre de haver se manifestado a Divina Sabedoria a respeito do admirável modo (?) MÍSTICO de se encontrar Cristo em estado de Vítima imolada no altar da missa.

Toda a teologia católica é um imenso e confuso labirinto cheio de desvãos e vielas tortuosas, becos sem saída, atalhos em zigue-zague, que se cruzam e entrecruzam, gerando uma confusão de diabos.

Da eucaristiologia, que lhe oferece infra-estrutura, pois dela, por ser o centro e o coração do romanismo, procede a vitalidade, inclusive econômica, da seita papal.

Mas qual é o sentido do vocábulo MÍSTICO?

Procede ela do adjetivo grego “MYSTIKOS”, de “mystes” do qual vem também o termo “mistério”). Sinonimiza-se com misterioso, alegórico, figurado (“falando de coisas religiosas”, sublinham os dicionários).

Por isso, nas Escrituras encontram-se o sentido literal e o místico ou figurado.

B) Esta escapatória de imolação mística aprofunda e alarga o bátrato das contradições e contrassensos da missática.

Com efeito, se se manifesta o sacrifício de Cristo por meio de SINAIS EXTERNOS que SIMBOLIZAM a morte de Cristo, conforme quer Pio XII (*Mediator Dei*), como se explica a transubstanciação?

Se, pela transubstanciação, Cristo Se fez presente sob as espécies de pão e de vinho com o Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade, como agora a mesma teologia transubstancionista se sai com essa da misticidade da imolação?

Onde os símbolos se a presença é real, física?

O Concílio de Trento (Sess. XXII, cap. 1 – D. 938) diz que Cristo entregou à igreja um sacrifício VISÍVEL, como exige a natureza do homem – “*visibile sicut hominum natura exigit*”. Como se elucida agora essa VISIBILIDADE consentânea com a exigência da natureza do homem com o aspecto MÍSTICO, ALEGÓRICO, FIGURADO da missa? Em quem se há de crer para escapar das penas excomungatórias? Se se crê no Tridentino, incorre-se nas penas de Pio XII e do Vaticano II. Se se crê nestes e em Paulo VI, incorre-se nos anátemas de Trento.

Quando essa teologia será coerente com a sua própria doutrina?

São os teólogos vaticanos uns mistificadores baratos quando querem defender a misticidade (e mistificação) da missa!

Quando se trata da transubstanciação ficam pé na mudança real das substâncias do pão e do vinho em Jesus Cristo e, como consequência, na presença real, física, corporal de Jesus; pela transubstanciação “está Cristo completo, presente na Sua REALIDADE FÍSICA, mesmo CORPORALMENTE”, sublinha Paulo VI (*Mysterium Fidei*, § 46).

Agora, quando se trata da missa, a imolação é MÍSTICA. O pão e o vinho “consagrados” são SÍMBOLOS.

Afinal, o pão e o vinho transubstanciados são o próprio Cristo presente em Sua realidade física ou são SÍMBOLOS? São MÍSTICOS?

C) O sacrifício da missa repete, representa, verdadeiramente o sacrifício da cruz? Ambos se identificam? Ou a missa é apenas um memorial místico do Gólgota?

Havia nas emissoras radiofônicas paulistas a propaganda de certo produto farmacêutico para emagrecimento. No intento de despertar o interesse dos ouvintes, a propaganda levava na gozação a mulher muito gorda que, de tão cheia de banhas, se se apertava deste lado a banha saía por outro; se se apertava por baixo, saía por cima...

É o caso da eucaristologia. Mostra-se um absurdo aqui, ela escapa por ali; aponta-se uma contradição numa tese, ela se esgueira por outro lado; enfoca-se um ilogismo, ela se sai com outro sofisma; acusa-se o embuste na deturpação da Bíblia, Palavra de Deus, ela se agacha nas sombras do seu labirinto teológico...

Que de teologia só tem a alcunha...

D) A essência do sacrifício na missa se dá com a “consagração” em duas espécies separadas. De um lado, o corpo sob as aparências de pão. Do outro lado, o sangue debaixo dos acidentes do vinho. Separado do corpo o sangue, eis a morte.

Pois bem, a doutrina católica ensina que sob as espécies do pão está o corpo todo, inclusive o sangue e, por isso, recusa o cálice aos fiéis. Comungando a hóstia, comungam eles também o sangue.

Se no pão está incluso o sangue, então, de fato, não ocorre aquela separação a fim de que se consuma a imolação da vítima. Nem de modo místico.

A missa é, enfim, miscelânea, um mistifório (= uma salada arquiconfusa). É o cúmulo da mistificação. Uma aberrante encenação teatral feita com uma indigesta mistura de judaísmo e paganismo, apresentada nas ribaltas do embuste.

E pior! É uma caricatura sacrílega do sacrifício redentor de Jesus Cristo a provocar nos mais fervorosos e sinceros fiéis católicos a insegurança espiritual como resultado da permanente e angustiante dúvida quanto à salvação eterna das suas almas.

Desmascará-la é, portanto, valioso serviço prestado à Causa do Evangelho.

Expor ao ridículo suas contradições se constitui num valioso serviço prestado à Inteligência.

O Evangelho e a Inteligência denunciam à luz da Revelação Divina a falcatrua da missalatria e à luz do próprio contexto eucarístico as suas ululantes contradições.

Só os misósofos são missásosofos!

O Concílio de Trento com a sua inquisitorial empáfia, sentencia: “Se alguém disser que na missa não se oferece a Deus um verdadeiro e próprio sacrifício, ou que aquilo que se oferece não é outra coisa senão o que Cristo nos dá para comer; seja excomungado”. “*Si quis dixerit in missa non offerri Deo verum et proprium sacrificium, aut quod offerre non sit aliud quam nobis Christum ad manducandum dari; anathema sit*” (Sess. XXII, cn. 1).

Prefiro arriscar-me ao anátema, à excomunhão dos vaidosos e procrastinadores hierarcas vaticanos, os cristóvoros cristicidas, e ficar do e ao lado da Verdade.

Da Verdade do Evangelho de ser Jesus Cristo o nosso ÚNICO e TODO-SUFICIENTE Redentor, cujo sangue é TODO-SUFICIENTE para nos purificar de todo o pecado, sendo a FÉ – EXCLUSIVAMENTE A FÉ – o instrumento, o veículo, pelo qual Ele nos outorga a graça da salvação.

DOCUMENTAÇÃO:

(1) *Eucharistia est “sacramentum perfectum Dominicae passionis continens ipsum Christum passum”*. A eucaristia é o “sacramento perfeito da paixão de Cristo por conter o próprio Cristo padecente” (T Aquino, op. cit., P. III, q. 75, art. 6, ad 1).

“*Essentia missae ut veri sacrificii in sola utriusque speciei consecratione consistit*”. “A essência da missa como verdadeiro sacrifício consiste só na consagração de ambas as espécies” (J. Mors, op. cit., p. 264).

(2) “Nunca se deixe de advertir que o sacrifício eucarístico é, pela sua mesma natureza, a imolação INCRUENTA da Vítima Divina, que fica patente pela separação das sagradas espécies e pela oblação das mesmas feita ao Eterno Pai” (Pio XII, *Mediator Dei in Acta Apostolis Sedis*, 1947).

(3) “Com efeito, na cruz, Ele [Jesus] ofereceu totalmente a Deus o Seu Ser e os Seus sofrimentos, e a imolação da Vítima foi consumada por meio de uma morte cruenta livremente sofrida; no altar, ao contrário, por causa do estado glorioso da Sua natureza humana, “a morte não tem mais domínio sobre Ele” (Romanos 6.9) e, por isso, não é possível efusão de sangue; mas a Divina Sabedoria encontrou o modo admirável de tornar manifesto o sacrifício do nosso Redentor por meio de SINAIS EXTERNOS que SIMBOLIZAM a morte. De fato, pela “transubstanciação” do pão no corpo e do vinho no sangue de Cristo, tem-se realmente presente tanto o Seu corpo como o Seu sangue; e as

espécies eucarísticas, sob as quais está presente, simbolizam a cruenta separação do corpo e do sangue. Assim, a comemoração de Sua morte, que foi real no Calvário, repete-se em cada sacrifício do altar, porque, por meio de SÍMBOLOS distintos, Jesus Cristo é significado e Se nos mostra em estado de vítima” (Pio XII, ib.).

.oOo.

EPÍLOGO

**“FAZEI ISTO, todas as vezes
que o beberdes,
EM MEMÓRIA DE MIM.
Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes
o cálice, ANUNCIAIS a morte do Senhor, ATÉ QUE ELE
VENHA”
(1ª Coríntios 11.25-26)**

**“O Meu sangue... derramado em favor
de muitos,
para REMISSÃO de pecados”
(Mateus 26.28)**

**“Àquele que nos ama, e pelo Seu sangue nos libertou dos
nossos pecados...
A Ele glória e domínio
pelos séculos dos séculos. Amén”
(Apocalipse 1.5-6)**

A CEIA DO SENHOR

RETROCEDAMOS ao passado!

As trombetas do Templo soaram a anunciar o ocaso do sol no horizonte e o princípio do dia 14 de nizan.

Adensa-se o crepúsculo...

Apressem-nos! Queremos presenciar tudo, desde o início, lance por lance...

Subamos a escadinha exterior. Toda em pedra, dá acesso a um eirado soalheiro, muito usado pelos judeus para as orações da tarde. Ao último degrau, descortina-se-nos, encimada de clarabóias quadradas, uma grande sala de festim. É o **anaigon** dos gregos ou o **cenaculum** dos latinos.

Largos divãs amaciados com almofadões circundam a mesa redonda coberta de alvejante toalha de franjas vermelhas a roçar o pavimento ladrilhado.

* * *

Entre todas as festividades para o israelita a Páscoa se destacava.

Se se desejar compreender-lhe o significado e acompanhar-lhe o ritual, releia-se o capítulo 12 do livro de Êxodo, onde Moisés registra sua instituição.

Adrede preparados para a ceia legal, dispunham-se os pratos e as taças rituais. O anho branco, macho, de um ano e sem defeito, assado aos calores do fogo vivo tendo sido suspenso com espetos de romanzeiras sem lhe quebrarem qualquer osso. Pães ázimos, o **matzot** dos judeus, esses biscoitos de farinha triga, sem fermento, que representavam o pão feito, às carreiras, por ocasião da fuga histórica do Egito.

O **harozet**, o molho avermelhado feito sob fórmula assaz minuciosa, de amêndoas, tâmaras e figos, macerados num fio de vinagre, que memorava os tijolos amassados com o barro do Nilo. Maços de rábanos, escarolas, salsas e agriões como lembrança das amarguras curtidas à soma das pirâmides. As taças recheias da bebida composta de dos terços de água e um de vinho.

A luz azulada do crepúsculo entra pela clarabóia, misturando-se com a claridade amarela dos candeeiros. E tudo é envolvido e penetrado pelo devaneio melancólico do anoitecer.

Os convivas abluem os dedos. Distribuem-se pelos assentos em ordem de precedência.

Treze homens reclinam-se sobre os grandes leitos apoiando o braço esquerdo sobre os coxins, enquanto o direito fica livre para se servir dos manjares.

É Jesus e os Seus Doze...

Celebram a Páscoa!

Sobressai uma voz. Solene e grave. Repassada de emoção e ternura:

“Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta páscoa, antes do Meu sofrimento. Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus” (Lucas 22.15-16).

O murmúrio generalizado revela tristeza e apreensão.

A taça de metal cintila aos reflexos dos lampadários suspensos do teto.

Jesus, o chefe do grupo, pronuncia uma oração ritual e lança a bênção sobre o cálice que sustenta nas mãos. Prova o vinho.

A taça circula de mão em mão.

Entra o prato das ervas amargas sobre o qual Jesus impetra a bênção e dele toma algumas folhas, molha-as no **harozet** cor-de-tijolo e mastiga-as, sendo, ato contínuo, imitado pelos discípulos.

Chega o cordeiro assado com as **“ervas amargas”** e vegetais aromáticos de sabor pronunciado, como o orégano, o loureiro, o tomilho e o manjerição, que a culinária grega e a turca ainda hoje dispõem em volta do carneiro.

Um dos discípulos-comensais pede ao presidente a explicação do rito.

Ao apresentar o cordeiro, Jesus exclama: “Esta é a Páscoa do Senhor!”

E expõe com minúcias a libertação do Egito.

Corre o segundo brinde.

A terceira etapa do banquete pascal é precedida por nova absterção das mãos.

Toma Jesus, como presidente do festim, de um pão ázimo, parte-o, come um dos seus pequeninos pedaços de mistura com as ervas amargas, bem empapadas no molho do **harozet**. Distribuí do pão partido e do molho-cor-de tijolo aos Doze.

Abençoa Jesus o cordeiro. Trincha-o. E a cada um cabe um naco.

Recita a primeira parte do **Hallel**, hino formado pelos salmos hebraicos 113-118, que celebra o recuo prodigioso das águas do Mar Vermelho e do Rio Jordão para abrir passagem ao êxodo do povo escolhido.

Roda o terceiro brinde, chamado a “taça da bênção” e entoia-se a segunda parte do **Hallel**, o cântico de graças.

A **mixná**, além dos acréscimos ao prato ritual instituído pelo Senhor, estabelecia que a Ceia Pascal não ultrapassasse da meia-noite.

Em consequência, o festim se prolongava por horas, sendo o seu rito enriquecido de palestras alegres sobre assuntos diversos.

Cantado o **Hallel**, consumara-se em definitivo a Páscoa judaica como se encerraria na tarde seguinte a Velha Dispensação, caducar-se-ia a Lei, extinguir-se-ia o sacerdócio levítico e os sacrifícios de animais.

O grande **Hallel** desta noite arrematou para todo o sempre a histórica solenidade dos israelitas.

Extintas se tornaram as abluções rituais das mãos.

Gesto inusitado!

Tudo aconteceu antes do quarto brinde... Em outros anos, segundo o costume, nesse ínterim, havia um autêntico banquete sem os imperativos das cerimônias especiais.

O Mestre ergue-se da presidência. Despe-se do **“himation”**, o mantém exterior. Cinge sobre a túnica uma grande toalha de linho. Enche de água a bacia das superadas abluções.

Prostra-Se por terra...

Estupefactam-se os discípulos. Jamais participaram de uma Ceia Pascal em clima tão carregado de emoções e a culminar com a espantosa cena de o Presidente Se prostrar na posição dos escravos.

Posição dos escravos a lavar-lhes os pés...

A pompa do ritualismo judaico fora vencida pela humildade evangélica!

* * *

“E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu dizendo: ISTO É O MEU CORPO OFERECIDO POR VÓS; FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM. Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: ESTE É O CÁLICE DA NOVA ALIANÇA NO MEU SANGUE DERRAMADO EM FAVOR DE VÓS” (Lucas 22.19-20).

* * *

O relato evangélico é sucinto como simples é a Ceia do Senhor.

Entre esta e a Páscoa judaica cavam-se diferenças abismais.

A Páscoa judaica memorava o êxodo do Egito. Centrava-se seu simbolismo no cordeiro. Cercavam-no pomposos e complicados ritos, desde a sua seleção sob rigoroso critério.

O cordeiro, se comemorava um evento posto na História pretérita, tipificava, outrossim, um acontecimento futuro na Pessoa de Jesus Cristo a Se imolar na cruz.

Chegara o verdadeiro anho. **“Eis o Cordeiro de Deus!”**, clamara o Batista precursor.

Na cruz consumiria os pecados dos crentes nEle.

Concretizara-se em esplêndido acontecimento o prenúncio repetido pelo cordeiro pascal sacrificado a cada 14 de nizan. Esta comemoração, carregada de mensagem profética, perdera agora sua razão de ser.

Extinguiu-a a cruz, em cujos braços Se dependurara o Cordeiro de Deus.

O festim pascal olhava para o futuro. Chegara esse futuro. Caducou o rito hebreu!

A Ceia do Senhor, instituto inteiramente novo, memora o evento do Calvário já acontecido e anuncia outro episódio futuro. Lembra a redenção da cruz e reaviva a expectativa da segunda vinda de Jesus: **“ATÉ QUE ELE VENHA”** (1ª Coríntios 11.26).

Os elementos simbólicos da Ceia são outros. Não se concentram em carnes de um animal e sim em pão e vinho.

Seu rito é de uma eloquente simplicidade. Seu dia de celebração, sem se restringir ao 14 de nizan, é qualquer um: **“todas as vezes”**.

Seu significado é o da libertação espiritual, da alforria do pecado.

A Ceia do Senhor não substituiu a Páscoa israelita. Nem a prolonga. As diferenças características de cada uma separam-nas por inteiro.

A Ceia do Senhor é instituto novo! Sem vínculo algum com o festim judaico.

* * *

“ISTO É O MEU CORPO... ESTE CÁLICE É A NOVA ALIANÇA NO MEU SANGUE...”

De todo conveniente um Memorial de Sua morte. Como a confiaria à lembrança fortuita dos homens?

No pão, o símbolo do corpo de Jesus! Do corpo que se prostrou à raiz das oliveiras.. Do corpo que rolou exânime na sala dos açoites... Do corpo que arfou sob o peso do madeiro... Do corpo que pendeu do patíbulo... Do corpo por nós dado...

No vinho, a figura do Seu sangue! Do sangue que molhou o Getsêmani... Do sangue que lavou o pretório do procônsul... Do sangue que gotejou as ruas jerosolimitanas... Do sangue que manou da cruz... Do sangue por nós espargido...

Na Ceia, O MEMORIAL de Sua morte vicária e expiatória.

“Partiu o pão...” A publicar o esfacelamento do Seu corpo e a revelar-se-nos vítima por Sua própria vontade.

Ao celebrar a Ceia, arde-nos o coração com a inefável e enlevante lembrança do Seu sacrifício, ÚNICO porque de VALOR INFINITO. Somos modos à gratidão ao Senhor pelo dom de nossa salvação eterna.

* * *

O culto externo, visível, a Deus é da essência da religião. E o sacrifício é o mais excelente culto.

Ausente o sacrifício, falta à religião o essencial. Sabem-no todas as religiões.

As falsas, por isso, promovem contínuos holocaustos.

O Evangelho de Jesus só tem um sacrifício. De valor infinito. Absoluto. Pleno. Definitivo. Único. Irrepetível. Irrenovável.

Memorado na Ceia, instituída como lembrança e despida da idéia de tornar em realidade presente e concreta o sacrifício da cruz.

Só o Evangelho é a verdadeira religião porque somente ele se firma no único sacrifício verdadeiro.

* * *

Por que o pão? Por que o vinho?

Por três motivos!

O pão é o que é e o vinho é o que é depois de tanto sofrer.

O trigo atravessa os rigores do inverno, é triturado sob o calvário do moinho, submete-se ao fogo intenso antes de se tornar pão...

As uvas sujeitam-se ao getsêmani do lagar, onde a sua vida é esmagada para se tornarem vinho...

Que outros elementos, pois, simbolizariam a paixão e a morte de Cristo?

Ao longo da História, na natureza, não há alimento que mais haja nutrido os homens do que o pão e o vinho. Que outro alimento se coadunaria ao simbolismo de Jesus, o alimento supersubstancial a saciar-nos a fome da fé?

Afinal, assim como o pão é feito da multiplicidade dos grãos trigos e o vinho da multiplicidade das uvas, assim a multidão dos crentes. Multidão que ninguém pode contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas... Multidão compacta na fé em Cristo.

* * *

Memorial da morte de Jesus, a Ceia é ainda o anúncio de Sua gloriosa volta para, nas culminâncias da História, arrebatara Sua Igreja, a multidão dos crentes.

Ao ouvirmos este anúncio na figura das espécies do instituto memorativo revitaliza-se a nossa segurança de estarmos com Cristo. Esse anúncio que nos rejubila a alma pela certeza absoluta, inamovível, de nossa salvação eterna.

Ao participarmos da Ceia, nós, os crentes, não buscamos vida eterna. Temo-la já. Desde quando nos convertemos, segundo as Escrituras, a Jesus Cristo.

Ao celebrarmos o rito memorativo e anunciador, nossos olhos se levantam na radiosa alegria da aproximação do Rei:

**MARANATA! MARANATA!
VEM, SENHOR! VEM, SENHOR!
ALELUIA!!!**

* * *

